



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS
NO CERRADO

MAGNA DE SOUZA MOREIRA

**“ESTE NOBRE COMPANHEIRO ERA AMIGO DE VERDADE,
JÁ GANHOU O REINO DO CÉU, JÁ GANHOU A ETERNIDADE”:**
as poéticas da revivescência e os mortos na devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo
de Bulhões, Goiás.

Anápolis

2024

Magna de Souza Moreira

**“ESTE NOBRE COMPANHEIRO ERA AMIGO DE VERDADE,
JÁ GANHOU O REINO DO CÉU, JÁ GANHOU A ETERNIDADE”:**
as poéticas da revivescência e os mortos na devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo
de Bulhões, Goiás.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na área interdisciplinar, linha de pesquisa 3: Patrimônio e Expressões Culturais no Cerrado

Orientadora: Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia

Anápolis

2024

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 11 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, a partir das 09:00 horas, na sala 101 da UnuCSEH – Nelson de Abreu Júnior, em formato híbrido, realizou-se a sessão de julgamento da dissertação da discente **“Magna de Souza Moreira”** que apresentou o tema **“ESTE NOBRE COMPANHEIRO ERA AMIGO DE VERDADE, JÁ GANHOU O REINO DO CÉU, JÁ GANHOU A ETERNIDADE: as poéticas da revivescência e os mortos na devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões Goiás.”**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores: Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia (Orientadora), Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Membro Interno), Dra. Tereza Caroline Lôbo (SEDUC) (Membro Externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente as questões levantadas pela banca.

Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia (Orientadora)

aprovado () reprovado.

Assinatura Maria Idelma Vieira D'Abadia

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Membro Interno)

aprovado () reprovado.

Assinatura Eliézer

Dra. Tereza Caroline Lôbo (SEDUC) (Membro Externo)

aprovado () reprovado.

Assinatura Tereza Caroline Lobo

Resultado Final: aprovado () reprovado.

Observações:

Reaberta a sessão pública, a Orientadora proclamou o resultado e encerrou a sessão às 10:50 horas, da qual foi lavrada a presente ata que será assinada pelo discente e pelos membros da banca examinadora supracitada.

Discente: Magna de Souza Moreira

À minha querida mãe, Dona Miguelina Tavares de Souza (*in memoriam*), cuja força e carinho me sustentaram ao longo do percurso. Sua memória vive em cada conquista e esta dissertação é dedicada ao seu amor e à sua presença inesquecível em minha vida.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o modo como as poéticas da revivescência — compreendendo cânticos, liturgia e paisagens sonoras — recuperam os mortos, as memórias individuais e afetivas, e integram o grupo em torno de uma memória coletiva dos devotos de São Sebastião nas cidades de Silvânia e Leopoldo de Bulhões, em Goiás. As paisagens sonoras e o contexto religioso desempenham um papel crucial na recuperação das trajetórias devocionais ou biográficas de um fiel defunto, contribuindo para a integração dos devotos vivos à corporação dos devotos falecidos, que já repousam no Céu. Dessa forma, esta pesquisa problematizará a morte na devoção, abordando narrativas de morte prenunciada, homenagens realizadas, a ritualística em torno do morto presente e do morto ausente, a morte no catolicismo popular goiano, catástrofes envolvendo milagres dos oragos e os devotos que por eles clamaram em situações de morte iminente. A hipótese é que através da manifestação dos devotos, as memórias dos mortos, antigos devotos e familiares destes dos dias atuais, são resgatadas nas festas de São Sebastião, fato que pode contribuir para a manutenção da devoção até os dias de hoje. Este estudo se propõe a analisar o corpo que reza, mas que também sucumbe, entendendo a festa ao orago como o limiar entre dois mundos: o dos vivos e o dos mortos. Para alcançar esses objetivos, será realizada uma pesquisa de campo com observação participante para coleta de dados, seguida pela triangulação deles. Esta abordagem será complementada pelos aportes teóricos sobre as poéticas da revivescência e da morte, que serão discutidos especialmente no capítulo III, bem como sobre o catolicismo popular, tema abordado no capítulo I.

Palavras-chave: Mortos. Poéticas da revivescência. São Sebastião. Catolicismo popular. Memória.

ABSTRACT

This research aims to reflect on how the poetics of revival—encompassing chants, liturgy, and soundscapes—bring back the dead, individual and affective memories, and integrate the group to present a collective memory of São Sebastião devotees in the cities of Silvânia and Leopoldo de Bulhões, in Goiás, Brazil. Soundscapes and the religious context play a crucial role in recovering the devotional or biographical trajectories of a deceased devotee, contributing to the integration of the living devotees into the community of deceased devotees, who already rest in heaven. Thus, this study will explore the concept of death within devotion, addressing narratives of foretold death, tributes paid, rituals surrounding the present and absent dead, death in popular Catholicism in Goiás, catastrophes involving miracles of the patron saints, and the devotees who invoked them in moments of imminent death. The hypothesis is that through the manifestation of devotees, the memories of the deceased—both former devotees and their present-day family members—are revived during São Sebastião festivities, a phenomenon that may contribute to the continuity of this devotion to the present day. This study aims to analyze the body that prays but also succumbs, understanding the feast of the patron saint as the threshold between two worlds: the living and the dead. To achieve these objectives, field research will be conducted using participant observation for data collection, followed by data triangulation. This approach will be complemented by theoretical contributions on the poetics of revival and death, discussed particularly in Chapter III, as well as on popular Catholicism, addressed in Chapter I.

Keywords: Dead. Poetics of revival. São Sebastião. Popular Catholicism. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 MEU SÃO SEBASTIÃO É MEU GUERREIRO FORTE: O TEMPO E O ESPAÇO DA DEVOÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE SILVÂNIA E LEOPOLDO DE BULHÕES (CAPELINHA DO MATO GRANDE).....	22
1.1 "OH MÁRTIR GLORIOSO, MEU SÃO SEBASTIÃO, COM FÉ EU INVOCO TUA PROTEÇÃO": A DEVOÇÃO AOS SANTOS – HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO DE SÃO SEBASTIÃO EM GOIÁS	22
1.2. “A BANDEIRA FOI CHEGANDO E NO ARCO ELA PAROU”: ANÁLISE DA DEVOÇÃO A SÃO SEBASTIÃO NA FOLIA DE SILVÂNIA GOIÁS E NA CAPELA DO MATO GRANDE	31
1.3. “ANDOU NA COMUNIDADE LEVANDO SUA BENÇÃO PARA TODA HUMANIDADE”: ORIGEM E CONTINUIDADE, O REINADO DE SÃO SEBASTIÃO NA CAPELINHA DO MATO GRANDE	46
2 “O SENHOR SÃO SEBASTIÃO ESTÁ MUITO SATISFEITO”: AS FESTAS E SUAS RITUALIDADES VOTIVAS	60
2.1 “DEUS VOS SALVE O BELO ALTAR E TAMBÉM TODAS AS IMAGENS”: ESPAÇOS DE DEVOÇÃO: ALTARES, SÍMBOLOS E A POÉTICA.....	60
2.2 “VEIO SAGRAR SUA RESIDÊNCIA E ACHOU MUITO RESPEITO”: COMENSALIDADE E VIDA SOCIAL: TROCAS SIMBÓLICAS	70
3 “A PORTA DO CÉU ABRIU E APARECEU UM VÉU”: AS POÉTICAS DA REVIVESCÊNCIA E OS MORTOS.....	81
3.1 “RECEBEU SÃO SEBASTIÃO E ALEGROU O SEU SENTIDO”: O SANTO, OS MORTOS E AS METÁFORAS.....	81
3.2 “AO OUVIR O MEU CANTAR/JÁ VEIO NO SEU SENTIDO/ALEMBROU DO SEU ESPOSO/E DO SEU FILHO QUERIDO”: UMA POÉTICA DA REVIVESCÊNCIA	91
3.3 “AO OUVIR NO MEU CANTAR/JÁ VEIO NO SEU SENTIDO/ALEMBROU DO SEU ESPOSO/E DO SEU FILHO QUERIDO”: UMA POÉTICA DA REVIVESCÊNCIA	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frente da Capela de São Sebastião em Silvânia – Goiás	33
Figura 2: Altar da capela de São Sebastião em Silvânia - Goiás.....	33
Figura 3: Chegada da folia e recepção da bandeira na casa do Mario, anfitrião de São Sebastião. Silvânia – Goiás	38
Figura 4: Reverência de um devoto à bandeira e ao altar na casa do Mario, anfitrião de São Sebastião em Silvânia, Goiás	40
Figura 5: Encontro das Folias de São Sebastião (2024)	43
Figura 6: Mapa Município de Bonfim, Goiás	50
Figura 7: Mapa Capelinha do Mato Grande	51
Figura 8: Distância entre Silvânia e Leopoldo de Bulhões	53
Figura 9: Altar na casa do rei – Festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)	55
Figura 10: Altar na casa do rei – Festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)	55
Figura 11: Caminho de luz para procissão de entrada – Festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande	56
Figura 12: Entrega da Bandeira no Altar – Festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)	57
Figura 13: Benção pelo celebrante – Festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)	58
Figura 14: Altar no rancho do Mario na festa de São Sebastião em Silvânia – Goiás	62
Figura 15: Lenço envolto ao pescoço dos foliões. Festa de São Sebastião em Silvânia – Goiás	66
Figura 16: Altar na casa do rei – festa de São Sebastião na Capelinha do Mato Grande, Leopoldo de Bulhões – Goiás	67
Figura 17: As coroas do rei e da rainha - festa de São Sebastião em Mato Grande, Leopoldo de Bulhões – Goiás	68

Figura 18: Passagem das coroas para festeiros do ano de 2025 - festa de São Sebastião em Mato Grande, Leopoldo de Bulhões – Goiás	69
Figura 19: Cozinha da folia de São Sebastião em Silvânia – Goiás	74
Figura 20: Mesa posta na folia de São Sebastião em Silvânia – Goiás	75
Figura 21: Cozinha da folia de São Sebastião em Silvânia – Goiás	75
Figura 22: Cozinha da folia de São Sebastião- Silvânia – Goiás	78
Figura 23: Folia de São Sebastião - Silvânia – Goiás	84
Figura 24: Folia de São Sebastião - Silvânia - Goiás	87
Figura 25: Imagem do Zé Carreiro - Silvânia - Goiás	89
Figura 26: Foto de Nego Barroso com sua esposa	92
Figura 27: Dona Maria do Nego Barroso	95
Figura 28: Dona Maria do Nego Barroso	95
Figura 29: Foliões e cantores de folia de Silvânia	102
Figura 30: Neto de Nego Barroso	107
Figura 31: Saudação à memória dos falecidos na Capelinha do Mato Grande	109

LISTA DE QR CODES

QR CODE 1 - 9º dia da novena de São Sebastião	10
QR CODE 2 – Um pouco da história de São Sebastião	28
QR CODE 3 – Igreja de São Sebastião - Silvânia - Goiás	33
QR CODE 4 – Folia de São Sebastião	37
QR CODE 5 – Encontro das bandeiras de São Sebastião (2024)	43
QR CODE 6 - Devotos de São Sebastião finalizam homenagem ao santo com novena, em Silvânia	45
QR CODE 7 – Apresentação da Catira na festa de São Sebastião na capelinha do Mato Grande	77
QR CODE 8 – Apresentação da Catira na festa de São Sebastião na capelinha do Mato Grande	79
QR CODE 9 – Folia de São Sebastião	88
QR CODE 10 – Folia de São Sebastião	101
QR CODE 11 – Folia de São Sebastião	103
QR CODE 12 – Folia de São Sebastião	103

INTRODUÇÃO

Lidar com a morte não parece ser algo simples e, nem de longe, se trata de um fato meramente biológico ao ser humano. O homem, dotado de racionalidade, que é sua característica essencial e fundamental, é capaz de questionar muito sobre o tema morte e, especialmente, sobre todo o mistério que a envolve.

Ao longo da história, a morte foi tema de debate filosófico e teológico e, em cada época, teve em sua reflexão opiniões diferentes com relação ao tratamento dado aos mortos, pois aceitar a perda de um ente querido não é tarefa fácil. Talvez, para amenizar a dor da perda, garantir a felicidade de quem já morreu e honrar sua memória, os povos da Grécia e da Roma Antiga, acreditavam que se deveria, por obrigação, perpetrar um funeral digno e zelar pelo túmulo dos moribundos. Esperavam que dessa forma os mortos ficariam felizes e assim, continuariam entre os familiares vivos, como deuses, protegendo e cuidando de quem na terra ainda vivesse.

Sobre este tema, trazendo as narrativas da Grécia Antiga, Coulanges aponta que:

as necessidades do morto são escrupulosamente satisfeitas para que este não venha a se tornar alma errante, sofrendo, assombrando e enviando doenças e má sorte à família; a morte os transformava em seres sobrenaturais e os ritos os transformavam em deuses subterrâneos (Coulanges, 2009, p.26).

Os costumes dos antigos povos gregos e romanos influenciaram de maneira significativa as práticas ritualísticas de morte no ocidente cristianizado, conforme afirma Coulanges: “assim se estabeleceu toda uma religião da morte, cujos dogmas podem ter desaparecido rapidamente, mas cujos ritos duraram até o triunfo do cristianismo” (2009, p. 27).

O cuidado com os mortos ainda é mantido pelos cristãos. A forma de tratar o tema morte, contudo, se deu de maneira diferenciada ao longo da história do cristianismo. Os cristãos medievais aceitavam a morte com maior naturalidade. Se preparar para morrer era uma atitude corriqueira e não se tinha medo disso. Assim, “a morte tornara-se um acontecimento de maiores consequências, convinha pensar nela mais particularmente. Mas não se havia tornado nem apavorante nem obsessiva. Continuava familiar e domada” (Ariès, 1977, p.42).

O autor sugere que, na Idade Média, a morte era considerada um fenômeno domesticado. Entende com este argumento que se preparar para a morte era algo natural e ela fazia parte do cotidiano da sociedade, havendo uma certa intimidade com ela.

No entanto, o historiador, em suas investigações, revela o que constitui o cerne de suas descobertas: como a percepção da morte evoluiu de uma experiência familiar e domesticada na Idade Média para uma condição repelida, maldita e temida atualmente. Hoje em dia, evita-se,

de maneira geral, discutir ou refletir sobre a morte. Contudo, é notável que praticantes de determinadas religiões, como os católicos, especialmente aqueles ligados à religiosidade popular, ainda preservam costumes antigos. Entre esses costumes está o hábito de rezar pelos mortos, pedir para que as almas guardem suas casas, celebrar o Dia de Finados e reviver, por meio de rituais e da tradição oral, a memória daqueles que já faleceram. Desta forma, no catolicismo popular, há alguns rituais que lembram a maior aceitação da morte que era vigente no mundo antigo.

Vale ressaltar que os costumes cristãos de zelar pelos mortos e alimentar uma conexão entre o mundo dos vivos e dos mortos no Brasil podem se aproximar dos rituais de matrizes africanas. Um exemplo disso é a prática de colocar água no cruzeiro para as almas das pessoas que morreram com sede, baseada na crença de que os mortos vagam com sede.

Assim,

muitos rituais praticados pelo fiel católico podem se aproximar ou ser semelhante a alguns rituais da religiosidade afro-brasileira no cruzeiro. A possibilidade de aproximação das práticas pode estar relacionada ao contato cultural ocorrido por séculos, possibilitando que haja a elaboração e uma reelaboração contínua das práticas religiosas populares, cuja dinâmica se desenrola no âmbito cultural de uma sociedade mestiça, na transmissão das práticas existentes no universo familiar e no contato com outras experiências religiosas (Castro, 2012, p. 90).

O autor nos incita a refletir sobre as semelhanças entre os rituais da religiosidade afro-brasileira e os rituais de memória dos mortos, presentes no sincretismo da religiosidade popular. Tais práticas podem ter sido moldadas pela herança afro-brasileira, configurando-se como um espaço de encontro e transformação de diferentes tradições culturais e religiosas.

Antes de prosseguir com a pesquisa nas terras de Bomfim¹, tornou-se necessário realizar uma abordagem sistemática sobre a devoção a São Sebastião em Goiás, considerando que há inúmeras capelas dedicadas a esse santo no estado. Acredita-se que tal devoção esteja associada ao êxito da criação de gado e aves, e das plantações na região, dado que São Sebastião é tradicionalmente invocado em situações de iminente escassez de alimentos, sendo considerado o santo protetor contra a fome. Com base nos depoimentos de frequentadores da festa de São Sebastião em Silvânia, como o Sr. Souza e o Sr. Jerônimo, destaca-se que um dos principais motivos para a devoção ao santo está relacionado ao seu papel de protetor da agricultura e da pecuária regional. Conforme relato do Sr. Jerônimo, a festa em honra a São Sebastião ainda é celebrada como forma de agradecimento pelo sucesso das colheitas, sendo também reconhecido o cuidado do santo com os rebanhos. O testemunho de seu Abelinho, também participante da

¹ Usar-se-á Bomfim quando se referir à Silvânia enquanto cidade antiga de Bomfim, e Bonfim para se referir exclusivamente ao padroeiro.

festividade, reforça essa visão ao mencionar que até os dias atuais é comum ofertar bezerras e porcos como forma de gratidão ao santo.

As evidências em campo confirmaram que a maioria dos participantes da festa de São Sebastião permanece vinculada às atividades agrícolas e pecuárias. No entanto, verificou-se um aumento na participação de indivíduos provenientes de outros setores da comunidade, como comerciantes, advogados, professores, políticos e empresários, entre outros segmentos, conforme registrado na pesquisa de campo.

Motivos é o que não faltam para justificar a devoção ao orago, visto que São Sebastião é também venerado como protetor contra pestes, um fator que pode ter contribuído para a disseminação de sua devoção, especialmente considerando que o Brasil enfrentou diversas epidemias ao longo de sua história, incluindo ebola, febre amarela, gripe espanhola, gripe suína, hanseníase, peste bubônica, sarampo, SARS, MERS, sífilis, tifo e tuberculose, entre outras.

Durante a pandemia de COVID-19, o culto a São Sebastião sofreu alterações significativas. De acordo com o depoimento da devota Vilma Helena, em Silvânia, a tradicional folia foi interrompida. No entanto, a novena foi realizada na Igreja Matriz do Senhor do Bonfim, respeitando todas as recomendações do Ministério da Saúde, como a redução do número de participantes, o uso obrigatório de máscaras e o distanciamento social. Segundo Vilma, os nove dias de novena foram transmitidos ao vivo através do Facebook da paróquia e pelo canal da igreja no YouTube, garantindo a continuidade da celebração, mesmo em um contexto de restrições.

QR CODE 1 – 9º dia da novena de São Sebastião



Paróquia Nosso Senhor do Bonfim de Silvânia. Facebook

Conforme pode ser comprovado ao acessar o QR CODE acima, a fé em São Sebastião motivou os devotos a prestarem culto ao santo, mesmo diante das dificuldades e do desejo de estarem reunidos. Esse fato não os impediu de agradecer ao padroeiro pelas graças e promessas recebidas naquele ano. Igualmente, mantiveram a devoção com o intuito de pedir graças especiais ao santo, como o livramento da contaminação e complicações da doença.

No Povoado do Mato Grande, a recitação do terço foi realizada na área externa da capela. Ao término da cerimônia, os devotos distribuíram o tradicional doce de São Sebastião, que foi entregue em potes com tampa, seguindo todas as precauções sanitárias recomendadas. Além disso, conforme relataram os devotos, a imagem do padroeiro estava adornada com uma fita preta amarrada aos pés, simbolizando a memória das pessoas da comunidade que faleceram em decorrência da COVID-19.

Ao refletir sobre a morte como um evento que separa fisicamente as pessoas, mas que não apaga as lembranças construídas ao longo da vida, justifica-se o tema geral escolhido para essa pesquisa, que se desenvolve nas cidades de Silvânia e Leopoldo de Bulhões: “As poéticas da revivescência e os mortos na devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões”.

A devoção ao santo é passada de geração em geração, fato comprovado ao participar de um almoço de folia em Silvânia –GO (cidade pertencente às antigas terras de Bomfim) no mês de julho de 2022. Pôde-se evidenciar muita união entre gerações de famílias que se doavam, cada um com suas características individuais, para que a entrega da folia acontecesse e o santo fosse venerado. Jovens e velhos se misturavam para manter costumes deixados pelos antepassados e, graças ao esforço de cada um, o orago recebe todos os anos as homenagens que lhe são devidas. As cantorias, rezas, gestos e palavras lembravam e revivesciam antigos devotos que já morreram. Da letra de uma das cantorias, cujo conteúdo homenageava, em memória, um antigo folião de São Sebastião na comunidade do Mato Grande, zona rural de Leopoldo de Bulhões, se inspirou o título deste trabalho: “ESTE NOBRE COMPANHEIRO ERA AMIGO DE VERDADE, JÁ GANHOU O REINO DO CÉU, JÁ GANHOU A ETERNIDADE”.

A delimitação espacial escolhida onde se desenvolveu esta pesquisa foram as terras de Bomfim – GO: Reinado de São Sebastião na capelinha do Mato Grande zona rural de Leopoldo de Bulhões Goiás (20 de janeiro) e a Festa e a folia de São Sebastião na cidade de Silvânia Goiás (mês de julho).

O recorte temporal selecionado para este estudo foi pesquisar as poéticas da revivescência e os mortos na devoção à São Sebastião nos anos de 2022 e 2024, datas que coincidiram com a permanência da pesquisadora no programa de mestrado e com o final das entrevistas que corroboram com essa dissertação. A delimitação temporal e espacial se justificou pelo fato de existir uma hipótese de que os devotos de São Sebastião de Leopoldo de Bulhões perseveraram até hoje na manutenção dos gestos votivos e festivos ou participação

porque as poéticas da revivescência manifestas recuperam os mortos, as memórias individuais e afetivas e integram o grupo em torno de uma memória coletiva.

Pode-se afirmar que as poéticas manifestas na festa de São Sebastião, como as cantorias, os versos improvisados, o toque dos instrumentos, as danças e as rezas tiveram e ainda têm o potencial de reviver em memória as pessoas falecidas que participaram das festividades em tempos passados. Entende-se que os mortos, mesmo não estando mais entre os devotos vivos, ainda contribuem, por meio da memória, para a manutenção das festas e pertencem à companhia celestial que também louva o Sagrado. Nesta perspectiva, existe uma singular comunhão entre os membros e, especialmente, o desejo de dar continuidade à devoção por resgate à memória familiar e por gratidão aos falecidos. “Assim, podemos entender que os santos de devoção familiar ficam inscritos na história coletiva e nas práticas de culto e, como teias de significado, são passadas, como uma herança cultural e religiosa, por gerações” (Nascimento, 2019, p. 83). Entende-se que para constatação desta hipótese, será suficiente pesquisar a devoção atualmente, ou seja, o devoto de hoje lidando com a morte na prática festiva e ritualística. No entanto, se incluirá na pesquisa a coleta de dados sobre o surgimento das festas ou folia e da memória daqueles falecidos que há muito tempo, quando ainda partícipes, colaboraram para a continuidade desta devoção.

Academicamente, este trabalho se justificou porque embora existam estudos sobre as folias goianas, suas ritualística, a devoção a São Sebastião e o catolicismo popular que as envolvem, percebeu-se que ainda há espaço para o debate sobre o tema proposto e ainda há o que se explorar já que discussões sobre as poéticas da revivescência e os mortos em festas do catolicismo popular em Goiás são escassas no ambiente acadêmico. Logo, partiu-se da compreensão do conceito de poética da revivescência como as expressões vocais, corporais, faciais, os gestos coreográficos, a musicalização em que “o real e o simbólico no transporte dos fatos ao público e ao ficcional, novos e indeterminados sentidos são construídos, abrindo espaço para a expressão simultânea de conteúdo estético e social” (Schiffler, 2014, p. 92). Nesse sentido, deve-se considerar a grande colaboração que esta manifestação religiosa tem para a constituição do patrimônio cultural imaterial do estado de Goiás. Sendo assim, este trabalho poderá juntar dados aos outros já realizados por estudiosos dos Estudos Culturais e áreas afins.

Relembrar o caminho percorrido por antigos partícipes poderá contribuir socialmente para agregar dados na memória coletiva dos participantes dos dias atuais. Também há de se considerar que, a partir do trabalho de campo, poder-se-á construir uma pesquisa de interesse para os moradores das antigas terras de Bomfim, sendo possível segundo interesse público, a

organização de material que servirá como fonte de pesquisa para estudantes e comunidade em geral. Isso poderá se concretizar no âmbito cultural, educacional, religioso e a quem mais se interessar por material de problematização e reflexão sobre as narrativas e sobre a história da cultura local.

O interesse pessoal por este estudo decorreu da constatação de que, apesar das dificuldades enfrentadas para a manutenção da devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões — como o êxodo rural, a modernização do espaço agrícola e o avanço do protestantismo —, os grupos de devotos continuam a perseverar. Ademais, o tema é particularmente relevante para a pesquisadora devido à tradição familiar que envolvia a participação nas festividades, atraindo avós, tios e amigos que, ao longo do ano, se preparavam, economizando ou fazendo promessas, para acompanhar as celebrações e receber os foliões em suas casas.

Um exemplo marcante é a casa de sua avó, Maria Tavares, na região das Caldas, no município de Leopoldo de Bulhões, onde a família se organizava anualmente para acolher os foliões de São Sebastião e Santos Reis. Recordações incluem o costume de beijar a bandeira, muitas vezes segurando a mão da mãe, devido ao temor do palhaço mascarado, que assustava as crianças com suas brincadeiras (nas folias de Reis onde aparece a figura do palhaço). A participação assídua de seus familiares nas devoções despertou, desde cedo, o interesse da pesquisadora por essas manifestações religiosas, como as rezas e cantorias repetidas pelos mais velhos.

Embora os membros da família não fossem frequentadores regulares das missas dominicais, devido à distância das igrejas localizadas majoritariamente em áreas urbanas, a vivência do Sagrado se manifestava em práticas como a veneração à bandeira, a reza do terço e as cantorias durante a folia. Essas práticas religiosas ofereciam consolo espiritual e a esperança de alcançar graças por intermédio de São Sebastião e outros santos.

Além disso, a devoção da família da pesquisadora, antiga residente da região de Bomfim, é digna de nota. Na casa da matriarca, havia um oratório de madeira que abrigava as imagens dos principais santos de devoção. Ali a avó, junto com filhos e netos, realizava preces pedindo proteção divina para a colheita, para os animais, para a saúde da família e até para a saúde dos vizinhos. Além disso, havia também o costume de ofertar esmola, como ocorre também nos dias de hoje na festa de São Sebastião. Segundo dona Miguelina², “toda pessoa da

² Entrevista concedida no ano de 2022. Dona Miguelina Tavares de Souza, falecida no ano de 2023, é mãe da pesquisadora.

casa segurava a bandeira, beijava e dava a esmola ao santo, que poderia ser qualquer quantia”. Durante o mês de janeiro, a casa recebia a Folia de Reis e, posteriormente, a de São Sebastião, em celebrações que se estendiam pelas noites, iluminadas pelo luar e pelos vaga-lumes, tornando o ambiente ainda mais especial.

Evidenciou-se que as práticas devocionais relacionadas às folias e festas em honra aos santos de devoção familiar, conforme narrado pela pesquisadora, guardam semelhança com as observadas nas festividades de São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões. Esse paralelo reforçou o argumento de que a preservação das memórias ancestrais desempenha um papel fundamental na manutenção da devoção e no engajamento da pesquisadora neste projeto.

Pode-se inferir que o mesmo fenômeno ocorre entre os devotos dessas festividades, onde a memória familiar e coletiva atua como um importante elemento motivador. As tradições herdadas dos antepassados oferecem um suporte contínuo para a perpetuação das práticas religiosas, conferindo às celebrações um sentido de identidade e pertencimento, essencial para sua continuidade.

Logo, acredita-se que o desejo de manter a devoção em honra dos que já morreram e que colaboraram para que as festas acontecessem, sustentam-na. Esses, mesmo não estando mais entre os devotos vivos, ainda contribuem para a manutenção da festa e pertencem à companhia celestial. Assim, existe uma singular comunhão entre os membros e, especialmente, o desejo de dar continuidade às devoções por resgate à memória familiar e por gratidão aos falecidos.

Vale ressaltar outro interesse pela pesquisa nas terras de Bomfim³: advém que antes mesmo de ser aceita no TECCER, a pesquisadora já estava inserida em um grupo de pesquisa coordenado pela professora Maria Idelma D’Abadia, fato que a atraiu para estudar a festa de São Sebastião na região de Leopoldo de Bulhões e Silvânia. Também, vale registrar a comoção ao encontrar tamanha fé em São Sebastião pelas pessoas daquela região.

Para explanação do tema, realizou-se um estudo pautado em pesquisadores que já contribuíram com a proposta. Prontamente, a revisão bibliográfica ajustou-se em obras que afinam com a temática desta pesquisa.

Com a intenção de compreender os estudos sobre o catolicismo popular, as festas e Folias em Goiás, recorreu-se aos autores: D’Abadia, Lôbo e Brandão. As pesquisas D’Abadia

³ O termo “Antigas Terras de Bomfim” foi atribuído pelo grupo de pesquisadores mencionado no texto, sob a coordenação de D’Abadia. Durante o mapeamento do território para a pesquisa, o grupo identificou mais de 70 municípios pertencentes às regiões de Meia Ponte e Silvânia. Assim, com o objetivo de facilitar a delimitação do estudo, o referido termo foi estabelecido como referência para o recorte da pesquisa.

(2017) apoiaram essa temática uma vez que seu enfoque aborda, principalmente, a questão espacial, palco no qual se concretizam as devoções populares. Os conteúdos de suas pesquisas evidenciam que a permanência da devoção se dá devido a transmissão de geração em geração, o que também parece ocorrer na devoção objeto deste estudo. Nesta mesma perspectiva, serviram de aporte as pesquisas de Lôbo, especialmente quando afirma que (...) essas práticas veladas que acontecem no seio das famílias ou das comunidades reportam sempre a uma herança passada de geração em geração, por meio da qual, ao longo do tempo foi agregando-se, aos festejos, primos, vizinhos e amigos simpatizantes, constituindo-se uma rede festiva, cujo emaranhado configura o que se entende por cultura do lugar (2017, p. 19).

Aportando-se ao estudo sobre o sagrado na festa de São Sebastião, debruçou-se sobre os escritos de Alba Zaluar (1983) que se dedica aos estudos sobre o catolicismo popular. A autora se preocupa em explicitar os aspectos do sistema de representações, crenças, valores, ideias e expressões por meio de ações rituais que dariam as chaves para a compreensão da lógica das festas populares. Ela estuda as práticas da religião e catolicismo popular. Portanto, foi útil, seus escritos, para a análise das manifestações sacras na festa de São Sebastião, espaço de pesquisa desse trabalho.

Acrescentando argumentos sobre a piedade popular nas terras de Bomfim, as narrativas e a devoção a São Sebastião, recorreu-se aos estudos de Nascimento (2018). Segundo ele, o culto ao santo estabeleceu-se em Goiás no século XVIII e contou com um reduzido número de capelas e freguesias até o final do século XIX, quando estourou a Guerra do Paraguai, momento em que, inclusive, se construiu a capela de São Sebastião na cidade de Silvânia. Século XX à dentro, conforme se vivenciava o período de guerras, entre guerras e o estouro, especificamente, da gripe espanhola no final da década de 1910, tinha-se também uma expansão do cultivo do solo e da agropecuária em Goiás, motivos pelos quais o santo teve uma ampliação no número de capelas, festas e paróquias a ele dedicadas.

Ainda neste contexto, a partir dos apontamentos feitos por Nascimento e para além deles, analisou-se os depoimentos dos foliões, partícipes e pessoas que habitam os municípios de Leopoldo de Bulhões e Silvânia e que, de algum modo, testemunham a relação entre mortos e devotos na festa de São Sebastião.

A tese de Wagner Chaves (2009), cujo tema se intitula: “O Santo não é a bandeira, a bandeira não é o santo”, contribuiu para a compreensão da metaforização da bandeira. O autor faz uma análise das Folias como sendo manifestações da religiosidade popular em diversos estados e regiões brasileiras. Bem como, menciona vários santos venerados nessas festas,

inclusive São Sebastião, orago dessa pesquisa. Portanto, seu estudo trouxe aportes necessários para o esboço dos símbolos e manifestações performáticas na devoção a São Sebastião em Leopoldo de Bulhões.

Esta pesquisa objetivou-se em geral compreender de que modo as poéticas, o som dos instrumentos, a voz e os gestos rituais, revivescem e presentificam os mortos na devoção na devoção a São Sebastião. Outros objetivos também se fizeram necessários para apreensão deste fato, tais como: investigar o lugar dos ritos, gestos, cantos, danças e outras manifestações na construção de uma poética da memória e da metáfora que recupera a biografia, trajetória de devotos falecidos; compreender como se dá a presentificação do Sagrado na bandeira de São Sebastião e a bricolagem do orago à memória biográfica de devotos falecidos durante a performance do grupo de foliões e devotos; evidenciar a importância do estudo dessas devoções para a preservação do patrimônio cultural goiano.

A questão-problema desta pesquisa consistiu em compreender o papel da atuação dos devotos nos gestos rituais coletivos e devocionais a São Sebastião nos municípios de Leopoldo de Bulhões e Silvânia, em Goiás. A partir dessa análise, buscou-se refletir sobre as razões e os modos pelos quais tais práticas reavivam as memórias afetivas dos devotos e, ao presentificar os mortos, estabelecem uma relação simbólica com a morte. Desse modo, a pesquisa investigou como esses rituais possibilitam uma peregrinação simbólica, conectando o mundo dos vivos ao universo imagético dos devotos, no qual residem as lembranças dos falecidos. Acredita-se que a oralidade (a partir das narrativas míticas, poéticas e religiosas) mantém a ritualidade devocional destas comunidades, onde a voz exerce a finalidade de criar paisagens sonoras, poéticas e materializadoras do Sagrado, do passado e da ancestralidade. Há uma hipótese de que o desempenho dos devotos contribui para o resgate das lembranças guardadas na memória. Daí decorre a questão: como as poéticas da revivescência contribuem para a manutenção da devoção a São Sebastião e a memória dos mortos vinculados ao orago? Assim, surgem outras questões problemas:

- Como se comportam os devotos diante das cantorias ou da performance dos partícipes envolvendo os mortos?
- Existem alguns momentos dos rituais em que os mortos são lembrados? Quais são os comportamentos dos devotos diante das lembranças?
- Até que ponto estas cantorias nos ajudam a compreender o imaginário dos devotos e a identidade religiosa do grupo?

- A memória dos mortos, antigos foliões ou partícipes, são retomadas na festa? Se são, de que maneira acontece?
- Que fé é esta que leva o devoto a venerar a bandeira do santo por longos dias? Talvez queiram se inteirar das narrativas dos milagres ou são as memórias afetivas e lembranças de familiares e de amigos que mantêm a tradição viva? Ou são as duas coisas?
- Qual é o papel da bandeira dentro do contexto da Folia (reinado) para a retomada de memórias do passado?
- Por que o homem tem esta conexão ininterrupta com os seus ancestrais?
- Por que a estampa do santo figura a memória de pessoas? O que vincula santo, devoto e os mortos?

Desse modo, a hipótese geral é que através da manifestação dos devotos, as memórias dos mortos, antigos devotos e familiares destes dos dias atuais, são resgatadas nas festas de São Sebastião, fato que pode contribuir para a manutenção da devoção até os dias de hoje.

Pode-se sugerir uma hipótese complementar de que os devotos de São Sebastião também preservam uma forma de “culto” aos antepassados, o que pode contribuir para a continuidade da devoção. Nesse contexto, o culto aos antepassados apresenta uma distinção em relação ao culto dedicado ao santo, sendo este último independente das práticas tradicionais de veneração aos mortos. O termo "culto aos mortos" deve ser compreendido não como a evocação dos falecidos, mas como um ato de lembrança e homenagem, trazendo-os à memória durante as celebrações festivas.

De maneira inversa, os momentos festivos também podem reforçar o culto aos falecidos, dando a este uma espécie de sobrevivência. É como se mortos estivessem presentes entre os vivos, nas palavras, nas cantorias e nos momentos de comensalidade, quando os devotos se reúnem em alegria ao redor da mesa. Tal prática remete às antigas tradições de culto aos antepassados, como observado entre os gregos, romanos e em outras religiões do mundo antigo, nas quais havia o costume de oferecer alimentos aos mortos e partilhar refeições em sua homenagem, conforme mencionado anteriormente.

O “culto” aos mortos, embora tenha sofrido transformações ao longo do tempo, não desapareceu por completo, podendo ainda ser observado nas festividades contemporâneas de São Sebastião. Nesse sentido, buscou-se investigar de que maneira as celebrações em torno de São Sebastião atuam como uma manifestação da continuidade da relação entre o devoto e os mortos, bem como a reciprocidade simbólica entre ambos. Uma hipótese relevante é a de que

o devoto perpetua tais festividades com o intuito de assegurar que os mortos não sejam esquecidos, preservando, assim, uma memória coletiva que transcende gerações.

Alguns conceitos foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho, quais sejam: memória afetiva, desafetos, poética, metáfora, sagrado, morte, oralidade e voz. Para melhor compreendê-los, fez-se necessário um embasamento teórico, a partir da leitura de autores consagrados na área.

Bosi (1994) aborda a memória afetiva individual e coletiva, destacando que a memória individual é formada por eventos pessoais ao longo da vida. Ao compartilhar essas histórias, elas se transformam em memória coletiva, influenciando e retornando à memória individual, enriquecida. Esse compartilhamento adquire uma dimensão social, ampliando o conhecimento de outros. Nas festividades, como as dos devotos de São Sebastião, essas memórias individuais são compartilhadas, reavivando lembranças e fortalecendo a memória coletiva do grupo, contribuindo para a manutenção da tradição. Os estudos de Bergson (2008) também complementam essa abordagem sobre a memória.

Nesta pesquisa supõe-se que as manifestações ritualísticas dos devotos contribuem para o resgate da memória que trazem lembranças das pessoas que já morreram, podendo ser antigos devotos ou seus familiares que estiveram presentes na festa de São Sebastião em outros tempos e que atualmente podem contribuir para a manutenção da devoção. Assim, os estudos de Schiffer foram referência para compreensão do conceito e, naturalmente, aplicado à festa em questão.

Os escritos de Turner (2008), especificamente a obra “Dramas, campos e metáforas”, amparou o conceito de metáfora, pois, ele pensa a metáfora não como na nossa linguagem como forma de substituição de um termo ou coisa do tipo, ele vê a metáfora dos esquemas, das ideologias, das interpretações de mundo com certa simbiose. Sendo assim, seus escritos contribuíram com a pesquisa sobre a festa de São Sebastião, uma vez que esta devoção se encontra metaforizada nos objetos, símbolos e sinais no tocante a interpretações da ritualística.

Os estudos de Paul Zumthor (1986), especialmente em obras como “Performance, recepção e leitura e Introdução à poesia oral”, foram centrais para a compreensão das poéticas da voz. Zumthor, ao estudar as literaturas orais, enfatiza a força da oralidade em oposição à fixidez da escrita, explorando as múltiplas formas de expressão poética e o papel do corpo na complementação da linguagem verbal. Esses conceitos foram relevantes para a pesquisa sobre o culto a São Sebastião, uma vez que os devotos utilizam gestos, voz, corpo e oralidade como formas de manifestação, aspectos que se alinham aos estudos de Zumthor. No presente

contexto, as contribuições de Lôbo, Lôbo e Curado (2024) revelam-se relevantes, especialmente na obra “Pirenópolis, Paisagens Sonoras”. Os autores abordam os ritos e a vocalização nas Folias de Pirenópolis, elementos que foram igualmente objeto de análise nesta pesquisa, no âmbito da festa de São Sebastião.

Para a análise do conceito de sagrado foram utilizados os estudos de Mircea Eliade (1992), referência na pesquisa sobre religiões e suas manifestações espaciais, uma vez que pesquisou sobre a hierofania (manifestação do sagrado). Otto (2007) oferece contribuições relevantes para esta pesquisa, ao sustentar que o sagrado constitui uma experiência universal, presente em todas as culturas e religiões, sendo caracterizado por dois aspectos fundamentais: o "numinoso" e o "misterioso". O "numinoso" refere-se à sensação de presença divina que permeia a vivência do sagrado, enquanto o "misterioso" diz respeito à percepção de que tal experiência é insondável e incompreensível. Dessa forma, suas reflexões enriqueceram a pesquisa ao permitir a compreensão da festa de São Sebastião como expressão de devoção popular, nas quais a fé se fundamenta na experiência religiosa, envolvendo símbolos, ritos e a performance dos devotos. A pesquisadora se viu motivada a recorrer a tais escritos, tendo em vista sua vivência prévia de experiências religiosas relacionadas ao sagrado, particularmente durante sua infância, quando participou dos rituais das Folias. Não se pode prescindir dos estudos de Croatto (2001), em suma quanto a compreensão da linguagem religiosa através dos símbolos, sinais, mitos, gestos e ritos.

Para tratar da maneira pela qual, o homem lida com a morte, usou-se os escritos de Ariès (2003), pois, seus conteúdos foram relevantes para compreensão da morte para o folião que tenta manter vivas as lembranças dos seus antepassados a cada giro ou pouso.

Com o intuito de evidenciar a pesquisa, foi necessário o uso de algumas fontes. Portanto, optou-se pelas seguintes: registro em áudio e vídeo das atividades da festa e os bastidores de sua realização; fotografias e imagens, como exemplo, a bandeira que estampa o santo; livro de tombo; entrevista semiestruturada com os devotos e pessoas ligadas diretamente ao culto e/ou devoção.

Para a interpretação das fontes, realizou-se observação minuciosa e uma análise detalhada dos signos presentes, com especial atenção às cores, aos elementos visuais e ao significado atribuído a cada componente no contexto da devoção em questão. O método adotado consistiu na análise e interpretação de vídeos e imagens com a finalidade de agregar os dados coletados ao texto da pesquisa. Já as informações colhidas no livro de tombo, foram minuciosamente analisadas pela pesquisadora que recortou aquelas que referendaram a

pesquisa. Utilizando o método comparativo, essas informações foram acrescentadas ao texto. Já os depoimentos, foram recolhidos através de gravações de voz e registro no diário e campo. Para diagnóstico, fez-se análise e catalogação das informações obtidas que foram, posteriormente, aplicadas ao texto e assim, complementaram os conteúdos extraídos dos referenciais teóricos e análises bibliográficas utilizados na pesquisa.

Na divisão dos capítulos, buscou-se compreender as etapas da devoção a São Sebastião. Em um primeiro momento, procurou-se compreender o tempo e o espaço da devoção em Goiás. Depois, a análise debruçou-se sobre as festas nas terras de Bomfim e suas ritualidades votivas. Por fim, refletir-se-á sobre as poéticas da revivescência e os mortos.

Capítulo 1 - MEU SÃO SEBASTIÃO É MEU GUERREIRO FORTE: O TEMPO E O ESPAÇO DA DEVOÇÃO NAS TERRAS DE BOMFIM – Este capítulo pesquisou o reinado de São Sebastião em Leopoldo de Bulhões e as festividades de São Sebastião, incluindo as Folias, em Silvânia, Goiás, relacionando-as à memória dos mortos. O objetivo foi verificar se os ancestrais desempenharam um papel significativo na manutenção da devoção. Foi realizada uma análise antropológica das práticas devocionais, com foco nas localidades de Capelinha do Mato Grande e Silvânia. Além disso, o estudo comparou as festividades dessas duas comunidades para identificar semelhanças e diferenças nas práticas religiosas, destacando a relação entre devoção e memória.

Capítulo 2 - “O SENHOR SÃO SEBASTIÃO ESTÁ MUITO SATISFEITO”: AS FESTAS E SUAS RITUALIDADES VOTIVAS – Este estudo analisou a representatividade dos ancestrais nos espaços sagrados da festa de São Sebastião, focando na estrutura da festa e nos principais objetos sacralizados, como imagens, a bandeira e o altar. Além disso, foram examinadas as manifestações ritualísticas dos devotos e o impacto social da duração da festa, que modifica as rotinas dos participantes. O papel de cada indivíduo foi investigado, com ênfase na memória dos mortos e sua possível influência nas práticas devocionais. O estudo também abordou conceitos de memória coletiva, afetiva e identidade social e religiosa, verificando se a festa promove a socialização do grupo.

Capítulo 3 - “A PORTA DO CÉU ABRIU E APARECEU UM VÉU”: AS POÉTICAS DA REVIVESCÊNCIA E OS MORTOS – Neste capítulo investigou-se como e porque o santo, a cantoria e a performance revivescem na festa os mortos. A partir da teorização de metáfora, averiguou-se o comportamento do devoto diante da imagem, buscando compreender as narrativas que relacionam mortos e santos, bem como os milagres manifestos e /ou narrados

pelos devotos na festa. Fez - se uma conceituação teórica de poética, pois, a partir do conceito, buscou-se compreender o porquê de a performance revivificar os mortos.

CAPÍTULO I - MEU SÃO SEBASTIÃO É MEU GUERREIRO FORTE: O TEMPO E O ESPAÇO DA DEVOÇÃO NA CAPELINHA DO MATO GRANDE E NA FOLIA DE SILVÂNIA

Neste capítulo, inicialmente, discutir-se-á o reinado de São Sebastião em Leopoldo de Bulhões, Goiás, bem como a festa e a Folia em honra ao santo na cidade de Silvânia, Goiás. Busca-se correlacionar essas manifestações religiosas com a memória dos ancestrais, a fim de verificar se os antepassados desempenham um papel na manutenção da devoção. As discussões abordarão o surgimento da devoção a São Sebastião no estado de Goiás, especialmente na Capelinha do Mato Grande e em Silvânia, trazendo à tona conteúdos que enriqueçam a compreensão desse fenômeno religioso.

Será pertinente incluir na pesquisa um breve relato sobre a vida de São Sebastião, o que contribuirá para o entendimento da devoção em terras goianas. O histórico do santo como soldado guerreiro justifica a devoção, particularmente quando ele é invocado por mães que desejavam proteger seus filhos do serviço militar.

Pretende-se realizar uma comparação entre as festas do orago nas duas comunidades mencionadas, com o objetivo de verificar, mais uma vez, se a devoção se mantém em função da lealdade à memória dos mortos.

Por fim, é necessário atentar para o perfil do devoto, com o objetivo de identificar quem é o devoto de São Sebastião na contemporaneidade. Nesse sentido, o capítulo em questão buscará evidências tanto sobre os devotos quanto sobre os não devotos. Além disso, é fundamental incluir dados que confirmem se todos os participantes do evento são devotos ou se há aqueles que participam exclusivamente em busca da festa e do entretenimento.

1.1 "Oh, Mártir Glorioso, com fé eu invoco tua proteção": A Representação de São Sebastião em Goiás

A devoção aos santos surgiu nos primeiros séculos do cristianismo, quando os primeiros padres da Igreja, conhecidos como patrísticos, por fazerem parte da Patrística, faziam a defesa da fé ante ao Império Romano e, por consequência, eram martirizados pelas autoridades romanas. Isso porque,

O martírio funcionava como eficiente instrumento propagandístico do cristianismo, uma vez que a sociedade greco-romana respeitava o ato de morrer. A transformação dos mortos cristãos em heróis realizou-se numa cultura que conhecia o fenômeno da

exaltação daqueles que morriam corajosamente...E, que, “para o cristianismo antigo, o mártir era o bom cristão que enfrentava a morte para defender sua fé (Silva e Silva, 2016, p. 42).

Daí, decorre que os cristãos se apegavam à alma do santo martirizado suplicando graças do céu por acreditarem que estes por terem morrido em comunhão com a Igreja, já gozavam de vida eterna e poderiam ser intercessores nos momentos de aflição. Assim,

Faziam reverência aos mártires à beira de seus túmulos que ressignificados pelos católicos, assim como a própria morte, deram um novo sentido de passagem e concepção de vida além-mundo durante a concepção embrenhada pelo Império Romano (Nascimento, 2021, p. 20).

A partir deste argumento, é possível perceber que já se consagrava a devoção e o costume de venerar os finados e zelar pelo túmulo, levando flores e acendendo velas. “O local onde as pessoas eram sepultadas era considerado como uma segunda casa e, por isso, era enfeitado com bonitas pinturas” (Mesquita, 2015, p. 71). Do mesmo modo, surgiram os primeiros santuários de devoção onde os milagres iam consagrando o morto como santo.

Como se observa, o costume de solicitar graças a Deus por meio da intercessão das almas dos falecidos é uma prática antiga que se intensificou com o advento da era cristã, especialmente no início da Idade Média. Ao longo desta pesquisa, esse hábito poderá ser analisado como um possível fator que corrobora a hipótese de que a revivescência dos mortos na festa de São Sebastião, nas terras de Bomfim, contribui para a manutenção da devoção. No catolicismo popular, os fiéis mantêm a tradição de suplicar a intercessão das almas daqueles que, durante sua vida terrena, viveram em comunhão com Deus.

É relevante destacar, conforme já abordado neste estudo, que a prática de solicitar intercessão aos santos, manifestada no catolicismo popular, pode estar enraizada nas tradições religiosas de origem africana e indígena. Essa influência também poder ser manifesta na religiosidade popular no Brasil, devido à herança cultural deixada pelos praticantes de religiões de matriz africana e indígena.

Nesse contexto, destaca-se a devoção ao santo, em especial as petições dirigidas à alma de São Sebastião, soldado romano e guerreiro martirizado sob as ordens do Imperador Diocleciano, por sua defesa da fé cristã no exército romano.

Afinal, quem foi São Sebastião? Em resposta a essa pergunta pode se apontar que não há muitas fontes que permitem a identificação de São Sebastião, porém, registra-se que, “no ano de 336, encontra-se menção passageira dos restos mortais de São Sebastião em uma das

catatumbas romanas. Ambrósio, bispo de Hipona, também cita São Sebastião como concidadão milanês” (Cardoso, 2010, p. 11).

Por ter crescido e estudado em Milão, Ambrósio o cita como milanês, dando-lhe uma espécie de cidadania por mérito, porém, ao que se sabe,

São Sebastião nasceu na cidade de Narbona (Narbonne), na França, no ano 256. Muitos pensam que São Sebastião era milanês, mas em diversos relatos antigos é afirmado que ele era francês. Narbona é uma belíssima cidade no sudoeste da França, a 849 km de Paris, na região de Occitânia. Mas, Sebastião pouco desfrutou das belezas da cidade que o viu nascer, pois, ainda menino, mudou-se com seus pais para Milão, na Itália, terra natal de sua mãe” (Munhoz, 2018, p.10).

Certamente, neste tempo, São Sebastião conheceu o bispo Ambrósio, de onde decorre os maiores relatos sobre sua biografia e história de coragem e fé. Inclusive, em algumas narrativas, é possível perceber o papel importante da mãe de São Sebastião em sua trajetória de fé e bondade. Não foi encontrado nesta pesquisa o nome da matriarca, porém, alguns relatos apontam que

sua mãe foi sua primeira instrutora religiosa, mestra na fé e na prática das virtudes cristãs. Seguiu à risca os ensinamentos bíblicos do livro de Provérbios, 22,6: “Acostuma o jovem no caminho que deve seguir, e nem mesmo quando velho se afastará dele”. E foram os ensinamentos recebidos na família que o nortearam pela vida toda. Sebastião significa “Sagrado”, “Venerável”, “Reverenciado” (Munhoz, 2018, p.10).

Aqui se confirma a importância da família na educação religiosa quando, por meio da oração e exemplo, dão continuidade à devoção e reavivam a fé dos seus descendentes, o que se pode constatar também na devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões, espaço de pesquisa deste trabalho.

Neste contexto, é possível acrescentar outras mulheres que desempenharam papéis relevantes, como coadjuvantes na imagem da mãe santa. Destaca-se a figura de Sant’Ana, mãe de Maria, esposa de Joaquim e avó de Jesus. Embora São Joaquim e Sant’Ana fossem um casal estéril, eles milagrosamente conceberam e deram à luz a Virgem Santíssima, que seria a mãe do Salvador. Esse fato foi considerado um grande milagre da natureza: a geração da vida por um casal reconhecidamente infértil. Mulher de profunda fé, Sant’Ana aceitou com determinação a missão de ser a mãe daquela que traria em seu ventre o Salvador. Assim, para os devotos católicos, através de sua filha, a Salvação chegou ao mundo.

Maria, mãe de Jesus, também se destaca como uma mulher de grande sabedoria e doçura. Ela criou uma família de homens fortes e dedicados, demonstrando atenção especial

aos discípulos, que nutriam por ela grande afeto, reconhecendo-a como uma inspiração para a fé. Maria desempenhou um papel materno não apenas com seus filhos biológicos, mas também com aqueles que não tinham laços sanguíneos com ela, sempre agindo com compaixão. Um exemplo disso é o milagre nas bodas de Caná. Conforme o relato de João (2:5), Maria orienta os serventes a seguirem as instruções de Jesus, dizendo: "Fazei tudo quanto ele vos disser".

Outra figura materna que merece destaque é Isabel, prima de Maria e esposa de Zacarias. Mesmo em idade avançada, Isabel, mulher de grande coragem, não temeu a maternidade. Ela ensinou a fé a seu filho, João Batista, preparando-o para anunciar a vinda do Salvador.

Conforme constatado nas pesquisas, diversas mulheres santas provavelmente serviram como fonte de inspiração para a mãe de São Sebastião, influenciando-a na orientação da educação religiosa e intelectual de seu filho.

Quando jovem, Sebastião ingressou no exército romano, tornando-se um soldado de confiança do imperador Diocleciano. Devido à sua competência, foi promovido a Capitão-Comandante da guarda real, posição que lhe permitiu, de forma secreta, auxiliar cristãos que se encontravam presos. Apesar da implacável perseguição de Diocleciano contra os cristãos, Sebastião se recusou a abandonar Roma, optando por permanecer na cidade e continuar ajudando os fiéis. Essa atitude fez com que ele fosse visto como um contraventor aos olhos do imperador. Durante esse período, Sebastião dedicou-se a pregar e a fortalecer a fé dos perseguidos, atraindo muitos que buscavam seu auxílio, na esperança de obter milagres através de suas palavras. Dentre seus discursos, destaca-se o registro de um milagre:

Enquanto o bem-aventurado Sebastião pregava, aproximou-se dele Zoé, mulher de Nicostrato, o carcereiro dos santos. Ela se ajoelhou diante de Sebastião e, como era muda, através de gestos pediu perdão pelos maus-tratos infligidos aos prisioneiros. Então Sebastião disse: "Se sou escravo de Cristo e tudo que disse é verdade, se essa mulher acredita em tudo que ouviu dos meus lábios, que Aquele que abriu a boca de seu profeta Zacarias abra sua boca". A essas palavras, a mulher exclamou: "Bendito seja o discurso de sua boca, e benditos sejam todos os que acreditam no que você disse. Vi um anjo segurando diante de você um livro no qual estava escrito tudo o que falou" (Varazze, p. 174).

O texto convida à reflexão sobre a dedicação de São Sebastião, que se destacou por seus grandes feitos, inclusive por milagres atribuídos a ele ainda em vida. Sua coragem e devoção foram evidentes em diversas ocasiões, como quando utilizou sua posição privilegiada no exército romano para proteger e ajudar os cristãos perseguidos durante o reinado do imperador Diocleciano. Mesmo diante das ameaças e da brutal repressão, Sebastião não hesitou em pregar a fé cristã e encorajar os fiéis a resistirem. Seu compromisso com a fé fez com que ele se

tornasse um símbolo de força e esperança para os cristãos, inspirando muitos a buscarem a sua ajuda, o que chamou ainda mais a atenção daqueles que serviam ao imperador.

Assim, o prefeito Cromácio denunciou Sebastião ao imperador Diocleciano, que o confrontou com as palavras:

"Sempre quis que você ocupasse postos elevados no meu palácio, mas você agiu em segredo contra meus interesses e insultou os deuses". Em resposta, Sebastião declarou: "Foi para sua salvação que honrei Cristo, e é pela conservação do Império Romano que sempre adorei o Deus que está no Céu" (Varazze, p. 173).

A partir desse episódio, Sebastião confessou abertamente sua fé cristã ao imperador, sendo condenado à morte. Alvejado por flechas e dado como morto, foi resgatado e curado por Irene. Após sua recuperação, demonstrando coragem e fé inabaláveis, Sebastião retomou sua missão e confrontou novamente o imperador. Diocleciano, enfurecido, ordenou que Sebastião fosse espancado até a morte e que seu corpo fosse descartado em uma fossa. No entanto, seu corpo foi recuperado e dignamente sepultado, consolidando seu legado como mártir e santo venerado pela Igreja Católica.

Apesar de sua morte por espancamento, a imagem de São Sebastião que se vê nos altares domésticos e nos altares das igrejas espalhados mundo a fora, especialmente nas cidades brasileiras é a de um jovem bem afeiçoado, atado a um tronco de uma árvore, com flechas enfiadas no peito. Esta imagem representa a maneira pela qual teria morrido o santo para a maioria de seus devotos. Ademais, a sua morte a pauladas é praticamente desconhecida entre os fiéis, conforme narrativas de Nascimento:

em campo na Capelinha do Mato Grande (Leopoldo de Bulhões) e em Posse (Silvânia) notei que é praticamente desconhecida pelos devotos. Questionados sobre a execução, muitos duvidavam e não davam crédito; outros – poucos – pediam detalhe. Mas todos reforçavam, ao final, a credibilidade na história ouvida dos mais antigos: o santo morreu mesmo, na verdade, por flechamento, atado num tronco" (Nascimento, 2021, p.36).

Nas observações de campo realizadas durante as festividades em Silvânia e Leopoldo de Bulhões, constatou-se uma devoção significativa, impulsionada tanto pela história de coragem do santo em defender a fé cristã diante do imperador quanto pelos inúmeros milagres atribuídos a ele, especialmente nas áreas rurais, onde é venerado pela proteção concedida às plantações e aos animais.

Passaram-se muitos anos de sua morte e São Sebastião continua sendo um santo popular. Esta popularidade se dá pelo exemplo de coragem, cuja história é escrita por autores, inclusive brasileiros, talvez movidos pelo histórico de bravura do santo.

No Brasil, São Sebastião é amplamente venerado e respeitado, sendo alvo de devoção popular. Acredita-se que essa devoção tenha sido trazida pelos colonizadores portugueses logo após o início da colonização, disseminando-se rapidamente por diversos estados do país. Um exemplo notável é o Rio de Janeiro, onde São Sebastião é reverenciado como padroeiro da cidade.

É interessante observar que, apesar de ser um santo de origem urbana e, no Brasil, padroeiro de uma das maiores capitais do país, sua popularidade também se expandiu para o interior. Nas áreas rurais, São Sebastião é conhecido como protetor dos animais e das plantações, demonstrando sua relevância tanto nas cidades quanto nas comunidades agrícolas. Assim, seja em grandes centros urbanos ou em pequenas localidades do interior, é comum encontrar igrejas que abrigam sua imagem, refletindo a força e a abrangência de sua devoção em todo o país.

Nesse contexto,

existem inúmeras cidades com seu nome. No estado de São Paulo, além da cidade São Sebastião, no litoral norte, há a cidade Sebastianópolis do Sul, na região de São José do Rio Preto, para diferenciar da cidade de Sebastianópolis no Rio Grande do Norte. Abaixo a lista das cidades brasileiras que têm o nome do santo: São Sebastião (SP), São Sebastião (AL), São Sebastião da Amoreira (PR), São Sebastião da Bela Vista (MG), São Sebastião da Boa Vista (PA), São Sebastião da Gramma (SP), São Sebastião da Vargem Alegre (MG), São Sebastião de Lagoa de Roça (PB), São Sebastião do Alto (RJ), São Sebastião do Anta (MG), São Sebastião do Caí (RS), São Sebastião do Maranhão (MG), São Sebastião do Oeste (MG), São Sebastião do Paraíso (MG), São Sebastião do Passé (BA), São Sebastião do Rio Preto (MG), São Sebastião do Rio Verde (MG), São Sebastião do Tocantins (TO), São Sebastião do Uatumã (AM) e São Sebastião do Umbuzeiro (PB) (Munhoz, 2018, p. 50).

Como constata-se, São Sebastião é muito querido entre os brasileiros por sua história de fé e fidelidade à Igreja. Muitas paróquias e capelas são dedicadas à sua devoção, como é o caso de São Paulo e Rio de Janeiro, com o que corrobora a reportagem realizada pelo jornalismo da Canção Nova.

QR CODE 2 – Um pouco
da história de São
Sebastião



Canção Nova Play.
YouTube, 2024.

No vídeo QR CODE 2, fica evidente o quanto São Sebastião é estimado no Brasil. Sua história é apresentada como um exemplo para os devotos da Vila Guilherme, em São Paulo, e da cidade do Rio de Janeiro, onde o santo é reverenciado como padroeiro. Conforme relatado pelos entrevistados, São Sebastião é um santo muito querido, como afirma Maria, uma das participantes da entrevista. Para ela, a devoção ao santo é uma tradição transmitida de geração em geração, iniciada por sua mãe, que lhe inculcou a fé em São Sebastião.

Assim como em outros estados brasileiros, em Goiás a imagem de São Sebastião ocupa lugar de destaque em muitas igrejas a ele dedicadas, além de estar também nos altares domésticos, especialmente nas casas das famílias que fazem parte do catolicismo popular, como é o caso das famílias moradoras da região de Bomfim, espaço desta pesquisa.

Para melhor compreensão da devoção a São Sebastião em Goiás, será salutar fazer uma breve contextualização da chegada do catolicismo nas terras goianas, pois é no território da religiosidade popular que se concentra a maioria de seus devotos. Logo,

o florescer do catolicismo em Goiás se deu sob a perspectiva da colonização e ocupação do solo no início do século XVIII, com a identificação e o reconhecimento do território, e a ocupação/apropriação do espaço, fundação dos primeiros núcleos urbanos e a consequente migração de famílias católicas, na década de 1720. Com elas, especialmente com os bandeirantes e os religiosos que acompanhavam as bandeiras, vieram as primeiras imagens sacras e foram escolhidos os primeiros padroeiros do território goiano.

Estes bandeirantes saíam pelo sertão em “bandeiras” a procura de ouro e levavam consigo os padres. Desse modo, a Coroa e a Igreja se faziam presentes na figura dos religiosos a fim de comandar as ações de apropriação de terras e expansão do poderio político e religioso (Nascimento, 2019, p. 34-35).

Foi neste contexto do catolicismo que surgiram os primeiros arraiais (Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, Santa Cruz de Goiás, entre outros) transformando, por meio dos

bandeirantes, a paisagem e o espaço, demarcando o território com símbolos de seu credo religioso porque, como afirma Sack, a “territorialidade humana, é entendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar e controlar recursos e pessoas, através do controle de áreas, e como estratégia, pode ser ligada e desligada. Ela é um comportamento espacial” (1986, p. 3).

Deste modo, se estruturava nestes territórios, por incentivo dos padres, uma pequena comunidade católica ao redor de uma capelinha. Ter uma capela, uma igreja e um cura⁴ em seu território era um status social. Então, “procurava-se um padroeiro para representar aquela comunidade terrena diante da comunidade celestial” (Nascimento, 2021, p.46)

Nem sempre a escolha de um padroeiro é uma tarefa simples, o que não foi diferente nos arraiais goianos, pois isso envolvia uma disputa acirrada. Frequentemente, a seleção do santo padroeiro ocorria por diferentes motivos: interesses coletivos, refletindo a preferência da comunidade local; devoções individuais, relacionadas à fé particular do fundador do arraial; ou razões litúrgicas, como a escolha do santo do dia. Destacavam-se, muitas vezes, as predileções por santos associados à Coroa Portuguesa, como Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição.

A pesquisa revelou que santos como São Sebastião, Santa Luzia e São Francisco, inicialmente, não possuíam forte presença territorial. Contudo, essa realidade mudou ao longo do tempo, especialmente em relação à devoção a São Sebastião, que passou a ser amplamente invocado por fiéis, sobretudo por agricultores e criadores de animais, em busca de bênçãos para suas plantações e rebanhos.

De acordo com Nascimento, a maioria dos arraiais no século XVIII era dedicado à Nossa Senhora, especialmente, à Nossa Senhora do Rosário que era a santa dos pobres (2021, p. 50).

Ao que se nota, havia toda uma estrutura política e eclesiástica quanto à escolha do padroeiro, pois geralmente isso se dava através de uma dessas instituições de poder que oficializava a escolha por meio de um discurso relacionado ao grupo que clamava por proteção.

As devoções a alguns santos que desempenhavam função política na sociedade colonial acabavam se tornando motivos de ostentação e de dominação, pois, seus cultos eram controlados, acompanhados e preservados de acordo com o interesse do grupo que os venerava. Cita-se aqui Santo Antônio e São Jorge. Assim,

⁴ O termo "cura" vem do latim "cura", que significa cuidado ou preocupação, referindo-se ao cuidado pastoral que o sacerdote oferece aos membros de sua comunidade.

as festas dos padroeiros de irmandades, paróquias e até de modestas capelas ostentavam e demonstravam poder não só do santo, mas dos próprios devotos com banda de música e excesso de velas durante a procissão, exagero de incenso, a solenidade das missas rezadas, o tipo de flores do andor, a riqueza das vestes dos santos, a pompa do novenário e até a prédica do orador no domingo. Desta maneira, a ação de graças se concretizava em toalhas e presentes para o altar, no douramento das alfaiatarias ou na beleza e procedências das estátuas (Nascimento, 2021, p.49).

Como se observa, nem sempre São Sebastião figurou entre os padroeiros homenageados.

Ainda que não se descarte que a devoção a São Sebastião seja anterior à criação dos arraiais, com a chegada dos primeiros bandeirantes, institucionalmente, pode-se afirmar que a devoção só teve início na década de 30 e 40, quando da criação dos arraiais de Águas Quentes e Lavrinhas, onde ele era o padroeiro. Nesta ocasião, conforme afirma Nascimento, São Sebastião era o padroeiro do Rio de Janeiro, território eclesiástico a que Goiás pertencia (2021, p.49). De fato, segundo o pesquisador, esta ocorrência não foi propulsora da devoção no sertão, pois corrobora Cardoso que a devoção sofria ameaças, intervenções e supressão no Rio de Janeiro (2017, p. 22), caindo o santo no esquecimento.

Nos municípios goianos, a devoção a São Sebastião ganhou visibilidade no século XX, assim, ligada à religiosidade popular, à memória afetiva ou coletiva de uma comunidade, muitas vezes, de acordo com Nascimento, conectadas às catástrofes, como a guerra do Paraguai, primeira e segunda guerra mundial. Neste contexto, as pesquisas de Nascimento (2021, p. 50) apontam para a expansão territorial do padroado de São Sebastião, especialmente na região do Mato Grosso Goiano, dando-se então a construção de capelas em terrenos doados pelos fazendeiros.

Foi possível verificar que as festas peregrinas foram muito recorrentes, ganhando a devoção a São Sebastião um perfil semelhante ao nômade quando a imagem é levada de fazenda em fazenda, ano a ano. Essas festas acontecem entre 19 e 20 de janeiro. Desta forma, São Sebastião foi ganhando mais espaço em Goiás, no meio eclesiástico pois os seus devotos firmavam o santo como padroeiro de suas capelinhas, já construídas nos espaços urbanos, que mais à frente se tornariam igrejas matrizes, como a matriz de São Sebastião em Bonfinópolis-GO. Neste contexto, vale a pena lembrar que houve a criação de Folias urbanas para venerar o santo. São Sebastião acaba se tornando um santo de muitos contextos dos territórios da revivescência e da memória.

A devoção a São Sebastião em Goiás também se estende à vida cotidiana e às atividades econômicas, particularmente à agricultura. Conhecido por ser um protetor contra pestes e epidemias, São Sebastião também é invocado pelos agricultores de Goiás como um guardião

das plantações, garantindo boas colheitas e protegendo-as contra pragas e adversidades climáticas.

Isto porque,

no século XX houve a modernização das técnicas de cultivo e manejo do solo, a reconfiguração do espaço goiano e da própria economia que se voltou para a agricultura e a agropecuária, reforçando-se e potencializando-se especialmente na mesma região do Mato Grosso Goiano. Nas primeiras décadas, o cultivo, o manejo do solo e as atividades pecuaristas tornara-se grandes apostas, senão de enriquecimento pelo menos de sobrevivência para fazendeiros e pequenos posseiros. Enormes eram os riscos de pragas e demais pestilências que atingiam (Nascimento, 2021, p.52).

Logo, a devoção ao orago vai se intensificando entre os agricultores goianos com a finalidade de buscar em São Sebastião a solução para as pragas e para uma colheita farturenta. Nesta época também surgiu o costume de oferecer bezerros, porcos e galinhas e alimentos a São Sebastião como forma de agradecimento ao santo por graças e penhores recebidos.

Como se observa, a religiosidade do sertanejo está além das festividades, conforme descreve Gomes Filho:

as experiências religiosas dos sertanejos goianos no final do século 19 e início do 20 podem ser expressas a partir, tanto de suas manifestações extra-cotidianas, quanto – e especialmente – no seu dia a dia. Isso porque, segundo nos parece, o modo como os sujeitos em Goiás lidava com o sagrado não se restringia somente em seus momentos de festividades ou celebrações religiosas, mas também na maneira como encaravam o mundo e sua existência no cosmos do seu cotidiano (2020, p. 222).

Diante do exposto, ressalta-se que a devoção à São Sebastião em Goiás⁵ é bastante fervorosa, sendo muito comum encontrar sua imagem em altares domésticos e igrejas, como já descrito anteriormente. Entre muitos municípios, onde a devoção se destaca, estão as cidades de Silvânia e Leopoldo de Bulhões, espaço desta pesquisa.

1.2. Análise da Devoção a São Sebastião na Folia de Silvânia Goiás e na Capela de Mato Grande

⁵ São Sebastião também é venerado nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé. Na Umbanda, religião que incorpora elementos de sincretismo com o catolicismo, São Sebastião é associado ao orixá Oxóssi, sendo igualmente considerado o rei da fartura. No entanto, esta pesquisa não aprofundará o estudo dessa vertente religiosa, uma vez que seu foco não é o culto de São Sebastião na Umbanda, mas sim a festa do santo no catolicismo popular nas cidades de Silvânia e Leopoldo de Bulhões, cujas evidências em campo não apontam essas práticas como origem da devoção.

A devoção a São Sebastião em Silvânia pode ser interpretada como a continuidade de tradições religiosas. Essas práticas religiosas incluem a realização de festividades anuais, procissões, novenas e a Folia, que não apenas mobilizam a comunidade local, mas também desempenham um papel significativo no fortalecimento dos laços sociais.

Em Silvânia, acredita-se que a devoção à São Sebastião teve sua origem ainda com a formação do povoado de Bomfim. Já a festa em honra ao santo, pode ter surgido no século XIX, acompanhado pelo temor às guerras e ao desenvolvimento econômico, agrícola e pecuária da região. Com este fato corrobora Nascimento (2021, p.46) ao afirmar que grande parte das igrejas dedicadas a São Sebastião no recorte territorial das antigas terras de Bomfim estão no período entre guerras indicando que os templos eram tributos ao santo por proteger contra as guerras, a peste e a fome.

A capela de São Sebastião no bairro de São Sebastião em Silvânia foi fundada no fim do século XIX (1870), período que reporta à Guerra do Paraguai. É interessante notar que não existe uma única história real sobre a construção desta capela no bairro de São Sebastião. Ao menos duas versões conseguem-se ouvir de moradores nos dias de hoje, como é o caso do relato do senhor Abel, morador de Silvânia e participe nas festas de São Sebastião, transcrito por Nascimento (2021, p.55): “o povo apegava com São Sebastião por causa das guerras. Tinha muita guerra. Pro filho não ir para a guerra, se esperava com ele”. Este seria então, o primeiro motivo que justifica o surgimento da devoção.

Complementando as narrativas de seu Abelinho, assim como é carinhosamente apelidado na região, há um relato de Borges sobre as versões relativas à construção da igreja de São Sebastião na cidade:

daí, por volta de 1870, José da Costa e Silva, carpinteiro rico, mandou seus escravos levantarem uma Igrejinha, que é a Capela-mor da Igreja de São Sebastião, aumentada no tempo em que foi tesoureiro João Pacheco Amora. – Já os descendentes dos Peixotos contam que um maioral da família prometera uma igreja ao santo guerreiro, para que a gente de casa não fosse mandado para a Guerra do Paraguai (Borges 2021, p.55).

A construção da capela representou uma significativa conquista para os silvanienses, devotos de São Sebastião, no contexto dos festejos dedicados ao orago, uma vez que proporcionou aos fiéis um espaço permanente e apropriado para a manifestação de sua fé. A presença de uma igreja edificada é fundamental para que o devoto se sinta acolhido em um ambiente sagrado e apropriado para a prática religiosa. Além disso, tal espaço facilita o processo de socialização entre os participantes da devoção, permitindo a troca de experiências e o

fortalecimento dos laços comunitários, que são essenciais para a continuidade das tradições e celebrações religiosas.

Figura 1: Frente da capela de São Sebastião em Silvânia – GO



Fonte: Fotografia: a pesquisadora
Imagem capturada 16.01.2022

Figura 2: Altar da capela de São Sebastião em Silvânia – GO



Fonte: Fotografia: a pesquisadora
Imagem capturada 16.01.2022

Na figura 1 pode-se observar que a capela de São Sebastião chama a atenção pela sua estrutura muito antiga, de arquitetura colonial, com paredes em adobe, esteios de madeira rústica e piso de assoalho. O altar é trabalhado na madeira e cercado de colunas em estilo colonial.

Conforme apresentado no vídeo do canal Silvânia Silvaniense, a capela segue, em escala reduzida, os padrões arquitetônicos da Igreja do Senhor do Bonfim. Tombada como patrimônio histórico municipal em 2004 e estadual em 2012, a capela passou por um processo de restauração entre 2015 e 2017. Apesar das intervenções, os elementos originais de sua construção permanecem praticamente intactos.

QR CODE 3 – Igreja de São Sebastião - Silvânia Goiás



Silvânia Silvaniense. YouTube, 2017.

Essas descrições sobre as características da capela de São Sebastião convergem com a narrativa sobre a origem da festa. Segundo Nascimento, uma pequena imagem do santo, esculpida em madeira, foi colocada sobre o altar para a veneração daqueles que frequentavam o local. A partir desse momento, teve início a celebração da festa de São Sebastião.

Foi constatado em campo que a festa de São Sebastião, em Silvânia, é celebrada anualmente nos meses de junho e julho, atraindo fiéis de diversas localidades da região. Embora o dia dedicado a São Sebastião no calendário religioso católico seja 20 de janeiro, na região de Silvânia as festividades ocorrem no meio do ano. Quando questionados sobre a transferência da festa de janeiro para esse período, alguns participantes explicaram que a mudança se deu, tradicionalmente, devido ao término do período chuvoso. Em Goiás, as chuvas se estendem até meados de maio, sendo essenciais para uma boa colheita. Nesse contexto, a alteração da data das festividades se justifica pelo desejo dos devotos de expressar sua gratidão pelo sucesso da colheita.

Dito isso, entende-se que a devoção à São Sebastião em Silvânia está também atrelada ao desenvolvimento e modernização das técnicas de cultivo e manejo do solo em Goiás, conforme dito anteriormente. Esse fenômeno reconfigurou o espaço goiano e da própria economia, o que se voltou para a agricultura e agropecuária. Pois então, se eram grandes os projetos empreendedores dos fazendeiros, enormes também eram os riscos incontáveis pragas e pestilências que atingiam as plantações e animais. Daí decorre que:

o camponês à procura de solução intensificou sua devoção a São Sebastião, santo de reputada fama e indiscutível eficiência em assuntos de fome e peste, pois se não se produz, não se come(fome), do mesmo modo, se a praga(peste) brota. Na mesma época também se expandiu o costume de oferecer bezerros, porcos, potros, galinhas e alimentos a São Sebastião como tributo, de acordo com mestre Abelinho (Nascimento, 2021, p. 52).

Razões para expressar gratidão não faltam. Realizar uma festa, uma novena ou uma Folia como forma de cumprir uma promessa constitui um ato significativo de agradecimento. Tais práticas envolvem a participação de muitas pessoas, incluindo a doação de animais e mantimentos para serem leiloados ou sorteados no bingo. Dessa forma, a preparação para a festividade mobiliza a comunidade em um processo colaborativo, que abrange desde a organização das atividades religiosas até os eventos sociais que complementam as celebrações.

A festa de São Sebastião em Silvânia transcende o caráter puramente religioso, constituindo-se como um momento significativo de reafirmação da identidade cultural da comunidade e de rememoração familiar. Durante o evento, observa-se uma participação ativa

das famílias na preparação dos alimentos e na organização da celebração, onde os membros mais experientes desempenham um papel fundamental na manutenção da devoção. Frequentemente, esses membros se colocam à frente das atividades, buscando honrar a memória de seus antepassados que, em tempos passados, contribuíram para a realização da festa.

A Folia é a principal manifestação da devoção a São Sebastião, mas outras formas de gratidão também são observadas, como as novenas, as missas solenes e a procissão. Em algumas práticas, notou-se que alguns participantes da Folia também frequentam as novenas na igreja, embora nem todos o façam. Foi possível observar que muitos foliões se retiram após a entrega da bandeira, enquanto outros aguardam a missa das 19h, aproveitando para adquirir alimentos nas barracas, especialmente no último dia da festa. Durante as festividades semanais na igreja, os foliões percorrem a zona rural, levando a bandeira em busca de donativos, reforçando a devoção popular ao santo. Ao que tudo indica, o público se reveza nas celebrações.

Foi de grande interesse desta pesquisa compreender como as pessoas se envolveram com a Folia de São Sebastião em Silvânia. Este estudo buscou explorar a participação comunitária, as tradições culturais, o resgate à memória dos ancestrais e a importância religiosa deste evento.

A Folia de São Sebastião é uma celebração rica em rituais e práticas que refletem a identidade local e a herança cultural e religiosa da região. Compreender as dinâmicas da Folia pode revelar *insights* valiosos sobre a devoção, o sentido de pertencimento, as lembranças familiares, especialmente de pessoas já falecidas e a continuidade da tradição a São Sebastião em Silvânia.

Realizada anualmente, essa celebração é um testemunho da fé e da herança cultural que perduram por muitas gerações. Assim, os ritos, hábitos e costumes dos grupos de foliões são cuidadosamente transmitidos às gerações futuras para que a devoção ao orago garanta sua continuidade. Assim,

essas práticas culturais veladas que acontecem no seio das famílias ou das comunidades, reportam sempre a uma herança passada de geração a geração, por meio da qual, ao longo do tempo, foi agregando-se aos festejos, vizinhos, primos e amigos simpatizantes, constituindo-se uma rede festiva, cujo emaranhado configura o que se entende por cultura do lugar (D'Abadia, 2017, p.19).

Em campo, na festa de São Sebastião em Silvânia, verificou-se que famílias inteiras se juntam para a organização de pouso, almoços e outras práticas que fazem parte dos festejos.

O tempo da Folia é recorrente, seguindo o calendário litúrgico cristão, mas também possui uma dimensão própria que transcende o cotidiano. Corrobora D'Abadia (2017, p.17) ao

afirmar que as comemorações das Folias sucedem durante todo o ciclo anual independente da data oficial designada pela Igreja à comemoração dos santos, como é o caso da Folia de São Sebastião em Silvânia, que não acontece no mês de janeiro, mês em que a Igreja Católica comemora São Sebastião.

Em Silvânia, a festa de São Sebastião acontece nos meses de junho e julho, por volta do segundo domingo. Como afirma Nascimento, a festa da igreja dura dez dias, contando diariamente com a reza do terço, missas, leilões etc., e tem participação das pessoas, especialmente no último final de semana. (Nascimento, 2021, p. 93). Já a Folia da roça, mantida pelos mestres do saber popular, foliões, camponeses, empresários, agricultores e outros agentes sociais, estende-se pelo mês de junho. O elemento que define esta Folia das demais Folias goianas é o uso de uma arma um tanto quanto inusitada, o clavinote⁶, que tem seu lugar no rito. Assim,

a arma de forma artesanal, composta por um cano de ferro e um pedaço de madeira acoplado, fabricada pelos membros do próprio grupo de foliões, é disparada em momentos bem específicos do giro: primeiro, durante a chegada da bandeira na casa do “pouso” e segundo, na contemplação de cada mistério do terço (Nascimento, 2021, p.94).

Observa-se uma intensa disputa entre o grupo de foliões que chega ao local do pouso e a família anfitriã, caracterizada por um intuito competitivo. O ruído produzido pelo clavinote torna-se ensurdecedor, a ponto de aqueles que se encontram mais próximos de sua manipulação utilizarem protetores auriculares. No entanto, em determinados momentos, essa competição é interrompida, e os disparos da arma se organizam de maneira a evocar um sentimento de comunhão.

A partir das experiências testemunhadas em campo, foi possível constatar que a sonoridade da arma possui um significado relevante para a manifestação da fé. Observou-se que quanto mais elevado for o volume do barulho, maior é a expressão de fé do grupo, sugerindo que essa intensidade sonora pode ser interpretada como uma forma de agrado ao orago.

O QR CODE a seguir direciona o leitor para um canal no YouTube, onde está disponível um vídeo que documenta o momento dos disparos do clavinote pelo grupo de foliões durante a Folia da roça em Silvânia:

⁶ A palavra "clavinote" pode apresentar variações linguísticas. Em algumas pesquisas, verificou-se que "clavinote" se refere a um instrumento musical, enquanto, em outras, o termo é utilizado para designar uma pequena carabina. A maioria das fontes consultadas define a forma com a letra "r" ("cravinote") como a mais comum para se referir à pequena carabina. No entanto, ambas as formas parecem ser utilizadas. Neste trabalho, será adotada a grafia com "L" ("clavinote"), conforme consta na referência base desta pesquisa (Nascimento).

QR CODE 4 - Folia de São Sebastião.



Silvânia Silvaniense. YouTube, 2019.

As imagens aéreas mostradas no vídeo revelam a procissão dos foliões a cavalo, que carregam a bandeira de São Sebastião em direção à Casa do Pouso. Após percorrerem um longo trajeto pela zona rural, a chegada dos foliões de Silvânia é anunciada pelo som dos disparos de clavinote e pela cantoria dos cavaleiros, cujas letras destacam a chegada da bandeira. A cerimônia inclui um desfile a cavalo em formação circular, com a bandeira posicionada à frente, ornamentada com fitas e flores. A decoração da bandeira evidencia sua importância no contexto ritualístico da procissão.

A sagrada flâmula é conduzida à frente, acompanhada por numerosos devotos que a veneram com fé e confiança. Por onde passa, a flâmula é considerada uma fonte de bênçãos, abençoando os caminhos ladeados por plantações e animais. Sua presença é reverenciada pela devotos, que a reconhece como símbolo de proteção, pois nela se vê a estampa de São Sebastião. Isso porque ela é:

signo visual de maior valor simbólico nas Folias, a bandeira, que como veremos, durante o giro é o próprio santo presentificado, é montada sob a base de um pano branco retangular. Tendo este pano como fundo, a bandeira para estar pronta recebe um retrato do santo em volta do qual se colocam os chamados enfeites, flores, fitas e demais desenhos. Esse conjunto visual, constituído de um pano branco como suporte, sob o qual se costura o retrato do santo em seu centro e enfeites ao seu redor, é fixado em um mastro de madeira, compondo assim uma bandeira de Folia (Chaves, 2009, p. 120).

As imagens capturam o momento significativo do encontro entre os foliões e o anfitrião. O som do clavinote já não é mais ouvido, pois há um encontro de comunhão caracterizado por um sentido de fraternidade e devoção, o barulho do clavinote é substituído pelas cantorias.

A alteração na sonoridade evidencia a multiplicidade das paisagens sonoras presentes na Folia. Nesse contexto, são audíveis os sons da arma, dos instrumentos, das vozes e de outras sonoridades que compõem o ambiente, como o canto dos pássaros, as conversas entre as pessoas e os gritos das crianças brincando, entre outros ruídos. Essa diversidade sonora contribui para

a riqueza da experiência da Folia, refletindo a interação entre os elementos musicais e os sons do entorno. Assim,

identificar as diferentes sonoridades das paisagens exige mais acuidade e abertura auditiva, para que se perceba a dimensão da vida desses lugares. Essas sonoridades sutis podem revelar uma profundidade e amplitude surpreendentes dos sons que são decorrentes do que se movimenta na paisagem e nos seus habitantes, esse movimento implica vida (Lobo, 2021, p. 72).

A autora sugere que a composição dos sons pode indicar complementariedade a outros elementos próprios da devoção, dando vivacidade para a festa, ou seja, os sons dão sentido a outros elementos, como por exemplo, a bandeira empunhada nos braços do alferes, ainda montado, enquanto se escuta o disparo do clavinote, ou, mas mãos do anfitrião enquanto se ouvem as cantorias.

Neste contexto, a bandeira é recebida com reverência pelos donos da casa, sendo beijada, venerada e acolhida pelos moradores e por devotos. Um altar previamente preparado é destinado ao repouso da bandeira durante os rituais sagrados, nos quais ocorrem as cantorias, as orações e a cerimônia do beijamento. Assim, todo o ambiente é ornamentado e se torna sagrado, pois, Segundo Brandão, “tanto a casa do festeiro, quanto a casa dos giros e dos pousos são decoradas para a passagem da Folia e realização da festa” (Brandão, 2010, p. 55).

Figura 3: chegada da Folia e recepção da bandeira na casa do Mário, anfitrião de São Sebastião. Silvânia – GO



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 16.01.2022

Na análise da figura 3, realizada em campo, foi observado um altar adornado com tecidos vermelhos, uma cor tradicionalmente associada a São Sebastião. A escolha do vermelho para a decoração do altar não é meramente decorativa; ela faz alusão ao martírio de São Sebastião, santo de grande importância e centralidade de devoção nesta festividade. O altar foi cuidadosamente preparado para receber a bandeira que traz a imagem de São Sebastião, simbolizando a presença do orago entre os devotos. Observou-se que outros elementos também se fazem presentes no altar. Neste, em especial, estão as flores feitas com material artesanal dando à decoração um sentido de simplicidade da roça que se complementa com as folhas de coqueiro. A imagem de Nossa Senhora Aparecida simboliza a proteção da santa sobre a família e serve como um lembrete de sua importância como padroeira do Brasil. Essa representação não apenas reforça os laços de devoção dos indivíduos, mas também destaca a relevância cultural e religiosa da figura de Nossa Senhora Aparecida no contexto nacional. A bandeira ocupa uma posição de destaque e é exibida com orgulho pelo Sr. Jerônimo, pai de Marinho, o anfitrião.

Sr. Jerônimo relatou que participa há muitos anos da Folia de Silvânia junto com sua família e que, para ele, São Sebastião ocupa um lugar especial na vida de sua família e desta comunidade. Ele mencionou também que, atualmente, acompanha o giro de carro, pois, há dois anos, não consegue mais montar a cavalo como costumava fazer anteriormente.

A ornamentação do altar, com suas cores vibrantes e elementos decorativos, desempenha um papel crucial na cerimônia, pois reforça o ambiente de reverência e sacralidade. A preparação cuidadosa do espaço evidencia a importância atribuída à bandeira, que não apenas representa São Sebastião, mas também, como afirma Brandão, é uma guia para os rituais de veneração e devoção durante as celebrações. Assim, a ornamentação em vermelho do altar e a disposição para receber a bandeira reforçam os elementos da religiosidade popular que caracterizam a festa, contribuindo para o fortalecimento da identidade religiosa da comunidade. Tais elementos por si só não têm significado sagrado, mas estando naquele ambiente se torna investido de sacralidade e deixa de ser um objeto qualquer. Isso porque, segundo Otto, “o espaço se torna sagrado não por qualquer qualidade material ou mundana, mas por ser o local de uma manifestação do numinoso, onde o ser humano encontra o ‘totalmente outro’ e experimenta uma realidade transcendental que transforma a percepção ordinária do espaço” (Otto, 1917, p. 45).

Figura 4: reverência de um devoto à bandeira e ao altar na cada do Mário, anfitrião de São Sebastião em Silvânia, GO.



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora
Imagem capturada 16.01.2022

Igualmente, pode-se observar a figura 4. Nela, o devoto faz reverência ao santo em uma postura de respeito e piedade quando se ajoelha diante do altar. O chapéu é retirado da cabeça em sinal de deferência, um gesto que demonstra humildade e reverência diante do sagrado. Esta imagem pode refletir a fé e gratidão dos devotos de Silvânia a São Sebastião. O ato de se ajoelhar diante do altar pode reforçar a gratidão do devoto por graças recebidas, evidenciando o vínculo espiritual e a conexão que os fiéis mantêm com o santo. Este ato de reverência também pode simbolizar a entrega e a confiança dos devotos na proteção e intercessão de São Sebastião, reforçando a importância da figura do santo na vida religiosa desta comunidade.

Todo esse ritual que geralmente acontece nas casas dos pousos, tem um propósito central: prestar as devidas reverências a São Sebastião. Geralmente os devotos oferecem o pouso em pagamento de uma promessa, por gratidão pelo êxito da colheita ou simplesmente por honra ao santo. Assim, uma pessoa é designada para coordenar a entrega das bandeiras no início da festa. Isso porque,

as Folias são manifestações que se caracterizam pelos rituais das bandeiras, os quais consistem numa reunião inicial, popularmente chamada de junta. Na sequência, tem-se o ritual de saída, o giro pela residência dos devotos para a coleta de donativos. Esses momentos ritualísticos – iniciado pelo lado leste e finalizados no sentido oeste – agregam, no trajeto, pessoas e lugares sob o comando simbólico da bandeira (Lôbo *et al*, 2021, p. 17).

O texto indica a existência de uma hierarquia na organização da Folia, na qual cada participante desempenha uma função específica. Nesse contexto, a experiência dos indivíduos mais velhos é fundamental para a realização adequada do ritual, assegurando a atenção aos seus pequenos detalhes. Assim, estabelece-se um cronograma de papéis, visando à manutenção da harmonia dentro do grupo. Não existe um padrão obrigatório para todas as Folias. Alguns personagens se repetem, porém, essa estrutura pode variar muito, a depender da tradição de cada comunidade. Em Silvânia, o responsável por essa organização foi entrevistado:

Meu nome é João Batista de Souza, tenho 77 anos. Aprendi o ofício da Folia com meu pai quando tinha 14 anos. De lá para cá nunca mais larguei. Para atender o pedido do meu amigo Zé Carreiro, sou embaixador e organizador. Hoje organizo a Folia em Silvânia. Aqui existem 31 bandeiras e uma Folia que gira no mês de junho e julho. Só a Folia da Água Branca gira os 9 dias. A Folia da Posse gira três dias e tem cantoria. A Folia do Quilombo gira 5 dias e tem cantoria. As outras são Folia de pedido e não tem cantoria. Eu convido as pessoas e entrego as bandeiras de todas. Às vezes é difícil porque acumula tudo, mas eu faço por amor ao santo e porque o Zé era meu amigo, não pode deixar acabar. As crianças são ensinadas para continuar porque daqui uns tempos, não damos conta mais (Entrevista concedida à pesquisadora em 20 de julho de 2024).

Ao ser questionado sobre os papéis que cada membro desempenha na Folia de Silvânia, o Sr. Souza descreveu assim:

1. Organizador (Guia): Responsável pela escolha dos alferes e pela organização geral da estrutura da Folia.
2. Regente: Designa os papéis e entrega as bandeiras, juntamente com os alferes. É encarregado de manter a ordem da Folia, corrigindo erros e zelando pela disciplina.
3. Embaixador: Responsável pela condução das cantorias e dos versos nas ocasiões importantes, como a saída, o pouso e outras situações que demandem cantos.
4. Segunda voz: Auxilia o guia na condução da Folia.
5. Terceira voz (Tenor): Responsável por cantar na faixa vocal correspondente ao tenor.
6. Quarta voz (Tipa): Canta na primeira voz acima do tenor.
7. Quinta voz (Requinta): Auxilia a tipa, cantando em uma faixa vocal mais alta.
8. Tocadores: Instrumentistas que acompanham a Folia, como caixeiro, violonista e sanfoneiro.
9. Alferes: Responsável por carregar a bandeira durante o giro, entregando-a ao dono da casa no pouso.
10. Procurador: Encarregado de receber as esmolas no pouso.
11. Imperador: Dono da casa onde ocorre o pouso.

Durante a entrevista, o Sr. Souza, como é conhecido por seus amigos, expressou com sua devoção, destacando que o legado imaterial da Folia foi herdado de seu pai. Ele ocupa o papel de principal organizador do processo de coordenação da Folia, sendo designado, por tradição, como embaixador. Na cultura da Folia, é o embaixador quem tem a prerrogativa de iniciar a celebração, e a Folia só tem início sob sua liderança.

As pessoas responsáveis por guardar a bandeira durante a Folia são denominadas alferes. Elas desempenham o papel de conduzir a bandeira, entronizá-la na casa dos anfitriões e zelar por ela com devoção. Esse cuidado se justifica pela presença da imagem de São Sebastião, estampada no tecido preso ao mastro. A partir do momento da entrega, que geralmente é acompanhada por cantorias, a bandeira é consagrada e venerada. Dessa forma, a bandeira deixa de ser um símbolo meramente representativo, passando a remeter a outro nível da realidade e a transcender seu significado original, que, segundo Croatto, *trans significa a outra coisa* (2010, p. 92).

Entre os foliões mais experientes, há o costume de pernoitar junto à bandeira nas casas dos silvanienses que oferecem o pouso, com o objetivo de guardá-la e protegê-la, uma vez que se consideram guardiões dessa flâmula sagrada. De acordo com Nascimento, suas camas são estendidas em meio ao capim braquiária debaixo de árvores ou até mesmo dormem em redes (2021, p.95).

Esse gesto é digno de louvor e inspiração, considerando que a comitiva já está exausta após longas horas a cavalo. Embora pudessem buscar o descanso no conforto de seus lares, escolhem permanecer ali, zelando pela bandeira. Indubitavelmente, esse ato, aparentemente simples, destaca-se pela demonstração de fé que manifesta. Alguns dos foliões são pessoas de origem humilde, desprovidas de instrução catequética formal e de compromissos paroquiais, mas cujo amor pelo santo é evidente e profundo.

Uma breve conversa com os devotos que lideram a Folia e os pousos foi suficiente para evidenciar a conexão dessas práticas devocionais com os antepassados. É comum que mencionem que todos esses gestos votivos em homenagem ao orago são heranças familiares. Avós, pais, tios e amigos que, em épocas passadas, cultivaram essa devoção são responsáveis pela continuidade dos rituais entre os mais jovens. É gratificante observar uma devoção sendo transmitida de geração em geração por mais de dez décadas. Assim, permanece “um centro relacional em torno do qual o sistema se movimenta” (Chaves, 2009, p. 4).

Conforme mencionado anteriormente, a festa de São Sebastião em Silvânia vai além dos giros e pousos. O ponto culminante dessa celebração ocorre no último dia da novena, quando os cavaleiros que percorreram as residências com a bandeira reúnem-se na praça em frente à Igreja de São Sebastião, localizada no bairro com o mesmo nome.

QR CODE 5 – Encontro das bandeiras de São Sebastião (2024).



Magna de Souza Moreira
YouTube, 2024.

Figura 5 - Encontro das Folias de São Sebastião (2024)



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 20.01.2024.

Ao acessar o QR CODE é possível evidenciar a chegada e o desfile dos cavaleiros, vindos de todas as direções, trajando vestimentas típicas do sertanejo. Se aproximavam os idosos, os jovens, os homens e mulheres adultos. Com a bandeira empunhada, os alferes desfilavam em círculos ao som de foguetes e do clavinote que é disparado na chegada das bandeiras. Na figura 5 está o embaixador, senhor Souza, reunido com os foliões. Isso ocorreu já na porta da igreja, onde dirigiu algumas palavras a São Sebastião, rogando por proteção para todos e agradecendo as graças recebidas ao longo do ano. Nessa ocasião, ele convidou os foliões presentes a rezarem juntos por todos aqueles que participaram da Folia no ano anterior, visitando as residências, e pedia também a proteção do santo para os anfitriões que ofereceram pouso em suas casas naquele ano. Ademais, ele rezava pelas almas dos antigos foliões e dos familiares falecidos dos presentes, onde se percebeu os participantes chorando, de cabeça baixa, atentas compenetradas em suas palavras. Esses gestos e palavras provavelmente trouxeram à memória desses devotos antigos foliões falecidos.

Neste sentido, corrobora Nascimento ao relatar sua experiência vivenciada na Folia em julho de 2018:

o grupo presente era quase o mesmo que acompanhara a bandeira o tempo todo. O momento foi marcado por muita emoção, sobretudo na ocasião em que o embaixador convidou os foliões a reverenciarem São Sebastião e agradecerem, de modo particular, pela vida de todos que participaram do festejo naquele ano e pelos que participaram no ano anterior, inclusive os falecidos. As lágrimas silenciosas, as expressões compenetradas e as cabeças baixa, assim como os abraços e o toque no ombro, sugeriram o quanto a devoção ao santo dava ao grupo um sentimento de pertencimento e fraternidade. Choravam porque não queriam que a festa acabasse. Choravam porque revivesciam aqueles para quem a festa já tinha definitivamente acabado (Nascimento, 2021, p. 102).

Ao comparar as narrativas de Nascimento com as evidências coletadas pela pesquisadora em campo no ano de 2022, observa-se o cuidado dos foliões na preservação dos rituais. Após quatro anos, o ritual de entrega da Folia e o encontro das bandeiras mantêm-se praticamente inalterados em seus detalhes.

O encontro ocorreu na porta da pequena capela de São Sebastião, localizada no bairro homônimo, onde se reuniram 31 bandeiras trazidas pelos cavaleiros alferes, que são os guardiões das bandeiras, alguns dos quais vieram de grandes distâncias.

Após a autorização do embaixador, os foliões entram em procissão na igreja, dispostos em pares e carregando a bandeira de São Sebastião, que é depositada sobre o altar. Nota-se a atenção dos presentes ao ver, na frente da fila, Aline, neta de Zé Carreiro, em lágrimas, conduzindo a bandeira que lhe foi confiada pelo avô falecido.

Com todos reunidos diante do altar, o embaixador inicia a cantoria em honra a São Sebastião. Os versos, longos e improvisados, narram a trajetória do grupo durante os nove dias de caminhada. A cantoria inclui agradecimentos pela boa colheita do ano, pela saúde dos participantes, pelas doações recebidas e, novamente, pelas almas dos ancestrais. O padre, demonstrando zelo e apoio à tradição, acolhe com calma e paciência todos os versos cantados enquanto recebe as sacolinhas confeccionadas em tecido com as doações⁷ recebidas pelos foliões durante os giros. Ao término dessa parte da celebração, ele prontamente abençoa as bandeiras e os foliões presentes.

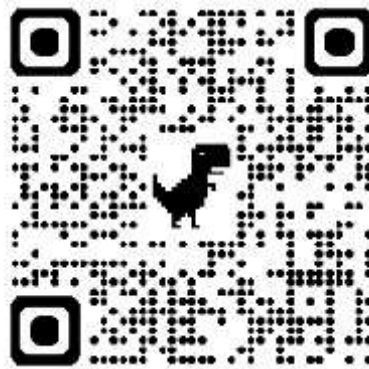
Em momentos de observação de toda aquela demonstração de fé, percebeu-se que alguns participantes expressaram a crença de que o santo é poderoso e, por isso, digno de todas aquelas homenagens. Assim, compreende-se que São Sebastião é visto como um agente

⁷ As doações recebidas são entregues ao sacerdote para uso com as despesas da igreja, podendo ser gastas em reformas, construções e aquisição de móveis e pares eletrônicos, segundo informações de devotos.

milagroso, capaz de operar transformações, distribuir bênçãos, e oferecer proteção às casas, aos animais, às plantações e às famílias.

Em campo, ouviu-se nos diálogos e comentários que diversos milagres são atribuídos a São Sebastião. Daí decorre que o santo é considerado poderoso e digno de grande reverência entre os fiéis. Esse sentimento é exemplificado pelo depoimento de Júlio César, um devoto que relatou a cura de um grave problema na coluna. Ele acolheu os foliões de São Sebastião em sua residência, oferecendo-lhes pouso como forma de cumprir uma promessa previamente feita por sua sogra. O milagre ocorreu quando Júlio César se recuperou de uma grave fratura na coluna vertebral. Em entrevista ao programa "Bom Dia Goiás", o agricultor atribuiu sua recuperação à sua fé em São Sebastião. Marina, sua esposa, corroborou o relato, expressando sua alegria ao descrever o ocorrido. O relato pode ser confirmado por meio do QR CODE:

QR CODE 6 - Devotos de São Sebastião finalizam homenagem ao santo com novena, em Silvânia



Bom Dia Goiás. Globo Play, s/d.

O depoimento do casal suscita o desejo de uma maior proximidade com São Sebastião. Observa-se, assim, uma relação de confiança entre o devoto e o orago, evidenciada pelo encantamento e pela paixão à devoção que transpareciam nos olhos de Júlio César ao relatar o ocorrido.

Na mesma reportagem, Marly Ferreira, em entrevista, afirmou recordar-se da infância, período em que seus pais lhe ensinaram a tradição. Esse depoimento da devota é relevante neste contexto, pois fortalece o argumento de que a devoção persiste por estar enraizada na memória dos fiéis, associada às lembranças de seus ancestrais, que, de forma pedagógica, os ensinaram a valorizar os festejos e toda a performance envolvida na celebração.

Para encerrar os festejos, a festa inclui uma parte social, composta por barracas que oferecem alimentos, bebidas e momentos de entretenimento. Essas estruturas, situadas ao lado da capela, acolhem os participantes com música, comidas e bebidas.

Também existe, concomitante às barraquinhas, a prática de um "arrasta-pé" ao som de acordeão, violões e músicas mecânicas. Assim, destaca-se mais um componente da paisagem sonora da festa. Neste caso, a sonoridade se manifesta fora dos rituais, por meio de músicas de estilo também mais moderno. Essa musicalidade em estilo mais moderno nem sempre é bem recebida mais devotos mais velhos. Alguns expressaram sua insatisfação, justificando a decisão de deixar o evento após a cerimônia com o argumento de discordância em relação ao rancho e à parte considerada "profana". Neste contexto, corrobora Lôbo (2021, p.108): “todo o rito que compõe a festa popular está ligado a uma sonoridade específica, os modos musicais são previstos e determinados, no entanto, nem sempre há harmonia, pois, outras musicalidades podem invadir o espaço ritual e produzir conflitos...”

Evidentemente que não são somente os devotos que acompanharam as celebrações. Registrou-se em campo a presença de pessoas da cidade que frequentam o rancho e que não participam da Folia, mas que também esperam pela festa o ano todo para se divertirem e se encontrar com amigos.

Na trajetória desta pesquisa em Silvânia, pode-se concluir neste capítulo que a devoção à São Sebastião no município é viva e segue uma tradição secular. Como afirma Nascimento: em Silvânia, se Nossa Senhora do Rosário expropria o padroeiro Senhor do Bonfim dos privilégios de nomear uma matriz, São Sebastião o expropria de uma veneração patronal (Nascimento, 2021, p. 95)

1.3. Origem e Continuidade: O Reinado de São Sebastião na Capelinha do Mato Grande

O Reinado de São Sebastião, celebrado na Capelinha do Mato Grande, é um exemplo marcante dessa perpetuação não só cultural, mas também afetiva. Neste contexto, a figura do Rei e dos juízes são protagonistas de disputas que refletem a dinâmica religiosa e a luta pela preservação da memória coletiva. Este estudo busca explorar a origem e a continuidade do Reinado de São Sebastião, destacando o papel central do rei, dos juízes e as tensões que permeiam essa celebração. Especialmente, atentar-se-á a análise desta devoção no sentido de evidenciar se a memória dos mortos contribuiu para o surgimento desta devoção e se contribui para sua continuidade. Ademais, ao investigar essa comunidade, pretendeu-se compreender como as tradições se mantêm vivas e se reinventam, fortalecendo a identidade familiar, comunitária e reafirmando a devoção ao santo padroeiro.

A devoção a São Sebastião no povoado de Mato Grande, em Leopoldo de Bulhões, remonta a 1856, tendo suas origens em um contexto doméstico. Conforme relatado por Nascimento (2021, p. 76), essa devoção é evidenciada pela celebração de uma missa no dia 20 de janeiro, uma prática que se repetiu no mesmo dia nos anos subsequentes, o que é incomum em outras localidades. Tal regularidade sugere um profundo vínculo da comunidade com o orago específico, levando o padre a priorizar essa data para a realização da desobriga anual. Essa tradição é corroborada por uma certidão de batismo que menciona o Bairro de Mato Grande e registra o batismo de uma criança pelo padre Antônio Evaristo no dia de São Sebastião, 20 de janeiro.

Nos anos seguintes, o padre Antônio Evaristo continuou realizando batizados na região na mesma data, 20 de janeiro, o que sugere a existência de uma devoção doméstica já estabelecida.

A origem do povoado de Mato Grande está diretamente ligada à constituição do patrimônio da Capelinha do Mato Grande, hoje assim conhecida. A capelinha foi construída entre Silvânia e onde hoje está edificada a capital, Goiânia, com o intuito de catequizar os fregueses da paróquia que habitavam aquele pequeno povoado, que estava sob o domínio da paróquia do Senhor do Bonfim, em Silvânia. Apenas em 1920 foi inaugurada a capela dedicada ao padroeiro por padre Salomão, oficializando assim a devoção a São Sebastião.

Naquela época, conforme era costume entre os goianos, havia grupos de foliões que percorriam as residências levando a bandeira do santo de devoção, cantando pelo caminho e nas residências que os recebiam, liderados por um regente, com a presença de reposteiros, caixeiros e violeiros. Segundo Nascimento (2021, p. 79), devido a esse comportamento, o padre referia-se aos frequentadores da capela do Mato Grande como "ignorantes e folgazões". Nascimento prossegue afirmando que, em Mato Grande, a devoção não correspondia a uma Folia, mas sim a uma festa cantada no estilo dos juizados e do reinado da irmandade dos homens pretos.

Ao comparar as duas festas, de Silvânia e de Mato Grande, observa-se que a Folia também compõe os festejos e atrai devotos à capelinha do mato grande. Atualmente, existem grupos de foliões que participam da festa em Mato Grande, realizando cantorias no estilo característico das Folias goianas, tanto na casa do rei e da rainha (os festeiros) quanto na igreja. Isso é semelhante ao que ocorre na Folia de Silvânia, com a diferença de que a festa em Silvânia teve sua origem na organização de grupos de foliões liderados por um regente e com a participação de reposteiros, caixeiros e violeiros. Em contrapartida, na capelinha do mato

grande, a devoção não surgiu a partir da estruturação de uma Folia. Por isso, atualmente, a devoção é de natureza híbrida, como afirma Nascimento: "hoje a festa é uma adaptação que mistura a Folia goiana e a antiga festa do padroeiro — muito similar às raras festas de irmandades dos negros com seus juizados e reinados" (2021, p. 113).

Outro fator importante a ser mencionado é a data de realização da festa. Na região de Mato Grande, o santo é festejado oficialmente em seu dia, 20 de janeiro, enquanto em Silvânia a celebração foi transferida para o mês de julho. Não se ouve falar muito, em se tratando de discursos motivadores para o surgimento da devoção em Mato Grande, sobre as súplicas de proteção de São Sebastião às plantações, o que não exclui a bênção aos animais e às roças. Porém, parece-nos que os fatores motivadores para a continuidade da devoção são outros. Percebe-se, em campo, uma fidelidade à memória afetiva e familiar como principais motivos para não deixar a devoção ao orago acabar.

O fazendeiro Amâncio Gomes dos Santos tem importância fundamental na construção do patrimônio material de São Sebastião na região de Mato Grande, pois, ele foi o doador de cinco alqueires de terra, na década de 1910. Essa informação, só pode ser extraída graças à memória biográfica de dona Maria (esposa de Nego Barroso, devoto que lutou e conseguiu a reapropriação da terra do santo), pois não há registro no Cartório de Registros de Imóveis, aponta Nascimento (2021, p. 80).

Esse pequeno terreno, antes mesmo da construção da capela, já tinha significado para os camponeses, pois na religião popular, o símbolo sacraliza o espaço. Esse argumento é corroborado por Eliade (1992, p.18) ao afirmar que “manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente”. Nesse sentido, para os devotos de São Sebastião, aquele espaço era sagrado e já existia ali uma devoção, independentemente da existência de uma igreja, o que também é importante para, mais tarde, consolidar a devoção. Desta forma, a territorialidade de São Sebastião vai se solidificando no povoado de Mato Grande. Isso porque a devoção surgiu no sentimento e no coração das pessoas, fazendo com que ultrapasse as gerações.

Logo, a partir da doação do terreno, houve a construção da capela, até porque, era de interesse do padre Salomão⁸ que se tivesse ali uma igreja que servisse para catequizar o povo, pois ele se preocupava com as devoções populares e o poder desenfreado dos leigos na gestão dos recursos financeiros da paróquia e a com a libertinagem geral dos fregueses mais dados aos

⁸ Padre Salomão Pinto Vieira assumiu a paróquia do Bonfim com o propósito de normalizá-la e reestruturá-la completamente, o que incluía a Capela do Mato Grande pertencentes à esta paróquia.

jogos do que às rezas. No entanto, o padre adentrou-se às casas, percorreu às fazendas, percorreu caminhos difíceis e fez amigos, colocou em risco a própria reputação para formar católicos, primeiros, conforme relata Nascimento (2021, p. 76). Ao que as pesquisas indicam, o padre tinha liderança entre os fregueses, a alguns agradou, a outros nem tanto.

A partir disso, verifica-se no relatório anual de 1920⁹ que havia sido lançado os fundamentos da capela oficial no bairro de Mato Grande. A partir de 20 de janeiro de 1921, de acordo com Nascimento (2021, p. 82), os documentos oficiais passaram a se referir ao Mato Grande como “Capela do Mato Grande” e não mais como “bairro de Mato Grande”.

Mais tarde, por volta de 1923, com base em uma provisão diocesana, o padre Pitaluga iniciou a celebração de missas mensais. No entanto, a iniciativa não obteve sucesso, pois os moradores não se adaptaram à nova prática e compareciam à igreja apenas por ocasião da festa de São Sebastião, celebrada em 20 de janeiro. A tentativa de oferecer mais missas, bem como de reforçar a obediência ao bispo, resultou no afastamento ainda maior da comunidade em relação à igreja. Acredita-se que o problema não esteja na liderança do padre junto à comunidade, mas no fato de os devotos não estarem habituados às normas da Igreja oficial. Isso ocorre porque a devoção popular pode estar mais enraizada nas práticas transmitidas pelos ancestrais do que na doutrina transmitida pelos líderes da Igreja.

Com a morte¹⁰ de Amâncio, doador do terreno, a diplomacia entre os devotos e a igreja teve seu fim. Em 1948, padre Osvaldo Venturuzzo afirmava que a Capelinha do Mato Grande estava em decadência, pois, segundo Nascimento (2021, p. 85), já não tinha quem frequentasse as missas. A ausência de registro de batismos e casamentos nos anos seguintes sugere que também o padre e seus sucessores haviam desistido da comunidade.

Aos poucos, a missa do dia 20 de janeiro deixou de ser celebrada e, por fim, em 1952, a capela foi destruída, levando a comunidade de Mato Grande a literalmente deixar de existir. Poucos moradores permaneceram na região. Assim, um fazendeiro se apropriou da terra do santo, deslocando a cerca de sua propriedade até ocupar todo o espaço doado por Amâncio. Insatisfeitos, os moradores entraram na justiça pedindo a reapropriação do terreno de São Sebastião. A demanda, encabeçada pelo Senhor Nego Barroso, teve um desfecho favorável e, por ele, foi construída uma nova capela, o que também repovoou Mato Grande. Isso porque naquelas terras havia um santo sem igreja, porém, proprietário de todo aquele patrimônio a ele doado.

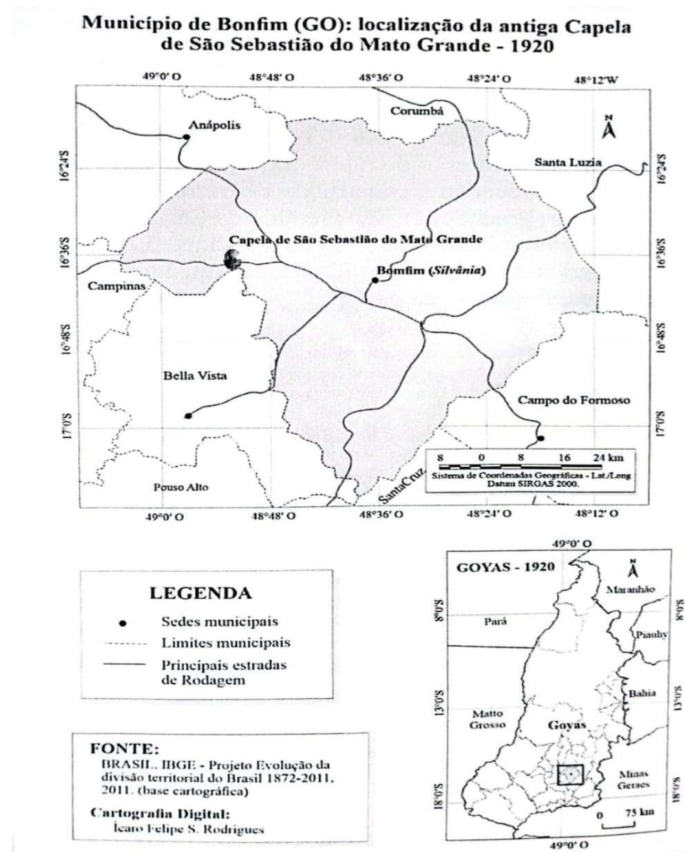
⁹ Livro de tomo nº 01, PNSB, página 47b e 48. 01/01/1921

¹⁰ O senhor Amâncio Gomes dos Santos morreu enquanto ajudava a preparar a capela para a festa de São Sebastião. Caiu morto com os pés para fora da soleira da porta e o corpo para dentro da igreja.

O sentimento de pertencimento foi construído em estreita relação com o território, e a devoção já estava profundamente enraizada nos corações dos devotos de Mato Grande. Dessa forma, a piedade não se extinguiu e, mesmo em meio a tanta adversidade, no período entre a demolição da igreja e a reconstrução promovida por Nego Barroso, a festa continuou a ser realizada nas casas dos fiéis, retomando-se, assim, os cultos domésticos. Porque, segundo Brandão (2010, p. 19): “aqui mesmo, hoje, de tal modo, a festa invade a vida e, de repente, parece que tudo é ela – quando há “crise” ou mesmo por causa disso – ou parece que em tudo há uma dimensão que pode ser vivida como festa.”

De acordo com Nascimento (2021, p.86) o fazendeiro Sebastião Luiz da Abadia mobilizou os devotos e, por três décadas, a festa aconteceu em sua propriedade, em uma região chamada Trinta e Cinco ou Morro da Paciência, distante cerca de 6 km da Capelinha do Mato Grande. Daí decorre que todo o solo daquele povoado passou a ser sagrado porque ali houve a experiência religiosa. Otto (2007, p. 100) confirma essa ideia ao descrever a experiência religiosa como uma experiência do "numinoso", que é caracterizada por uma sensação de mistério e temor. Ele argumenta que a linguagem religiosa tenta capturar e comunicar essa experiência única e profunda.

Figura 6 – Mapa Município de Bonfim, GO.



Fonte: Nascimento, 2021, p. 78

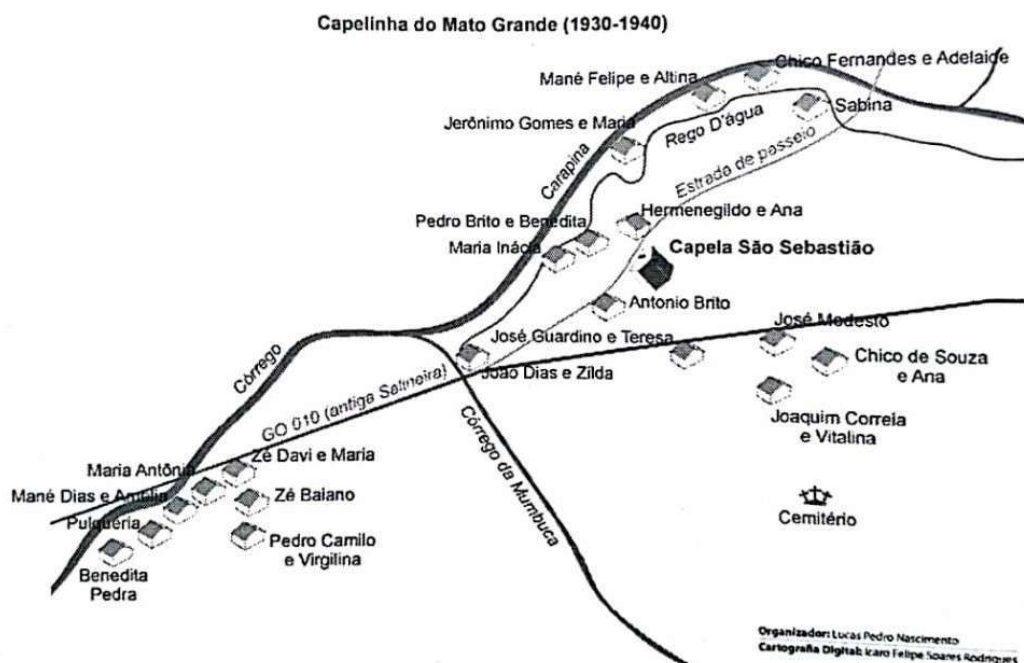
Dáí decorre que, a partir de revisão bibliográfica e evidências em campo, a continuidade da festa, mesmo sem a igreja, foi uma maneira encontrada pelos moradores do povoado para continuar honrando o santo e junto com ele também os falecidos que colaboraram outrora para que a devoção fosse içada. Assim, foi necessário encontrar uma nova forma de viver a festa de São Sebastião no Mato Grande, ou repetir os antigos costumes que o povo já praticava antes da construção da capela. Neste sentido, corrobora Brandão:

novas formas de viver o festejo ou a redescoberta de formas antigas para nosso mundo parecem estender o poder e o significado da festa. Cada vez mais ela não quer tanto se opor à rotina, ao trabalho produtivo, mas sim invadi-los. Invasão a política, o lado sério, as relações que entre si os homens trocam. (2010, p. 21)

Não tendo mais a festa de janeiro na capela de Mato Grande, a devoção à São Sebastião foi polarizada nos arredores, em regiões próximas, como é o caso de Bonfinópolis, conforme a figura 5, igualmente realizada nas casas dos devotos.

Graças às ações de Nego Barroso e de sua família, hoje se tem a igreja elevada e a devoção ao orago é mantida na Capelinha.

Figura 7: Mapa Capelinha do Mato Grande.



Fonte: Nascimento, 2021, p. 79.

A Capelinha de São Sebastião, situada no Mato Grande, conforme a figura 6, continua abrindo suas portas todos os anos em janeiro para receber os devotos de São Sebastião. Neste espaço sagrado, as pessoas de hoje sentem-se acolhidas pela presença do santo. De acordo com

Nascimento (2021, p. 89), os moradores fazem o sinal da cruz, relembram pessoas e momentos do passado, rezam, tiram o chapéu, choram e praticam sua fé com devoção. Isso porque “os cantórios das rezas e das Folias moldam a personalidade de seus partícipes, provocando e ativando reações químicas que exercem influência no organismo” (Lôbo *et al*, 2017).

Essas práticas reavivam memórias de tempos passados e de indivíduos que se esforçaram intensamente para preservar a devoção ao santo e que agora ocupam um lugar na glória celestial. Nesse contexto, observa-se um retorno anual das pessoas à Capelinha, motivado por vínculos afetivos e pela revivescência dos ancestrais. As músicas, os gestos, as orações e até mesmo os alimentos servidos pelos festeiros contribuem para que cada indivíduo experiencie recordações e reencontros com memórias biográficas, transformando, assim, esse espaço em um ambiente de lembranças afetivas.

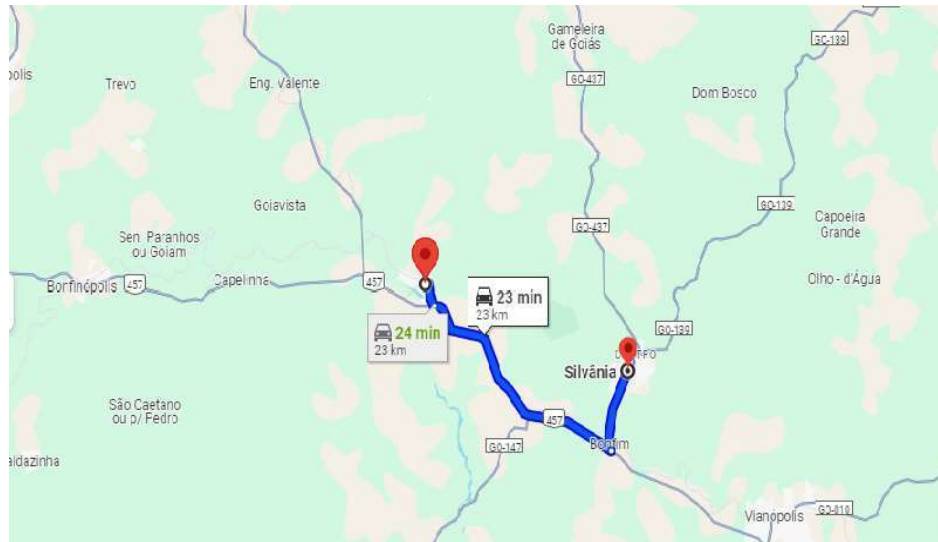
Na Capelinha de Mato Grande, diversos conflitos surgiram entre os devotos e o padre, envolvendo a imagem do santo e a realização da festa, especialmente após o falecimento de Nego Barroso. Nos anos de 2004 e 2005, o padre manifestou o desejo de alterar a data da festividade para o mês de julho e de transferir a imagem de São Sebastião do nicho central para uma cantoneira. Para os devotos, a mudança da imagem representava um rebaixamento do santo, o que causou descontentamento e desencadeou uma mágoa que se estendeu por anos. Durante esse período, houve até um boicote à festa. Somente em 2017, conforme Nascimento (2021, p. 91), o conflito foi resolvido com a construção de um nicho definitivo no centro, onde a imagem do orago permanece até os dias atuais.

As observações de campo revelaram a forte fidelidade dos devotos à tradição, caracterizada por uma relação de confiança mútua entre o santo e o fiel. Nota-se, portanto, um esforço constante para preservar os ensinamentos transmitidos pelas gerações passadas, garantindo a manutenção dos costumes originais da celebração, especialmente aqueles relacionados aos juizados das irmandades, que foram extintos por não resistirem à pressão imposta pela tentativa de doutrinação e controle sobre suas práticas devocionais. De acordo com Nascimento (2021, p. 72), após diversas tentativas frustradas de reunir os membros, o padre Salomão gradualmente extinguiu as irmandades.

Diferentemente de Silvânia, na Capelinha do mato grande a Folia não é o foco principal da devoção. Embora esteja presente, o reinado e o juizado é que realizam a festa. Em Mato Grande, os foliões são convidados pelo festeiro para as cantorias, algo que tem acontecido apenas recentemente, pois, segundo testemunhos de frequentadores, antes não era assim. Havia cantores, mas não foliões. Já em Silvânia, percebe-se que toda a estrutura da festa se fundamenta

no “junta”, uma prática inicial que reúne as pessoas para a saída da Folia. Somente após este gesto, a festa tem início.

Figura 8: Distância entre Silvânia e Leopoldo de Bulhões.



Fonte: Google Maps

Conforme a figura 7, a distância entre Leopoldo de Bulhões e Silvânia é de 23 km, percorridos pela BR-457. No entanto, há um acréscimo de 5 km entre a Capelinha e o trevo de Leopoldo de Bulhões. Assim, a distância entre Mato Grande e Silvânia é de aproximadamente 28 km pelo trajeto mais rápido (BR-457). Apesar da curta distância, apenas alguns frequentadores são comuns a ambos os locais. Somente aqueles que possuem laços de amizade com as famílias residentes na Capelinha participam da festa de São Sebastião na Capelinha (janeiro), e o mesmo ocorre no sentido inverso.

Na estrutura da festa de Mato Grande, observou-se em campo que o rei e a rainha são escolhidos pela própria comunidade. Esses indivíduos assumem a responsabilidade de, ao longo do ano, organizar e preparar os festejos em homenagem ao santo, celebrados no dia 20 de janeiro.

Durante a novena realizada de 11 a 18 de janeiro, a família que acolhe o grupo de devotos é designada como "juiz". Na residência do juiz do dia, um altar simples é montado com flores e ornamentos nas cores associadas a São Sebastião, com o objetivo de receber os fiéis. Esse modelo de "juizado e reinado" desempenha um papel central nas celebrações em honra a

São Sebastião na região, pois remete à tradição dos juizados e do reinado das irmandades¹¹, que serviam de inspiração para a devoção.

Historicamente, as famílias recebiam os devotos ao som de foguetes de Candiúva¹², o que simbolizava poder e fervor religioso. Esses foguetes eram confeccionados de forma artesanal, prática ainda observada durante as festividades de Silvânia, com o uso do clavinote. Embora atualmente o uso desses foguetes artesanais tenha sido descontinuado, a devoção permanece viva, com algumas adaptações. Durante as celebrações, também são oferecidos aos convidados iguarias típicas, como arroz doce e rapadura.

No dia dedicado a São Sebastião, na casa do Rei, realiza-se o terço, acompanhado de outras orações de agradecimento e súplica ao santo. Nesse momento, alguns grupos de foliões convidados, conforme mencionado anteriormente, também realizam cantorias a pedido dos anfitriões (o rei e seus familiares). É importante destacar que gestos performáticos ocorrem dentro da casa, diante de um altar ornamentado com flores e nas cores vermelha, em menção ao martírio de São Sebastião. Nesse altar, são colocadas as imagens dos santos de devoção, especialmente a de São Sebastião, bem como a bandeira, símbolo estruturante da devoção e dos festejos, conforme observado por Nascimento,

a bandeira, longe de simbolizar uma alegoria ou uma representação do santo, é, para os agentes sociais que mantêm seu culto e dele participam, a pessoa do santo, pois, a imagem do santo, que sabem ser de material perecível, não é reduzida, por isso, a condição de uma figura simbólica. É de gesso, de barro ou de madeira, mas é nesses elementos que a santidade efetivamente se manifesta, de modo a ser vista e tocada (2021, p. 109).

De fato, as observações em campo revelaram que a bandeira desempenha um papel de grande importância na festa de Mato Grande, sendo objeto de veneração, beijos e reverências por parte dos participantes. A sagrada flâmula, estampada com a imagem de São Sebastião, é erguida durante as festividades em sua homenagem, simbolizando devoção e proteção, e sendo reverenciada pelos fiéis ao longo das celebrações. Esse comportamento também é observado na Folia de Silvânia, onde a bandeira é valorizada e tratada com grande respeito. Em ambos os contextos, a bandeira assume um valor simbólico significativo, e, após os ritos iniciais da festa, torna-se sagrada, refletindo a profundidade da devoção e a continuidade das tradições nas

¹¹ Refere-se às irmandades de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Miguel e Almas, Nossa Senhora da Conceição e Santíssimo Sacramento com sede ou na Igreja do Rosário ou na Igreja do Bonfim, no início do século XX.

¹² Planta nativa no Brasil, também conhecida como pau-pólvora

celebrações. A reverência à bandeira em ambos os eventos sublinha seu papel central como símbolo de ligação entre os devotos e o santo, além de representar a identidade e o legado deixado pela ancestralidade.

O altar exibe as cores associadas a São Sebastião, e um espaço especial é reservado para a bandeira, que é cuidadosamente adornada com fitas coloridas em um tecido fino e acetinado, de acordo com a altura do santo. No centro da bandeira, encontra-se a imagem de São Sebastião, conferindo à sagrada flâmula um status ainda mais digno de reverência. Assim, como afirma Brandão: “a bandeira é considerada a ‘guia’; sem ela, não há Folia” (2010, p. 50). A mesma importância é observada no reinado de São Sebastião na Capelinha do Mato Grande, onde a ausência da bandeira torna o reinado inviável.

Figura 9 – altar na casa do rei – festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 20.01.2023

Figura 10 – altar na casa do rei – festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 20.01.2023

Observou-se em campo que, diante da bandeira, os devotos demonstram uma muita fé e uma clara expressão de apreço pela devoção. A relação entre o devoto e o santo se entrelaça com a bandeira exposta, e os gestos de ajoelhar-se com reverência, beijar a sagrada flâmula e fazer o sinal da cruz refletem a profundidade da devoção dos frequentadores. Emoções são perceptíveis, e é comum observar indivíduos imersos em oração profunda diante do altar onde a bandeira repousa por longas horas. Esses gestos são inspiradores e exemplares, contribuindo significativamente para o fortalecimento da fé, incluindo daqueles que visitam o local pela primeira vez. A experiência ritualística vivenciada tem um impacto significativo, proporcionando uma transformação que transcende a materialidade visível.

Dado o término das festividades na casa do rei, o grupo sai em procissão à casa da rainha, acompanhado pelos foliões presentes, que tocam e cantam pelo caminho. A rainha o recebe com um crucifixo nas mãos e a cabeça adornada com uma coroa de flores. Ali ocorre o cortejo e as cantorias próprias com versos improvisados para o momento. Após, um lanche é servido e os dois seguem em procissão para a igreja, acompanhados dos devotos ali presentes.

A entrada dos dois na igreja, carregando a bandeira de São Sebastião, é realizada em um corredor de luzes feitas com querosene e estopa. Fogos são soltados e o grupo de foliões, acrescido de outros participantes da festa, canta e toca em homenagem a São Sebastião.

Figura 11 - Caminho de luz para procissão de entrada - festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024).



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada em 20.01.2024

Figura 12 - Entrega da bandeira no altar– festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024)



Fonte: Fotografia: a pesquisadora. Imagem capturada em 20.01.2024

Na Figura 11, observa-se o cuidado na confecção das pequenas tochas, elaboradas artesanalmente com cascas de maracujá, estopa e querosene. Esse trabalho artesanal constitui também uma tradição na qual os devotos se reúnem para enfeitar a entrada pela qual o rei e a rainha irão conduzir a bandeira sagrada. É importante destacar novamente que a festa mobiliza a comunidade, visto que os devotos frequentemente deixam de lado suas atividades cotidianas para se dedicar aos detalhes da preparação do evento.

Ao analisar o altar, cuja imagem está registrada na Figura 12, pode-se constatar a aparência compenetrada que envolve o rei e a rainha durante o momento de entrega da festa. Este gesto simbólico é carregado de um profundo sentimento de dever cumprido, refletindo a satisfação de terem honrado a tradição por mais um ano. A expressão de gratidão e alívio nos rostos dos festeiros sugere que eles acreditam ter alcançado o favor do santo, transmitindo a ideia de que São Sebastião está satisfeito com as homenagens prestadas.

Esta celebração, no ano de 2024¹³, foi presidida por um diácono, conforme a figura 13, da paróquia de Leopoldo de Bulhões, onde a comunidade do Mato Grande está vinculada. Na imagem, o diácono ergue a bandeira de São Sebastião para abençoar os devotos e encerrar os festejos. É importante destacar a presença de outras imagens ao lado da bandeira, entre as quais se observam Santa Luzia à direita, Santa Teresinha à esquerda e, ao centro, a representação do Divino Espírito Santo.

Durante conversas com os devotos, constatou-se um forte apreço pela devoção a Santa Luzia, evidenciado, inclusive, por relatos de milagres a ela atribuídos. De igual modo, Santa Terezinha também é bastante venerada.

¹³ Registro nosso por ocasião da visita em campo.

Figura 13 – bênção pelo celebrante – festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande (2024).



Fonte: Fotografia: a pesquisadora. Imagem capturada 20.01.2024

Essa conclusão de mais um ciclo de celebrações reforça o vínculo espiritual entre a comunidade e seu padroeiro, perpetuando a devoção e reafirmando a continuidade dos rituais religiosos.

Neste momento, observam-se pessoas compenetradas alegres com o encerramento da festa, uma ocasião em que, mais uma vez, a memória dos ancestrais são relembradas e gestos votivos são repetidos. Como parte da cerimônia, ocorreu a entrega da bandeira no altar e a troca de coroa, que é passada pelo Rei para o festeiro do ano seguinte. Após os devotos beijarem a bandeira depositada no altar, a cerimônia conclui-se no exterior, com o levantamento do mastro que sustenta a bandeira de São Sebastião em sua extremidade. Este momento é marcado por fogos de artifício e cantorias.

Notou-se a significativa participação de pessoas mais jovens, incluindo o rei e a rainha dos dois anos observados em campo (2023 e 2024). Nesse contexto, verificou-se que, no povoado de Mato Grande e no município de Silvânia, São Sebastião está inscrito na memória coletiva, com a devoção sendo transmitida às gerações mais jovens. As observações revelaram um notável apreço e cuidado com essa devoção.

Durante a pesquisa de campo, constatou-se que a família de Nego Barroso tem assumido com fervor a missão de perpetuar a devoção e o reinado de São Sebastião. Quando questionados

sobre os motivos que sustentam essa continuidade, os membros da família expressaram um considerável apreço por São Sebastião, especialmente por sua intercessão na recuperação da saúde de Dona Maria, viúva de Nego Barroso. Atualmente, a festividade é realizada em cumprimento a uma promessa feita pelo neto de Dona Maria durante um período de enfermidade grave em que ela estava hospitalizada. Na ocasião, a família, já descrente quanto à recuperação de Dona Maria, viu o neto prometer ao santo que, se sua avó fosse curada e pudesse retornar para casa, ele, junto à comunidade de Mato Grande, retomaria os festejos em honra a São Sebastião, nos moldes antigos e que também distribuiria doces para todos. Assim que Dona Maria recebeu alta hospitalar, iniciou-se o cumprimento dessa promessa, no mês de janeiro do ano seguinte.

À medida que a pesquisa avança, torna-se cada vez mais evidente que é revigorada nestas localidades e são revigorados por uma afetividade que fortalece a relação entre o santo e o devoto. Assim, é fundamental registrar a influência dos antepassados na preservação dessa devoção, tanto em Silvânia, como já relatado, quanto no Mato Grande.

CAPÍTULO II - “O SENHOR SÃO SEBASTIÃO ESTÁ MUITO SATISFEITO”: AS FESTAS E SUAS RITUALIDADES VOTIVAS

A festa de São Sebastião, celebrada em Silvânia e Leopoldo de Bulhões, é um testemunho vivo da fé e da religiosidade popular que atravessa gerações. Este capítulo busca explorar os espaços e símbolos de devoção que moldam essa festividade, bem como a poética que corrobora para o resgate de memórias dos ancestrais.

Os altares dedicados a São Sebastião, erguidos nas casas e nas igrejas, são mais do que simples locais de oração. Eles representam um ponto de encontro entre o sagrado e o cotidiano, onde os santos de devoção familiares são venerados e a bandeira, símbolo da festa, circula pelas ruas e pelas comunidades rurais renovando laços comunitários e reavivando memórias afetivas. Esses elementos materializam a fé, servindo como âncoras visuais e emocionais que conectam os devotos a uma tradição centenária.

Este capítulo, portanto, pretende lançar luz sobre essas dimensões da festa de São Sebastião, compreendendo como os espaços sagrados, os símbolos de devoção e os rituais poéticos se entrelaçam para criar uma experiência comunitária rica em significados e afetos. Ao investigar essas práticas, buscou-se entender como a memória coletiva e a identidade cultural se manifestam e se perpetuam através de gestos, palavras e objetos que, embora aparentemente simples, carregam uma profunda carga simbólica e afetiva.

2.1 Espaços de Devoção: Altares, símbolos e a poética

Para iniciar este estudo, é essencial uma reflexão sobre o significado do altar, considerando sua relevância nas práticas devocionais cristãs. No contexto específico das festas populares, os altares desempenham um papel central, destacando-se na festa de São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões. Portanto, é necessário apresentar um breve conceito de altar para embasar esta pesquisa.

A palavra hebraica para altar, "mizbah", significa "lugar onde se sacrifica". Historicamente, o altar está frequentemente associado a sacrifícios, mas também pode ser entendido como um monumento que rememora uma teofania, entende-se aqui neste contexto o conceito dado por Otto à palavra: “manifestação do sagrado”. Um exemplo bíblico dessa prática encontra-se em Gênesis 12, 8: "Em seguida, partindo dali, foi para a montanha que está ao oriente de Betel, onde levantou a sua tenda. Abrão edificou ali um altar ao Senhor, e invocou

o seu nome" (Ave Maria, 1988, p. 58). De maneira similar, em Êxodo 24 "Moisés ergue um altar e sela a aliança entre Deus e seu povo através do rito da aspersão com sangue dos animais" (Ave Maria, 1988, p. 125).

Este breve cenário evidencia, historicamente, a importância do altar não apenas como um espaço de sacrifício, mas também como um ponto de conexão entre o divino e o humano, um local de memória e devoção que transcende culturas e épocas. Na festa de São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões, os altares não apenas perpetuam essa tradição, mas também servem como facilitadores para a expressão da fé e da identidade comunitária daquele povo.

No caso da festa de São Sebastião em Silvânia, diversos grupos de foliões saem em giros com as bandeiras. Como já mencionado nesta pesquisa, em cada casa que recebe a bandeira é organizado um altar para sua espera.

Essa característica foi observada em outras Folias acompanhadas ao longo desta pesquisa, como as Folias de reis e do Divino Espírito Santo. Nos altares erguidos pelos devotos, são depositadas imagens de santos de devoção familiar, que são abençoadas e consideradas parte integrante da família, acompanhando os devotos ao longo do tempo e sendo transmitidas de geração em geração. Nesses casos, o altar que acolhe as imagens torna-se sagrado, pois é onde o numinoso se manifesta, conferindo a todo o ambiente uma dimensão de sacralidade. Assim, afirma Otto:

As experiências com o numinoso têm relação com as vivências religiosas e místicas, onde há um contato com os símbolos de maneira profunda e intensa. São experiências em que o indivíduo se sente conectado com algo maior do que ele mesmo e com um tempo que transcende o aqui e agora (Otto, 2007, p. 55).

A presença das imagens sacras, assim como de outros objetos que ornamentam os altares, como fotografias de pessoas vivas ou já falecidas e as flores, contribui para a manutenção da fé dos devotos. Por outro lado, compreende-se também que a fé e o ambiente ritualístico conferem aos objetos um sentido sacro, mantendo uma reciprocidade entre fé e sagrado. Ora, não se trata de simples objetos; ao contrário, são símbolos sagrados que expressam a fé e a devoção dos fiéis. Especialmente, para os devotos de São Sebastião de Silvânia e Leopoldo de Bulhões, esses elementos possuem uma importância, uma carga simbólica, atingindo um patamar de significados que os fazem diferenciar dos demais objetos. Isso ocorre porque, segundo Eliade (1992, p. 65), "o simbolismo desempenha um papel considerável na vida religiosa da humanidade. Graças aos símbolos, o mundo se torna transparente, suscetível de revelar a transcendência". A esse argumento, corrobora Croatto (2001, p. 397) afirmando que "o símbolo é um elemento que foi transsignificado. Ele convoca o

transcendente que não é objetivável e nem definido em palavras, logo, como mistério, necessita da mediação pela experiência”. Daí decorre que a experiência religiosa é extremamente necessária para que o sagrado se manifeste. Logo, um objeto qualquer, como um pedaço de tecido estampado com a imagem do santo ou até mesmo uma toalha que cobre o altar, se tornam sagrados.

Para os devotos da Folia de São Sebastião, a experiência religiosa com os elementos simbólicos que compõem os altares faz com que estes sejam elevados a um status de santidade, despertando emoções e lembranças, e perpetuando, assim, o verdadeiro sentido dessa celebração. Isso porque, segundo Zaluar (1983, p.33), através do uso dos símbolos, os agentes estão referindo-se a importantes noções abstratas - tais como a solidariedade grupal, poder, autoridade, dependência, reciprocidade social etc. - para as quais podem não possuir termos precisos que facilitem sua comunicação.

Durante a observação em campo realizada no rancho do Sr. Mário, anfitrião da tradicional Folia de São Sebastião em Silvânia, constatou-se que o altar foi preparado e adornado com notável devoção e dedicação. Ele exibia uma série de símbolos aos quais se incluíam os santos venerados pela família, com destaque para as imagens de Nossa Senhora Aparecida e de São Sebastião, além de flores artificiais e naturais, bem como folhas de coqueiro. Até o detalhe da cor vermelha da toalha que cobre o altar lembra a cor de São Sebastião. Esses elementos contribuíam para a expressão da fé e da memória afetiva associada à celebração. Estes, ao se manifestarem de maneira metafórica, facilitavam a transmissão dos sentimentos e lembranças, isso porque, conforme argumenta Zaluar (1983, p. 33), um objeto pode transcender seu valor material e tornar-se um símbolo de significados mais profundos.

Figura 14: Altar no rancho do Mário na festa de São Sebastião em Silvânia – GO



Fonte: Fotografia: a pesquisadora. Imagem capturada 20.07.2024

Nos altares de Folia, particularmente nas festividades analisadas, conforme ilustrado na figura 14, é frequente a presença de outras imagens religiosas ao lado da figura de São Sebastião. Essa prática evidencia a coexistência de diversas devoções, que se agregam à veneração de São Sebastião. Dentre essas devoções, destacam-se especialmente aquelas de caráter mariano, como exemplificado pela presença da imagem de Nossa Senhora Aparecida neste altar. Sendo a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida é amplamente reverenciada. Em Goiás, sua veneração se alinha à cultura sertaneja, onde é considerada protetora dos peões. Por essa razão, é comum observar sua imagem em destaque, como nos chapéus e nas grandes fivelas de cintos utilizados pelos boiadeiros.

Para substanciar o argumento sobre a metáfora das imagens e símbolos na festa de São Sebastião, é crucial integrar o conceito de metáfora discutido por Turner (2008, p.12). De acordo com o escritor, a metáfora é, na verdade, metamórfica e transformadora. Ela representa a maneira pela qual fundimos instantaneamente dois domínios distintos de experiência em uma imagem iluminadora, icônica, abrangente e dinâmica.

Compreende-se, portanto, que os sentidos e significados da devoção preservam a essência do passado, porém com adaptações para a celebração contemporânea. Da mesma forma, os símbolos construídos pela ancestralidade passaram por modificações, uma vez que a festividade se insere em um processo dinâmico e em transformação. Embora Dona Maria, esposa de Nego Barroso e outras pessoas mais velhas envolvidas na festa, busquem preservar a originalidade da devoção, as mudanças e adaptações são inevitáveis. As pessoas contemporâneas revivem, durante a festa, aquilo que foi transmitido de geração em geração, e é pouco provável que o mito fundador permaneça inalterado, especialmente diante da romanização e das transformações culturais características do mundo pós-moderno. Com esse argumento, corrobora Nascimento:

A festa dos tempos idos não existe mais no Mato Grande. A última edição ocorreu na década de 50. A festa de hoje é uma adaptação que mistura Folia goiana e a antiga festa do padroeiro – muito similar às raras festas de irmandades dos negros com seus juizados e reinados. Para entender e recuperar os gestos rituais deste tempo, contei com dona Maria do Nego Barroso. As narrativas desta colaboradora me possibilitaram recuperar o universo festivo, traçar estruturas do culto e refletir sobre as relações que o permeavam e mantinham, dentro do contexto de romanização e polarização da devoção (2021, p. 113).

Segundo Nascimento, por meio de entrevistas com Dona Maria do Nego Barroso (2021, p. 114), a festa de outrora era um momento de encontro para famílias que vinham de longe, além de vizinhos e devotos, promovendo o fortalecimento dos laços de amizade e compadrio

em um ambiente de acolhimento. O povoado de Mato Grande se enchia de barracas, proporcionando oportunidades para encontros e socialização, reafirmando a identidade do grupo e preservando as memórias vivas.

Em campo, constatou-se que o mundo simbólico da festa não é mais o mesmo construído pelos ancestrais, tendo se adaptado aos tempos modernos. Com a urbanização, muitos frequentadores já não são mais moradores locais, restando poucas famílias na região, sendo a minoria católica devido ao crescimento considerável de pessoas de outras religiões, especialmente as evangélicas. A história dos fundadores e os antigos costumes são transmitidos pelos mais velhos, mas, apesar dos esforços para preservar a estrutura original, ela permanece sujeita a mudanças, o que ameaça a originalidade dos elementos da festa. Assim,

a festa enfrenta grandes desafios, a começar pela estrutura que destoa da original e não é reconhecida pelos antigos devotos como a festa de outrora e sim uma adaptação de Folias goianas. Entretanto, ainda assim, a festa atual tem seu respeito, não pelo rito, mas pela fidelidade e pelo símbolo que é, tanto que conta com a presença de muitas pessoas, vindas de cidades vizinhas (Nascimento, 2021, p. 74).

Daí decorre que, nesse processo dinâmico e sujeito a transformações, a relação entre os devotos, a morte, as cantorias e os objetos simbólicos – como a bandeira, as imagens, as coroas do rei e da rainha e o lenço com a menção ao fundador (no caso, a festa de Silvânia) – se dá de maneira interativa. Esses objetos não são apenas representações materiais, mas atuam como pontes entre o passado e o presente, conectando os devotos às suas raízes ancestrais e preservando a memória coletiva da comunidade. A morte, nesse contexto, não é apenas um fim, mas parte de uma continuidade, onde a memória dos que partiram permanece viva e, muitas vezes, é resgatada por meio desses símbolos.

A bandeira, elemento central nas festas, juntamente com os demais objetos, torna-se um emblema de memória, reforçando os laços entre os vivos e os mortos. O lenço com a menção ao fundador da Folia de Silvânia, por exemplo, homenageia o legado de Zé Carreiro, preservando sua contribuição para a tradição. Assim, esses elementos fortalecem a conexão entre o passado e o presente, mantendo vivas as tradições enquanto se adaptam às transformações contemporâneas.

É fundamental compreender que, no ambiente onde o altar se destaca como suporte dos objetos simbólicos, as lembranças dos ancestrais são evocadas da memória individual para o espaço coletivo, onde causos e narrativas sobre a participação dessas pessoas na festa em épocas passadas são compartilhados. Essas histórias, ao serem contadas no coletivo, contribuem para a edificação das memórias individuais, ao mesmo tempo em que formam e fortalecem a

identidade do grupo. Como afirma Bosi (1994, p. 413), 'cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva', ressaltando que a memória coletiva só se sustenta quando o grupo, com o qual nos identificamos, serve como base para a preservação e apropriação de seu passado" (Bosi, 1994, p. 414).

As memórias do passado, tanto na festa de Mato Grande quanto na de Silvânia, mesclam-se ao presente através da preservação de tradições e rituais que coexistem com adaptações contemporâneas. Um exemplo disso é o registro da festa com novas tecnologias (celulares, câmeras, drones) garantindo a transmissão dos costumes às gerações futuras.

Elementos herdados dos ancestrais ainda são presentes, como as narrativas orais transmitidas pelos mais velhos, que mantêm viva a história dos fundadores da festa e o significado original de seus costumes. Contar histórias de entes queridos e antigos foliões não apenas preserva as lembranças, mas também serve como um ensinamento que inspira os membros do grupo, consolidando uma memória coletiva unificada em torno de símbolos partilhados, como as imagens de santos de devoção familiar, tão importantes para os devotos de São Sebastião. Esses símbolos oferecem aos indivíduos a oportunidade de desenvolver uma memória grupal e um sentimento de continuidade histórica. Assim, corrobora Bosi:

há episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a essência íntima da família, transformando-se em uma atitude-símbolo. Reconstituir o episódio é transmitir a memória do grupo e inspirar os mais jovens. Podemos reconstruir um período a partir desse episódio. Tocamos involuntariamente a história, nos quadros sociais do passado: moradias, roupas, costumes, linguagem, sentimentos (1994, p. 424).

A autora busca transmitir a ideia de que o símbolo e a reconstituição de gestos dos antepassados podem contribuir para o fortalecimento do grupo. Dessa forma, a contribuição simbólica reforça a continuidade da festa, uma vez que os símbolos sagrados acompanham os devotos e os inspiram na construção e no resgate de memórias. Assim sendo, todos os símbolos presentes na festa de São Sebastião contribuem, de maneira efetiva, para o despertar dessas lembranças.

Um exemplo disso são as narrativas do grupo de Zé Carreiro, antigo folião já falecido, que rememoram sua significativa contribuição para a manutenção da festa. A Folia de Silvânia leva seu nome. Durante a observação em campo, constatou-se a seguinte frase estampada no lenço vermelho dos foliões: "Folia de São Sebastião do saudoso Zé Carreiro, 26 anos de tradição".

Durante as entrevistas realizadas no campo com os participantes da Folia, verificou-se a recorrência de uma frase comum: "aprendi com meus avós, pais, tios, etc." Esse padrão de discurso revela a presença constante de memórias afetivas e narrativas ancestrais. Relatos sobre pessoas queridas e antigos participantes, frequentemente emergem.

Essas reminiscências não apenas reforçam a continuidade cultural, mas também sublinham a importância das tradições orais na preservação das práticas festivas ao longo das gerações. E, é evidente, que alguns símbolos utilizados na apresentação da festa contribuem para as manifestações das lembranças de ancestrais, conforme já descrito, pois há um sentimento nostálgico que envolve o ambiente.

Figura 15: Lenço envolto ao pescoço dos foliões festa de São Sebastião em Silvânia – GO



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 20.07.2024.

Na figura 15, o lenço envolto ao pescoço dos membros do grupo constitui um símbolo de grande importância, que todos exibem com orgulho. Este lenço, além de trazer à memória o fundador da Folia, carrega a imagem de São Sebastião estampada, reforçando a fé dos devotos no orago e a relação entre estes, o santo e a devoção. Observou-se, durante o trabalho de campo, que o uso simbólico do lenço fortalece o compromisso dos participantes em dar continuidade à Folia, funcionando como um elemento que vincula o passado ao presente e inspira a preservação dos costumes e tradições. O lenço, portanto, não é apenas um acessório, mas um emblema de devoção e identidade do grupo, que expressa o respeito à herança da Folia e o desejo de manter viva esta prática para as futuras gerações.

De forma semelhante, no reinado de São Sebastião na comunidade de Mato Grande, em Leopoldo de Bulhões, observou-se um altar ricamente adornado com flores, ramos, enfeites e imagens de santos de devoção familiar, com destaque especial para a imagem de São Sebastião.

Estes símbolos expostos sobre o altar, observado na figura 16, são facilitadores para a poética da revivescência, uma vez que as pessoas que ali estão, recordam seus ancestrais que outrora estiveram na festa contribuindo para que o santo recebesse as devidas honras.

Figura 16: Altar na casa do rei - festa de São Sebastião na Capelinha do Mato Grande, Leopoldo de Bulhões – GO.



Fonte: Fotografia: a pesquisadora. Imagem capturada 20.01.2024

No altar, além dos elementos simbólicos previamente mencionados, encontrava-se um porta-retrato com a fotografia de Nego Barroso. Para a família, essa imagem do falecido constitui um símbolo relevante na construção desse processo, contribuindo para a continuidade da festividade. Familiares, amigos e demais devotos veem na fotografia a representação de um ancestral que desempenhou um papel significativo na edificação da devoção. Há um sentimento de gratidão em relação a Nego Barroso, o que justifica sua imagem ocupar uma posição de destaque no altar, ao lado da imagem do santo, conferindo-lhe um lugar de honra. Tanto o quadro quanto a fotografia operam como símbolos transfigurados, que auxiliam na evocação de memórias entre familiares e amigos. Esses objetos, portanto, funcionam como mediadores entre o presente e o passado, possibilitando a reconstituição de laços afetivos e a preservação da memória coletiva do grupo de devotos presentes. Assim,

além das metáforas materiais e concretas, mantidas a partir de reuniões e gestos coletivos, ainda existem as metáforas presentes na memória dos descendentes de

forma como uma lembrança herdada e absorvida pela experiência e pela vivência, que podem ser revividas pelo símbolo ou pela performance (Nascimento 2021, p. 97).

As evidências coletadas em campo corroboram a visão de que, tanto na região de Silvânia quanto na Capelinha do mato grande, os símbolos sagrados desempenham um papel fundamental na realização da festa e na continuidade da devoção a São Sebastião, uma vez que possuem o propósito de tornar o espaço da festa sagrado e, conseqüentemente, podem despertar memórias. Em ambas as comunidades, essa devoção é tecida por memórias afetivas, conferindo a São Sebastião o status de um membro da família, uma herança deixada pelos antepassados, cuja personificação se encontra na bandeira, o maior símbolo de devoção das duas comunidades. Em Silvânia, essa devoção se manifesta nos giros e pousos, enquanto em Mato Grande se expressa no reinado e no juizado.

Além das imagens, da bandeira e de outros objetos simbólicos dispostos sobre o altar, há outros elementos que desempenham um papel significativo na celebração em Mato Grande, como, por exemplo, as coroas, conforme observado na figura 16. Utilizadas pelo rei e pela rainha durante o reinado de São Sebastião, essas coroas exemplificam essa importância. Elas não são meramente objetos, mas símbolos de nobreza, representando a dignidade e a honra atribuídas aos festeiros de São Sebastião.

Figura 17: As coroas do rei e da rainha - festa de São Sebastião em Mato Grande, Leopoldo de Bulhões – GO



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora Imagem capturada 20.01.2024

Figura 18: passagem das coroas para festeiros do ano de 2025 - festa de São Sebastião em Mato Grande, Leopoldo de Bulhões – GO.



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora Imagem capturada 20.01.2024

Na Figura 17, observa-se o rei, festeiro de 2024, acompanhado pela rainha, que, na ocasião da visita de campo em 2024, era sua prima, realizando a passagem da coroa aos festeiros de 2025. A cerimônia de transição ocorre na igreja, diante do altar. Nesse momento, outro membro da comunidade recebe a coroa, assumindo a responsabilidade pela organização da festa do ano seguinte. Apesar dessa transição, a família de Nego Barroso continua a contribuir ativamente nos preparativos para a celebração do dia 20 de janeiro. Essa dedicação é feita em honra ao santo e em memória daqueles que já faleceram, como Nego Barroso, que desempenhou um papel significativo nas festividades.

Essa observação evidencia a relação íntima entre as práticas religiosas e a vida cotidiana da comunidade de Mato Grande, bem como em Silvânia, onde promessas e agradecimentos desempenham um papel crucial na manutenção das tradições. A devoção a São Sebastião, assim, não só reforça a fé religiosa, mas também fortalece os laços familiares e comunitários, perpetuando valores e práticas culturais que atravessam gerações.

Assim, toda essa metáfora que envolve os altares, a bandeira e outros símbolos de devoção contribui para que os ancestrais revivesçam na memória dos devotos, familiares e amigos.

2.2 Comensalidade e Vida Social: Trocas Simbólicas

Nas festas populares, os devotos dedicam-se voluntariamente ao trabalho necessário para a realização dos festejos, impulsionados por uma rede de solidariedade que se mobiliza para assegurar que todos os aspectos da celebração sejam devidamente organizados. Observando as duas festas pesquisadas, evidenciou-se que esta cooperação envolve aqueles que coordenam a preparação para a saída da Folia (como é o caso de Silvânia), os que permanecem para preparar os alimentos, e os que contribuem para a ornamentação das casas e da igreja. A organização harmoniosa de todas essas atividades visa satisfazer o santo. Em geral, essas pessoas colocam de lado seus compromissos cotidianos para se dedicar à organização das festividades, muitas vezes motivadas pelo desejo de cumprir uma promessa ou simplesmente pelo prazer de contribuir.

Os momentos de trabalho coletivo são também ocasiões de socialização e alegria. Segundo Zaluar, “a festa era vista como um tempo de exceção: de alegria, de fartura, de ‘movimento’, de pagar promessas ao santo, de ajustar as contas com ele...Eram ritos de passagem nos quais apareciam ressaltados todos os aspectos opostos à vida diária comum...” (1983, p. 72).

A autora nos convida a refletir sobre a maneira como os devotos se relacionam entre si para criar um ambiente agradável e garantir a harmonia de toda a estrutura festiva. Isso, porém, não significa que estejam livres de divergências, dado que são indivíduos distintos trabalhando em conjunto para um objetivo comum. No entanto, tais discordâncias são superadas em benefício do sucesso dos festejos. Daí, decorre que o festeiro deve ser um intermediador, caso haja conflitos.

Em meio as organizações, as conversas informais proporcionam aos membros do grupo a oportunidade de compartilhar experiências. Dessa forma, o passado se entrelaça com o presente por meio de uma receita tradicional, uma história peculiar ou uma canção antiga. Histórias são lembradas e memórias são resgatadas, fortalecendo os laços entre os participantes. Também, os filhos, netos e sobrinhos ouvem as histórias de pessoas que já contribuíram no passado e que, para os devotos do presente, se encontram em outro plano, na glória celeste. Assim, é garantida a preservação da memória dos ancestrais entre os mais jovens. As memórias são evocadas, mas não de maneira triste ou sofrida. A pesquisa de campo revelou que as histórias dos antigos foliões são frequentemente contadas com risos, especialmente ao recordar alguma "travessura" que aconteceu em celebrações passadas. Nesse sentido, conforme

argumenta Noal (2003, p. 10), "o tempo da vida é mais do que biológico ou físico; ele é simbólico e, assim, deve ser vivenciado para que não haja arrependimentos futuros".

Daí decorre que toda essa rede de apoio à festa é transmitida de geração em geração. Os mais jovens aprendem as atividades com os mais velhos e, assim, também alguns se dedicam aos preparativos antes e durante os festejos. Observa-se a existência de uma estrutura organizacional estabelecida, onde aqueles que ingressam no grupo seguem um roteiro que orienta os preparativos da celebração. Desde a definição do cardápio até a escolha das cores que decoram o altar, todos os aspectos obedecem a uma tradição. Pode-se afirmar que há uma forma de educação voltada para a preservação dessa tradição. Certamente, alguns elementos inovadores são incorporados ao cronograma da festa, como o uso de tecnologias de registro, incluindo celulares, drones e redes de internet.

Entre os momentos de socialização observados, a preparação dos alimentos se destaca como um ponto de encontro que promove a integração do grupo. Durante o preparo das refeições, os participantes compartilham experiências e fortalecem o espírito de solidariedade e cooperação mútua. Assim,

tal saber peculiar que compõe a tradição das festas é a prática simbolizada na comida, a qual atravessa a existência das comunidades e é entendida como estruturante desses momentos festivos. Tanto nas Folias como nos terços cantados, a mesa farta de alimentos e a distribuição deles são peculiares a todos os grupos observados. A gastronomia proporciona múltiplas interações que tem início no período de organização das festas, quando são selecionados os lugares dos pousos. Nestes, é necessário espaço para a preparação dos alimentos visto que até os rituais terminam com uma mesa farta de comida (Lôbo *et al*, 2017, p. 22).

Ao redor da mesa de alimentos, observa-se um ambiente de alegria e troca simbólica. Os devotos conversam e se divertem, vivenciando o presente enquanto constroem laços afetivos que servirão de exemplo para as gerações futuras. Essas reuniões em torno da mesa farta vão além da simples comensalidade; são momentos de socialização, diversão, apoio mútuo e resgate de memórias, muitas vezes promovido pelos mais velhos do grupo – avós, pais, tios –, que compartilham histórias e causos.

É indispensável registrar que essas práticas relacionadas ao consumo de alimentos na religiosidade popular também se manifestaram em outras religiões do passado, evidenciando o caráter sagrado do momento dedicado aos alimentos, o qual deve ser abençoado. Não seria exagero afirmar que, de certo modo, uma mesa farta pode ser interpretada como uma forma de gratidão ao santo homenageado. Nesse sentido, Coulanges (2006, p. 137) corrobora essa visão ao observar que: “comer um alimento preparado sobre o altar foi, segundo parece, a primeira

forma dada pelo homem ao ato de religião. A necessidade de se comunicar com a divindade era satisfeita por esse banquete, para o qual a própria divindade era convidada, recebendo a parte que lhe cabia”. Tais costumes remetem a práticas das civilizações antigas. Nesse sentido,

imaginemos uma daquelas pequenas sociedades primitivas reunidas, pelo menos os chefes de família, em uma mesma mesa, vestidos de branco e coroados de flores; todos fazem juntos a libação, recitam as mesmas preces, cantam os mesmos hinos, comem a mesma comida, preparada sobre o mesmo altar; no meio deles estão presentes os antepassados, e os deuses protetores participam da refeição (Coulanges, 2006, p. 139).

Em outras civilizações, ainda havia o hábito de preparar grandes banquetes para ocasiões de encontro, como na Grécia e em Roma. Nesse contexto, os banquetes não apenas promoviam a socialização entre os participantes, mas também desempenhavam um papel simbólico e religioso, servindo como momentos de celebração e de conexão com o sagrado e com a ancestralidade. Assim,

o costume dos banquetes sagrados estava em vigor tanto na Itália quanto na Grécia. Aristóteles afirma que já existiam entre os antigos enótrios, oscos e ausônios(16). Virgílio conservou sua lembrança por duas vezes na Eneida: o velho Latino recebe os enviados de Enéias, não em sua casa, mas em um templo “consagrado pela religião dos antepassados, onde se realizam os festins sagrados, após a imolação das vítimas, e onde todos os chefes de família sentam-se juntos em longas mesas.” — Mais adiante, quando Enéias chega à casa de Evandro, encontra-o celebrando o sacrifício; o rei está no meio povo; todos, coroados de flores, e sentados à mesma mesa, cantam um hino em louvor do deus da cidade(17). Esse costume perpetuou-se em Roma, onde houve sempre uma sala destinada aos banquetes dos representantes das cúrias. O senado, em determinados dias, realizava um banquete sagrado no Capitólio (18). Nas festas solenes as mesas eram preparadas nas ruas, e todo o povo nelas tomava lugar. No início, esses banquetes foram presididos pelos pontífices; mais tarde confiou-se essa tarefa a sacerdotes especiais, chamados epulones (Coulanges, 2006, p. 139).

No Brasil, as religiões de matriz africana e indígena também reforçam o costume de reunir-se ao redor de uma mesa farta em momentos específicos para a realização de ritos sagrados. Tanto na Umbanda quanto no Candomblé, existem práticas devocionais as quais mantêm notável semelhança com as tradições cristãs dentro da religiosidade popular, ao mesmo tempo em que integram uma vasta fusão de elementos provenientes de diversas matrizes religiosas. Verifica-se que a comensalidade é parte integrante dos rituais nessas religiões, nas quais os alimentos desempenham um papel essencial no contexto sagrado das cerimônias. Com esse argumento, corrobora Oliveira:

praticamente no fim da prática festiva integrantes do "centro" entregam aos visitantes alimentos que estiveram desde o início compondo o interior do altar, alimentos estes abençoados por São Sebastião e protegidos por Oxossi. E neste

momento os presentes acreditam não apenas alimentar o corpo como também a alma afastando de si todos os males (2014, p. 97).

Como se evidenciou em campo, costumes semelhantes se repetem em festas do catolicismo populares no Brasil, especialmente nas duas celebrações de São Sebastião analisadas. Observou-se que até as toalhas que cobrem as mesas, bem como a decoração do ambiente, geralmente em tons vermelhos, evocam o martírio de São Sebastião. Nesse espaço, os participantes cantam, recitam orações e compartilham a mesma refeição no mesmo ambiente em que se encontra o altar. Desse modo, como mencionado anteriormente, esses momentos são permeados pela presença simbólica dos ancestrais, que participam por meio das lembranças evocadas. A presença simbólica de pessoas falecidas que outrora participaram da festividade é intensamente mantida, em grande parte, pelo esforço de parentes e amigos em preservar a memória de seus feitos. Como afirma Santo Agostinho: "Isso é feito para que as pessoas continuem a se lembrar deles, para que não aconteça de, tendo sido retirados da presença dos vivos, também sejam retirados do coração pelo esquecimento" (1986, p. 9).

Cabe ressaltar que, em todas as religiões, a morte é concebida de formas variadas, refletindo diferentes interpretações sobre o destino da alma ou do princípio vital. Assim, a morte pode significar “inferno ou céu para os cristãos e os muçulmanos, Campos Elísios para os gregos antigos, reencarnação e metempsicose na filosofia oriental, passagem para o reino dos ancestrais na África. Por toda a parte, a morte é entendida como um deslocamento do princípio vital” (Rodrigues, 1983, p. 1). Essas perspectivas demonstram que, independentemente da cultura ou tradição, a morte é frequentemente compreendida como uma transição ou continuidade da existência em outra esfera, seja espiritual ou ancestral, evidenciando a importância da memória e da honra aos que se foram.

Nas festividades investigadas, observa-se o resgate de memórias e a homenagem aos falecidos por meio dos rituais que ocorrem nos pousos e giros de Folias. Em Silvânia, constatou-se que, além dos pousos oferecidos pelos devotos, é comum que algum fiel ofereça o almoço aos foliões que retornam dos giros e aguardam o momento do encontro na igreja, que ocorre no final da tarde, no último dia da Folia. Durante a pesquisa de campo, em uma visita à festa no mês de julho de 2022, foi observada a chegada dos foliões a uma estância pertencente a um devoto de São Sebastião, Mário, conhecido como Marinho. Na ocasião, a família de Marinho trabalhava em conjunto para organizar o almoço que reuniu alguns foliões enquanto descansavam para continuar a caminhada até a Igreja de São Sebastião, onde entregariam as bandeiras. O patriarca da família anfitriã, Seu Jerônimo, de 82 anos, relatou ser pai de 14 filhos,

dos quais apenas uma filha não estava presente, pois cuidava da mãe doente. As demais irmãs estavam na cozinha, onde foi possível conhecê-las e discutir sobre o cardápio. Verificou-se que até as receitas são mantidas por várias gerações de mulheres. Bastou uma conversa informal para descobrir que filhas e netas repetiam as medidas dos temperos ensinadas pelas avós e mães já falecidas. As cozinheiras consideram-se guardiãs das receitas de família servidas no almoço da Folia. Para elas, cozinhar e adicionar os "punhados" de tempero é um ato de reviver a ancestralidade, trazendo as lembranças da memória individual para fortalecer a memória coletiva.

Corroborando Bosi que "a narrativa é terapêutica, apressa a convalescença quando a mãe, sentada junto ao leito da criança, desperta-se outra vez o gozo pela vida" (2003, p. 34). Para as cozinheiras da Folia de São Sebastião, preparar as receitas das antigas cozinheiras já falecidas pode despertar o prazer pela devoção, tanto para elas mesmas quanto para as mais jovens que ajudam na preparação dos alimentos. Daí decorre que a memória das mulheres já falecidas e que em outras épocas contribuíram para a organização dos alimentos, é resgatada. E mesmo em meio à nostalgia que envolvia todas aquelas lembranças ancestrais, vale ressaltar a alegria dessas mulheres, que demonstravam grande contentamento pelo trabalho realizado enquanto riam e brincavam na cozinha, às vezes regadas a um golinho de vinho para "esquentar o corpo".

Figura 19: Cozinheira da Folia de São Sebastião em Silvânia – GO.



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 16.07.2022.

Figura 20: mesa posta na Folia de São Sebastião em Silvânia – GO.



Fonte: Fotografia: a pesquisadora. Imagem capturada 16.07.2022.

Figura 21: Cozinha da Folia de São Sebastião em Silvânia – GO.



Fonte: Fotografia: a pesquisadora. Imagem capturada 16.07.2022.

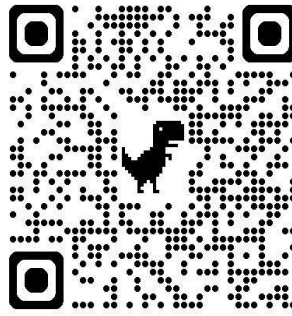
A análise das figuras 19, 20 e 21 revela a dedicação dessas mulheres. Suas iniciativas voluntárias exemplificam a fé e a devoção, considerando que poderiam optar pelo conforto de suas casas. No entanto, elas se empenham anualmente para assegurar que foliões e devotos visitantes recebam a alimentação devida. Claro que São Sebastião é o principal motivo de tanta dedicação. Porém, como previamente destacado, esses momentos de comensalidade e socialização com o grupo são amplamente aguardados ao longo do ano.

É importante atentar para os detalhes evidenciados nas mãos do devoto que segura o prato na Figura 17. A análise desses detalhes sugere que essas mãos pertencem a uma pessoa que está retornando de uma longa caminhada. A aparência desgastada das mãos indica um esforço considerável, o que pode sinalizar que se trata de um indivíduo que acompanha o grupo há um longo período. Esse aspecto não apenas reforça a dedicação e o comprometimento do devoto com a tradição da Folia, mas também ressalta o aspecto duradouro e contínuo da participação na festividade. A reciprocidade entre o esforço dos devotos e o capricho no preparo dos alimentos demonstra uma interação harmoniosa entre o sacrifício pessoal e o zelo na execução das tradições, refletindo a importância e o significado da festa para todos os envolvidos.

Após o almoço, observou-se a realização de cantorias e um rito de agradecimento em torno de uma mesa centralizada por um recipiente contendo farinha. Uma devota explicou que este ritual tem a finalidade de rogar a São Sebastião para que nunca falte alimento à família. Esse momento é a expressão de gratidão dos devotos, que, através das cantorias, manifestam sua alegria e apreço pelo santo e pelos anfitriões que ofereceram o sustento. Daí decorre que os músicos e foliões entoam o canto de agradecimento.

É crucial observar que, mesmo durante as manifestações de descontração e risos, o espaço da festa mantém seu caráter sagrado. De acordo com Eliade, o sagrado pode se manifestar através de qualquer hierofania, e "não há apenas uma ruptura na homogeneidade do espaço, mas também se revela uma realidade absoluta que não se opõe à realidade de uma imensa extensão que a envolve" (2020 p. 36).

QR CODE 7 – Apresentação da Catira na festa de São Sebastião na capelinha do Mato Grande.



YouTube – julho de 2022.

No mesmo espaço sagrado, conforme QR CODE 7, observou-se a apresentação da catira. A dança, realizada na casa do Marinho, local onde foi servido o almoço, foi caracterizada por momentos de intensa socialização. Os devotos presentes não apenas assistiram, mas também participaram da performance, que trouxe animação a todos os envolvidos. Os mesmos violeiros que se apresentaram durante a chegada e o momento de agradecimento pelo almoço, ao redor do altar, também tocaram durante os ritos da catira, transformando o ambiente em um espaço alegre e de socialização entre os partícipes.

Essa interação não significa uma profanação do sagrado; ao contrário, contribuiu para intensificar a alegria, que já permeava o ambiente. Longe de ser considerada uma profanação, a atividade tinha como objetivo principal agradar ao santo representado na bandeira, que repousava ao lado, reforçando a devoção e o respeito presentes no local.

Esses momentos, embora marcados pela alegria, coexistem em um contexto permeado por sofrimentos, quando, por exemplo, se recorda o martírio de São Sebastião. Observa-se também a saudade em relação aos entes queridos já falecidos, com relatos de pessoas emocionadas ao lembrar familiares ausentes. A obrigação de preservar a tradição herdada pode ser, igualmente, um fator de sofrimento, pois há o peso de honrar esse compromisso mesmo diante das dificuldades cotidianas. Ademais, surgem conflitos com a igreja oficial, uma vez que essa devoção é, muitas vezes, praticada por fiéis que não frequentam regularmente os sacramentos e missas dominicais. Por fim, ainda se faz presente os conflitos oriundos de querência de algumas pessoas, mais adeptas a modernidade, com desejo de mudar as celebrações. Essas observações foram registradas nas duas festas frequentadas.

Durante a visita de campo à festa de São Sebastião em Mato Grande, percebeu-se uma dinâmica semelhante àquela da preparação para a festa em Silvânia, com a diferença de que, na comunidade de Mato Grande, não há o giro da Folia, mas sim o reinado, que se inicia com a novena no dia 11 de janeiro. No entanto, é relevante destacar que os preparativos são

praticamente os mesmos que em Silvânia, pois São Sebastião também é o padroeiro do povoado, sendo um orago profundamente venerado pelos moradores. Durante a pesquisa de campo, foi possível constatar a mesma troca simbólica presente em Silvânia, refletida nos preparativos para a festa. Os festeiros (rei e rainha), junto com os devotos, comprometem-se a organizar antecipadamente todos os elementos necessários para a celebração do dia de São Sebastião, desde a preparação das residências para a novena até o jantar de encerramento. Esse envolvimento promove o encontro de pessoas que, durante a rotina diária, não se veem com frequência, intensificando a socialização do grupo durante os preparativos para a festividade. Um dos devotos mencionou que os doces tradicionais para a festa são preparados com antecedência, um evento que reúne a comunidade em torno de sua devoção.

A comensalidade na festa de São Sebastião, em Mato Grande, também desempenha um papel significativo no processo de socialização, uma vez que, a cada encontro da novena, são servidos pequenos lanches. Durante esses momentos, os devotos se alimentam enquanto conversam, trocam histórias e relembram memórias dos ancestrais ou de eventos protagonizados por aqueles que ainda participam da festividade.

Figura 22: Cozinha da Folia de São Sebastião- Silvânia – GO.



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 16.07.2022

No dia dedicado ao santo, de acordo com a observação que se evidencia na análise da análise da figura 22, houve a preparação de um lanche substancial, onde foram servidos

alimentos típicos da região rural. Ao redor do fogão à lenha, as cozinheiras — parentes e amigas dos anfitriões — riam e brincavam, rememorando eventos de tempos passados. Evidenciou-se que a socialização ocorre nesses espaços sagrados da festa, onde a alegria e a disposição são predominantes.

QR CODE 8 – Apresentação da Catira na festa de São Sebastião na capelinha do Mato Grande.



YouTube – 20.01.2023.

No vídeo, que poderá ser acessado pelo QR CODE 8, é possível observar a apresentação da catira também na festa de Mato Grande, prática que se consolidou como uma tradição na festa de Silvânia. Nesse contexto, após o almoço, realizou-se a performance desta dança tradicional, conduzida pelos violeiros que participaram das cantorias na celebração e que também são catireiros, promovendo alegria aos presentes por um longo período após farto lanche. Esse fato evidencia que, em ambas as festividades, o sagrado e o profano se entrelaçam de forma sutil, sendo a catira uma continuidade da celebração.

É importante destacar que dona Maria do Nego Barroso, a anfitriã, esteve presente entre os devotos durante todo o evento, apesar de sentir-se debilitada por dores nas pernas. Com um olhar atento, ela supervisionava de perto os preparativos para garantir que estavam de acordo com a tradição e que agradavam ao santo, seguindo certamente os costumes por ela ensinados.

A fotografia de Nego Barroso também estava presente sobre o altar, quase no mesmo espaço onde os alimentos seriam servidos. A presença da imagem servia como guia para o grupo, assegurando a preservação dos detalhes da festa e a continuidade da tradição.

Ao término das celebrações, já no espaço da igreja, um jantar é servido gratuitamente e custeado pelo festeiro com a ajuda de alguns devotos. Há uma tentativa de recuperar os costumes de origem da festa, porém, segundo Nascimento isso gera colisões:

por exemplo, alguns padres não concordam com a distribuição gratuita de alimentos aos devotos, o que tem gerado nos dois últimos anos um grande conflito entre a igreja

e os devotos. Para estes, “a distribuição de comida é símbolo de união” e para o outro a festa é momento de angariar fundos que custearão as despesas da comunidade no decorrer do ano (Zaluar, 1983, p. 77).

A distribuição de alimentos, incluindo os doces, ao final dos festejos constitui um momento significativo de socialização, visto que mais pessoas se juntam ao grupo de devotos, promovendo interação entre os participantes. Nesse contexto, as conversas e narrativas compartilhadas contribuem para o resgate de memórias e histórias coletivas. É fundamental preservar esses momentos, pois os devotos aguardam pela festa durante todo o ano, preparando-se para prestar as devidas homenagens ao santo e para reencontrar parentes e amigos, que frequentemente vêm de outras localidades para participar das celebrações.

Neste contexto, pode-se concluir que a celebração de São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões transcende uma simples festividade religiosa, configurando-se como um símbolo de identidade cultural e de conexão com o passado. Os altares e os símbolos de devoção, como a bandeira que percorre a comunidade, vão além de sua função estética ou religiosa: eles ancoram o sagrado no cotidiano e mantêm vivo o vínculo com os antepassados. Ao trazer à tona memórias e renovar laços comunitários, esses elementos fortalecem a identidade coletiva e perpetuam tradições, convertendo a festa em uma experiência rica de significados afetivos e espirituais. Através da análise dos espaços de devoção e das práticas de comensalidade, compreende-se que a festa de São Sebastião se torna um elo entre gerações, onde cada gesto, objeto e palavra carrega e reaviva memórias que representam um legado de grande valor.

CAPÍTULO 3 - “A PORTA DO CÉU ABRIU E APARECEU UM VÉU”: AS POÉTICAS DA REVIVESCÊNCIA E OS MORTOS

Neste capítulo, foi realizada uma análise dos cânticos, narrativas e rituais, assim como das práticas simbólicas que conectam o presente aos antepassados, evidenciando uma relação singular com o sagrado e a continuidade entre São Sebastião, os vivos e os mortos na Folia de Silvânia e na Capelinha do Mato Grande, localizada em Leopoldo de Bulhões.

Na primeira e na segunda seção, foram discutidas as conexões entre a veneração a São Sebastião e o culto aos mortos, destacando o papel do santo como intermediário entre os mundos físico e espiritual. São Sebastião, simultaneamente protetor e mártir, é celebrado em rituais e orações que evocam memórias e sentimentos, inserindo os falecidos em um campo sagrado de comunhão e recordação. Esse contexto ressignifica a saudade e a dor da perda. Além disso, nesses dois tópicos, exploraram-se as composições poéticas que evocam lembranças dos entes queridos, oferecendo uma forma de reviver a memória dos mortos, com ênfase especial no legado de Zé Carreiro e Nego Barroso.

Na terceira seção, analisou-se o canto poético, enraizado na cultura popular, como uma expressão afetiva que permite que os mortos sejam constantemente lembrados e, em certo sentido, revivam na experiência coletiva e emocional dos vivos. Essas manifestações não apenas preservam a memória, mas também fortalecem um elo profundo entre os vivos e aqueles que já partiram.

3.1 “Deus vos salve aquela porta onde a bandeira entrou”: o rito, a metáfora, a devoção e o legado de Zé Carreiro em Silvânia

Para uma reflexão aprofundada, tornou-se fundamental iniciar com uma definição de metáfora, já que este conceito guiará todo o desenvolvimento do capítulo. Para isso, recorreremos aos escritos de Turner (2008, p. 21), que concebe a metáfora não apenas como uma simples substituição de um termo por outro na linguagem, mas como uma representação complexa de esquemas, ideologias e interpretações do mundo, em uma relação simbiótica¹⁴. Nesse sentido, as ideias de Turner enriquecem a análise das festas de São Sebastião, na medida em que essa devoção se expressa metaforicamente por meio de objetos, símbolos e sinais, revelando

¹⁴ É uma palavra derivada de "simbiose", que descreve uma relação de interdependência ou cooperação mútua entre dois organismos ou entidades.

múltiplas camadas interpretativas na ritualística envolvida. Os objetos, já citados no capítulo anterior, funcionam como meios metafóricos para resgate das lembranças. Entre tantos evidenciados em campo está o mais nobre e importante, a bandeira do santo.

Conforme já mencionado no capítulo I, o símbolo mais importante nas duas festas pesquisadas é a bandeira de São Sebastião, que representa e assegura a devoção ao orago. Ela carrega consigo as memórias e tradições dos antepassados, mantendo viva a conexão com aqueles que, no passado, participaram e fortaleceram essa celebração. A bandeira de São Sebastião na Folia de Silvânia e no reinado da capelinha funciona como um elo entre as gerações, simbolizando a continuidade da fé e o respeito à herança deixada pelos antepassados. Os devotos seguem "no rastro da bandeira" em giros e celebrações, reiterando, a cada passagem, o vínculo espiritual e afetivo que atravessa o tempo e conecta a comunidade em torno de sua devoção a São Sebastião. Isso porque: “Seus milagres e feitos são cantados nas canções populares; histórias e lendas são passadas de geração em geração se inserindo na cultura brasileira, tanto no folclore quanto na devoção popular” (Munhoz, 2018, p. 49).

Assim, “por onde passa, a bandeira sacraliza o espaço, ampliando seu território” (Lôbo *et al*, 2016, p. 63). De igual modo, evoca memórias coletivas e individuais, funcionando como um símbolo de identidade e pertencimento para os devotos. Nas festividades, a imagem de São Sebastião domina o tecido que é erguido e exposto, tornando-se uma representação sagrada. Segundo Chaves, "a bandeira, para os devotos, é o santo, sendo que entre ele e sua imagem não parece haver separação alguma, mas sim fusão, identificação e presentificação" (2009, p. 249). Observou-se em campo que a presença e o movimento da bandeira durante as celebrações reforçam o compromisso de cada participante com a preservação e transmissão desse legado, consolidando as festividades como um espaço de continuidade e renovação da fé. A bandeira permite que os devotos revivam momentos nos quais outros, como seus ancestrais, também estiveram presentes, a exemplo de Zé Carreiro em Silvânia e Nego Barroso na Capelinha do Mato Grande.

Observou-se em campo que, diante da bandeira, nas duas comunidades pesquisadas, ocorre um verdadeiro ritual de revivescência: os mortos são trazidos à lembrança e "participaram" simbolicamente da celebração ao serem mencionados em causos, pedidos de rezas e cantorias. Tanto em Silvânia quanto no Mato Grande, viu-se também o compartilhamento de vivências e histórias engraçadas. É sempre comum ouvir alguém contar uma travessura feita por algum devoto falecido, evocando um passado que se mantém vivo na memória coletiva. Isso presenciou-se em uma roda de conversa no terreiro da estância do

Marinho em Silvânia e, igualmente, na cozinha de dona Maria do Nego Barroso na Capelinha do Mato Grande. Talvez, para os familiares e amigos, esta seja uma forma de mantê-los inesquecíveis. Assim, a bandeira se torna um elo entre o presente e o passado, unindo as gerações por meio da devoção compartilhada oralmente de maneira informal.

A bandeira e a própria história de São Sebastião despertam a devoção entre os fiéis. Daí decorre que, nestas devoções, o santo é reconhecido como uma figura poderosa, capaz de realizar milagres, seja quando representado na bandeira, seja enquanto imagem nos altares que acolhem os foliões. Isso porque,

o poder da imagem, longe de estar em nos conduzir ao distante, ao modelo ou significado, ao contrário, está em nos redirecionar para o aqui e agora. A relação é de identificação entre a imagem e o que ela representa. Nesse processo de simbolização, as distâncias entre significante e significado parecem se encurtar, a ponto de não haver mais diferença alguma entre esses níveis. A ideia de santo e a percepção do santo são uma mesma coisa. O devoto percebe a presença do santo na bandeira, de modo imediato... O poder e a eficácia das imagens, assim, passam a estar na sua capacidade de criar a realidade da presença. O cerne da questão das imagens é a presentificação, na medida em que produz (...) (Chaves, 2009, p.229).

Tanto em Silvânia quanto na capelinha, percebeu-se que os devotos depositam em São Sebastião uma confiança herdada de gerações anteriores. Essa fé em seu poder é um elemento essencial para a continuidade das festividades, pois muitos participam dos festejos como forma de pagamento de promessas e agradecimento por milagres recebidos. Ademais, conforme já relatado nesta pesquisa, a devoção também se mantém em honra à memória dos falecidos, reforçando a ligação entre o culto atual e as práticas religiosas das gerações passadas, que igualmente reverenciavam o santo. Assim, os fiéis de hoje perpetuam gestos votivos tradicionais, reafirmando o vínculo com sua herança ancestral.

Em Silvânia, muitos devotos se juntam ao grupo de foliões em honra à memória dessas pessoas que já se foram, em torno da bandeira de São Sebastião, como é o caso da família do Zé Carreiro, fundador da Folia e alferes, falecido no ano de 2019, dentro do período das festividades de São Sebastião. Em campo, pode-se conversar com a filha (Maria) e a neta (Aline) do falecido, donde relataram, em lágrimas, o pedido do Zé Carreiro de darem continuidade à Folia. A Maria chorou ao dizer que era difícil continuar sem a presença do pai, porém, afirmou que ela e o irmão seguiam porque era o desejo dele.

A Neta, Aline, recebeu do avô Zé Carreiro a bandeira que exibia orgulhosamente, exercendo a função de alferes nesta ocasião, a pedido do avô:

o Zé Carreiro, meu avô era o dono da Folia. Então, eu cresci dentro desta tradição e seguia a devoção dos meus pais, sempre participei, desde novinha. A Folia completou 22 anos de tradição no ano em que ele faleceu (15 de julho de 2019). Ele foi Alferes durante todos esses anos, mas pela sua idade e problemas de saúde, já não podia mais ir a cavalo pegando poeira. Então, seu desejo era que eu carregasse a bandeira, mesmo tendo mais 8 netos. Mas eu não queria pegar essa responsabilidade tão nova. No último ano que ele participou, o seu pedido foi eu carregasse a bandeira. Então, assim que passou a pandemia e pudemos tirar a Folia, seguimos a tradição, eu e os filhos dele. Como ele queria, esse ano, aos 16 anos de idade, realizando o desejo dele, eu peguei frente e fui alferes carregando a bandeira e seguindo todos os compromissos durante os nove dias, a cavalo. Não foi uma missão fácil, mas graças de Deus e a São Sebastião, consegui chegar e entregar na igreja, em Silvânia (Depoimento de Aline, neta de Zé Carreiro, 2022).

Em 2024, por ocasião de uma nova visita de campo à festa, foi possível conversar novamente com Aline. Um pouco mais experiente, a jovem repetiu os mesmos gestos realizados durante a festa de 2022 ao dar seu testemunho. Sua perseverança foi notável, e seu discurso permaneceu inalterado ao relatar sua fidelidade à memória do avô falecido. Mais uma vez, a neta exibiu a bandeira com entusiasmo e fidelidade, como ilustrado na figura 19 abaixo. Nela, Aline segura a bandeira, usa o lenço em homenagem a Zé Carreiro e o chapéu, ambos símbolos marcantes na representação do devoto sertanejo.

Figura 23: Folia de São Sebastião - Silvânia - GO



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 20.07.2024.

Esses elementos funcionam como metáforas no contexto da Folia de São Sebastião de Silvânia, resgatando memórias e tradições familiares. Inseridos em um ambiente religioso, esses símbolos adquirem um valor especial, sendo reverenciados por aqueles que compartilham da devoção. Assim,

[...] há na religião algo de eterno destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso se envolveu sucessivamente. Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade (Durkheim, 1989, p.504-505).

O autor faz um convite à reflexão sobre a importância dos símbolos para a religião e para a sociedade onde este grupo religioso está inserido, o que ocorre nas duas festas pesquisadas, especialmente, neste contexto, no grupo de Folia do falecido Zé Carreiro.

Ademais, o traje sertanejo completo da devota reforça a conexão com a celebração e as tradições em Silvânia, conferindo autenticidade e legitimidade ao ato de celebração. Esses elementos, mais do que simples vestimentas e adornos, carregam significados importantes, fortalecendo o sentido de pertencimento e continuidade das gerações. Assim, a bandeira, o lenço e o chapéu tornam-se ícones que, ao serem exibidos por Aline, materializam o respeito e a reverência à memória dos antepassados, especialmente do avô, reforçando o compromisso da jovem com a preservação e perpetuação desta devoção. Com esse argumento corrobora Croatto ao afirmar que o símbolo é um elemento que foi transnificado. Ele convoca o transcendente que não é objetivável e nem definido em palavras, logo, como mistério necessita da mediação pela experiência (Croatto, 2001). Para os devotos das Falias da Folia de Silvânia e do reinado na capelinha, a experiência religiosa com os elementos que compõem os rituais faz com que estes sejam elevados a status de sagrado, perpetuando assim o verdadeiro sentido dessas celebrações.

Durante o trabalho de campo, observou-se que, nesse momento específico da festa, Aline compartilha memórias de seu avô, especialmente sobre os tempos em que ele a ensinava o ofício da Folia. Essas recordações são evocadas e absorvidas pelos demais presentes, que também trazem à tona suas próprias lembranças da convivência com Zé Carreiro. Isso porque,

Não basta reconstruir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2013, p. 39).

Dessa forma, a celebração se torna um espaço de troca e preservação de memórias coletivas em torno da figura do avô e de seu legado, fortalecendo os laços comunitários e perpetuando tradições que conectam diferentes gerações por meio de práticas culturais, afetivas e simbólicas. Assim,

se nossa impressão pode apoiar-se não somente sob nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 2013, p. 25).

O autor sugere que as memórias são construídas ao longo do tempo por meio da convivência em grupos sociais que compartilham os mesmos costumes. Nesse sentido, torna-se essencial o fortalecimento desses grupos, pois é neles que as memórias são compartilhadas e solidificadas, assegurando a perpetuação das lembranças dos falecidos. No caso específico, o próprio ambiente festivo da Folia e os rituais repetidos anualmente garantem que a memória de Zé Carreiro permaneça viva. Com esse argumento, corrobora Peres:

a memória pode ser interpretada como reminiscências do passado onde surgem no presente, no pensamento de cada sujeito, ou como forma da nossa capacidade de guardar quantidade de informações de fatos que foram vividos no passado, devido ao nosso convívio social com outras pessoas, a nossa lembrança necessita de uma comunidade afetiva (2021, p. 73).

Para ratificar o pensamento do autor, a pesquisa de campo revelou que a memória e a fidelidade a Zé Carreiro são centrais na estrutura da festa, articulando-se com a devoção centenária a São Sebastião. As narrativas sobre milagres e feitos atribuídos ao santo são fundamentais para a continuidade da Folia. Identificou-se, ainda, uma composição simbólica, ou "bricolagem", que conecta elementos como a bandeira, a figura do santo, as memórias dos falecidos e a devoção dos participantes.

Observou-se que os devotos de Silvânia reconhecem Zé Carreiro como uma figura de grande importância, demonstrando apoio à sua família, que mantém a organização da festa. Especial destaque foi dado à neta do homenageado, que assumiu as funções anteriormente desempenhadas por ele, preservando a tradição com respeito e dedicação.

Na análise da figura 20, observa-se um momento marcante em que a bandeira de São Sebastião, nas mãos de Aline, contracenava com a imagem do santo no altar. Ao redor, devotos piedosos prestam suas homenagens, possivelmente recordando Zé Carreiro, que conduziu a Folia por 26 anos. Conforme discutido anteriormente, a paisagem sonora, o espaço, os objetos e os gestos atuam como canais simbólicos para evocar e reavivar a memória dos falecidos.

Nesse instante, Aline foi vista derramando lágrimas enquanto entoavam-se versos que remetiam à lembrança de seu avô. No altar, encontram-se outras bandeiras entregues pelos foliões, que, por dias, percorreram as casas dos devotos. O ato de entrega das bandeiras na igreja representa, para o grupo, o cumprimento da missão daquele ano, uma conclusão refletida no semblante de contentamento nos rostos dos participantes.

Os gestos da neta reforçam a premissa de que a performance dos foliões, juntamente com a cerimônia que envolve o ritual, são elementos fundamentais para validar a hipótese desta pesquisa. Essa hipótese sustenta que tais práticas contribuem para a revivência simbólica dos mortos e, conseqüentemente, para a preservação e continuidade dessas devoções centenárias.

Figura 24: Folia de São Sebastião- Silvânia - GO



Fonte: Fotógrafa: a pesquisadora. Imagem capturada 20.07.2024

Além da neta, outros participantes da festa também relembram Zé Carreiro. O canal oficial da prefeitura no YouTube, inclusive, produziu um documentário especial em sua homenagem, conforme já informado no segundo capítulo. Evidentemente, Zé Carreiro foi uma figura muito querida, cuja memória é cuidadosamente preservada em todas as festividades realizadas após seu falecimento, pois ele liderou a Folia por 26 anos.

QR CODE 9 - Folia de São Sebastião.



YouTube – Silvânia Sivaniense, 2019.

O saudoso Zé Carreiro é lembrado pelos entrevistados no canal *Silvânia Silvaniense* (QR CODE 9, a partir do minuto 6:50), onde é homenageado em uma ocasião especial. Os foliões relatam que a continuidade da Folia foi um desejo expresso pelo próprio Zé Carreiro, que, segundo os devotos, fundou a celebração há mais de 20 anos. Em decorrência de uma enfermidade, ele pediu que a devoção a São Sebastião não fosse interrompida após sua morte. Um dos entrevistados destacou que Zé Carreiro era uma pessoa muito querida, e que, por esse motivo, os filhos e familiares terão o apoio dos foliões para dar continuidade à tradição. Outro folião complementa:

meu nome é João Batista de Souza. Folia para mim representa uma tradição que vem do meu pai. E essa de São Sebastião, o Zé Carreiro começou tirar ela e desde quando começou eu que ajudava ele arrumar os pousos, eu era o embaixador da Folia e regente, depois tava difícil larguei de ser regente porque tava ficando muito difícil. Ta com um três ano o Zé foi na minha casa e disse que a saúde tava debilitada e não era para a Folia parar...Ele faz muita falta porque era um folião de tradição, todo mundo gostava dele... (Silvânia Silvaniense, Youtube 2019)

Seu Souza, como é popularmente conhecido entre os amigos, acrescenta dizendo que o Zé Carreiro faz muita falta, pois ele era um homem de tradição e de muitas amizades e que todo mundo gostava dele e que ele era uma boa pessoa.

Disse Willian Bueno, outro entrevistado no vídeo e folião de São Sebastião, que teve oportunidade de conhecer o Zé Carreiro e o descreve como uma pessoa maravilhosa afirmando que o próprio Zé também o pediu pelo amor de Deus para não deixar acabar a Folia e que era para colocar os mais novos para aprender. Na entrevista ele se compromete a dar continuidade à devoção ao santo, junto com os filhos do amigo falecido.

A questão sobre a possível intuição da morte por Zé Carreiro ganha relevância quando consideramos seu comportamento pouco antes de falecer, ao visitar amigos e pedir que não deixassem a Folia morrer. Analisando os relatos dos entrevistados, percebeu-se que o Zé Carreiro fez o mesmo pedido a várias pessoas, o que sugere que já estava se preparando para

garantir a continuidade da festa, algo que, segundo seus desejos, era essencial. Essa atitude pode ser interpretada como um sinal de que o devoto tinha consciência do seu destino iminente.

Esse tipo de comportamento remete à reflexão sobre a morte e seus significados, como exposto por Ariès, para quem:

a morte é regulada por um ritual habitual, descrito com complacência. A morte comum, normal, não surge traiçoeiramente, mesmo se for acidental na sequência de um ferimento, mesmo se for o efeito de uma emoção demasiado grande, como acontecia. O seu caráter essencial consiste em dar tempo para o aviso (2000, p. 13).

Nesse contexto, a morte não é vista apenas como um evento abrupto, mas como algo que permite, em certo sentido, uma preparação, o que pode ter ocorrido com o finado Zé Carreiro. Essa preparação está relacionada à transmissão de saberes, memórias e responsabilidades, garantindo que os rituais e tradições por ele cultivados sejam perpetuados pelas gerações seguintes. Assim, a continuidade da festa de Silvânia não apenas homenageia sua memória, mas também reflete o papel do falecido como um elo entre o passado e o presente na construção de um patrimônio religioso e cultural.

Em determinado momento da homenagem, o canal *Silvânia Silvaniense* apresenta uma entrevista com o próprio Zé Carreiro. No vídeo, não constam informações sobre a data em que a entrevista foi realizada. Observa-se que a entrevista foi conduzida por um folião, cujo nome também não é mencionado, durante um pouso da Folia em sua residência, provavelmente poucos anos antes de seu falecimento.

Figura 25: Imagem do Zé Carreiro - Silvânia - GO



Fonte: Imagem capturada do vídeo no YouTube – Canal Silvânia Sivaniense, 2019.

Diante do microfone, Zé Carreiro relatou sobre os dias de festa e a organização dos nove dias de celebração. Ele afirmou que, mesmo com a saúde debilitada, conseguiu enfrentar o período festivo com muita fé. Testemunhou ter passado por duas cirurgias e atribuiu sua presença naquele ano à graça de Deus.

O entrevistador e anfitrião do pouso afirmou que a intenção de gravar o vídeo era permitir que futuras gerações conhecessem as pessoas que contribuíram para a continuidade da festa. Nesse momento, ele mencionou outro folião já falecido, Durval Vitor, destacando sua significativa colaboração com a Folia. Em seguida, perguntou a Zé Carreiro sobre Durval Vitor. Zé Carreiro respondeu que faltavam palavras para descrever o quanto Durval era uma pessoa generosa, colaborativa e amiga de todos. Comentou ainda que, nem mesmo o velório de um deputado atrairia tantas pessoas quanto o de Durval. Com palavras de agradecimentos, o dono da casa encerrou a entrevista com o Zé Carreiro.

Na cerimônia de entrega das bandeiras, realizada em 2022 na igreja, um fato chamou a atenção: um grupo de foliões usava lenços amarrados ao pescoço, estampados com a imagem de uma pessoa, similar aos lenços usados naquele ano em homenagem a Zé Carreiro. Ao questionar uma senhora que também portava o lenço, fui informada de que se tratava de um antigo folião do grupo, falecido há oito anos. Esse gesto reforça que a memória dos falecidos é revivida durante a Folia e evidencia o desejo, entre os participantes, de homenagear aqueles que, no passado, contribuíram para a continuidade da devoção a São Sebastião.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o grupo de foliões de Silvânia é mantido também por laços afetivos e pelo compromisso com a memória de pessoas já falecidas — sejam elas antigos foliões, amantes da devoção ou amigos dos participantes, cujos nomes são lembrados nas rezas e cantorias. Novamente pode se afirmar que esses fatos corroboram a hipótese desta pesquisa, segundo a qual a revivescência da memória dos mortos contribui significativamente para a continuidade da devoção a São Sebastião nas antigas terras de Bonfim. Entre os frequentadores da festa, várias narrativas sobre pessoas já falecidas são constantemente evocadas. Daí, segundo Zumthor, “a oralidade interioriza, assim, a memória do mesmo modo que a espacializa” (1997, p.41). É comum reunir-se em rodas de conversa e ouvir relatos sobre antigos foliões, como avós, pais, tios e amigos dos participantes atuais. A festa de São Sebastião em Silvânia configura-se como um espaço de encontro simbólico entre vivos e mortos, que se fazem presentes por meio de memórias, narrativas, fotografias fixadas na bandeira, dispostas sobre o altar ou nas mãos dos devotos, e até mesmo por meio de objetos pertencentes a devotos falecidos. Esse momento é marcado por rituais e expressões religiosas, nos quais os

participantes alteram suas rotinas para estar nesse lugar, compartilhando histórias, revivendo memórias e dividindo alegrias e tristezas, fortalecendo os laços comunitários e a continuidade das tradições. Corrobora Brandão:

a festa pode ser considerada como um ritual, quando muito simples, ou como uma configuração interativa de rituais que acontecem ao mesmo tempo ou em sequência. O que caracteriza a festa é ela ser um evento coletivo de ruptura da rotina da vida cotidiana. Uma ruptura que em diferentes situações coloca as pessoas, as instituições e a própria vida social diante do espelho fiel ou invertido do que elas são, quando não são a festa (2015, p. 33).

Daí decorre que a festa de São Sebastião em Silvânia transcende a dimensão religiosa, configurando-se como um espaço coletivo de memória e conexão. Ao entrelaçar os devotos vivos, o santo e os mortos em um cenário de partilha de histórias e emoções, a celebração reafirma os laços comunitários e perpetua tradições ancestrais.

3.2 “Recebeu são Sebastião e alegrou o seu sentido”: o santo, os mortos, as metáforas e a herança de Nego Barroso no Mato Grande

Em campo, constatou-se que a devoção e o respeito à memória dos falecidos também se manifestam de forma significativa na festa da Capelinha do Mato Grande. Essa celebração se destaca pelo cuidado em preservar as memórias dos que partiram por meio de gestos e rituais que reafirmam a continuidade da tradição e fortalecem os laços intergeracionais. Assim como na Folia de São Sebastião em Silvânia, a recordação dos mortos assume um papel central na vivência espiritual e na coesão social dos devotos do Mato Grande.

É evidente que nessa festa, os ritos desempenham um papel essencial na preservação das memórias ancestrais, pois, mesmo com adaptações impostas pelo contexto moderno, cada ritual repetido nas celebrações tem o poder de evocar momentos vividos em tempos passados. Essas práticas, por meio de narrativas, permitem que os descendentes revivam as experiências de seus antepassados, reforçando as conexões com o passado. Nesse sentido, Mesquitela *et al* destaca que "é função dos ritos manter a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos, para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados" (1991, p. 137). Um exemplo notável, mencionado por Nascimento (2021, p. 92), é o caso da rainha de 2018, que, durante todo o cortejo do reinado, carregou um quadro do Anjo da Guarda, uma herança de sua tataravó, Luíza Peixoto do Nascimento, mãe de Dona Maria de Paula Nascimento, esposa de Nego Barroso, falecida em 1974. Para a jovem

rainha, portar esse objeto, transmitido por gerações em sua família, representava uma conexão com os seus ancestrais, resgatando memórias individuais e coletivas. Esse quadro assume, assim, o papel de uma metáfora, funcionando como um mediador entre o passado e o presente. Por meio dele, lembranças pessoais são evocadas e compartilhadas, transformando-se em memórias coletivas que reforçam o vínculo com o grupo e perpetuam o legado ancestral.

O gesto descrito é enriquecido por uma cena observada durante o trabalho de campo: a fotografia de Nego Barroso ao lado de sua esposa, Dona Maria, posicionada sobre o altar, entre a bandeira e os santos de devoção familiar. Diante do retrato, os devotos rezavam em frente à bandeira de São Sebastião, revelando uma demonstração de fé e respeito. Os devotos presentes no local, com cabeças inclinadas e olhares atentos, concentravam-se nos ritos que compunham aquele momento, no qual os objetos presentes, especialmente a fotografia de Nego Barroso, assumiam um significado metafórico e simbólico, reforçando o caráter sagrado da celebração.

Figura 26: foto de Nego Barroso com sua esposa



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora – Capelinha do Mato Grande - Leopoldo de Bulhões - 2022

Verificou-se que a postura da família de Nego Barroso, ao lado das homenagens feitas a São Sebastião, evidencia a importância dos laços familiares e da devoção que atravessa gerações. A continuidade das celebrações de 20 de janeiro, sob a responsabilidade agora

atribuída à família, especialmente ao neto, reafirma o compromisso com a memória ancestral e com a tradição, preservando, assim, o legado religioso da comunidade.

Os rituais observados nessa festa constituem objetos de análise de significativa relevância, pois tais gestos contribuem para a exaltação tanto da figura ancestral representada na fotografia quanto da devoção ao santo. Essas práticas transfiguram o ambiente familiar e comunitário, elevando as memórias a um plano metafísico e sobrenatural. Simultaneamente, têm o poder de transportar os devotos a um passado reconstruído por meio das lembranças vivenciadas e transmitidas pelos familiares, enquanto também se articulam com o imaginário pessoal.

Conforme argumenta Mili (2017, p. 3), “é a partir dos rituais que um determinado grupo humano revive seu passado, compreende o presente e projeta sua existência para o futuro”. Assim, essas práticas evidenciadas na capelinha do Mato Grande, reforçam a coesão social, conectando os devotos ali presentes à suas raízes históricas e religiosas, enquanto possibilitam a manutenção das tradições no contexto atual.

No que diz respeito às raízes históricas, é pertinente registrar nesta pesquisa algumas narrativas coletadas em entrevista com o neto de Nego Barroso, que relatam aspectos da vida sofrida de seu avô. Segundo Lucas Pedro¹⁵, o avô compartilhava memórias de uma infância marcada por adversidades, tendo perdido o pai muito cedo. Após essa perda, foi acolhido por seu padrinho, com quem passou a viver, mas em condições que configuravam uma relação de trabalho análoga à escravidão, em que suas funções eram remuneradas apenas com alimentos.

Em um dos episódios narrados, ocorrido durante essa fase da vida, o avô, ainda menino, feriu gravemente os pés. Sem conhecimento adequado para tratar os ferimentos e sem o apoio de alguém que pudesse ajudá-lo, as lesões evoluíram, chegando a ser infestadas por parasitas. O neto lembra que este era o relato que mais emocionava o avô, pois ele lamentava a ausência do pai e a distância da mãe, sentindo-se desamparado. Foi somente na adolescência que Nego Barroso conseguiu, pela primeira vez, comprar calçados.

A essa narrativa pode-se acrescentar outro relato, no qual Nego Barroso contou que sua avó, Maria Jacinta de Souza Umbelino (sobrenome era de seus ex-donos), era uma mulher negra que havia sido escravizada e libertada com a promulgação da Lei Áurea. Segundo ele, sua avó era conhecida na cidade de Silvânia, onde morava, como "mandingueira" ou "nega mandingueira". Conforme suas palavras, algumas pessoas chegavam a fechar portas e janelas

¹⁵ Entrevista concedida à pesquisadora, com registro no diário de campo em janeiro de 2024.

ao vê-la passar. Ele também a descrevia como uma mulher alta, magra e muito forte nas práticas de rezas.

A entrevista com Lucas serviu para constatar a preservação da memória ancestral em sua família, evidenciada pelas narrativas previamente descritas. Essas memórias destacam a forte influência de seu avô, que, mesmo diante de uma vida marcada por adversidades, manteve-se resiliente. Longe de desanimar, ele fortaleceu sua fé de forma significativa, chegando a reerguer a igreja do Mato Grande, assegurando, assim, a continuidade da devoção. É evidente que Nego Barroso encontrou em São Sebastião um apoio espiritual durante os momentos de aflição vividos ao longo de sua trajetória, o que certamente o deixou em gratidão com o santo.

Entre tantos milagres atribuídos a São Sebastião em Mato Grande, um episódio marcante relatado foi o da avó de Lucas e viúva de Nego Barroso, Dona Maria, que enfrentou uma grave condição de saúde decorrente de um quadro de inchaço no coração, agravado pelo falecimento de seu filho, José de Souza Nascimento, vítima de um infarto em 2015. Como aponta Nascimento (2021, p. 121), “a morte inesperada abalou toda a família, especialmente a matriarca Dona Maria, que, em poucos meses, ficou visivelmente debilitada”.

Esse contexto convida à reflexão sobre as formas de lidar com a morte no âmbito familiar e comunitário. A aceitação da perda de um ente querido não é uma tarefa simples, mas práticas como relembrar histórias, reviver rituais e repetir gestos associados ao falecido tornam-se meios simbólicos de mantê-lo vinculado ao grupo e de preservar sua memória. Entretanto, o processo de luto também exige um tempo necessário para ser vivido plenamente, e só depois, pode se afirmar que a dor da perda é amenizada, ficando as lembranças gravadas na memória. E são essas lembranças que mantêm viva a pessoa amada junto aos vivos.

Diante da gravidade da saúde de Dona Maria, a família recorreu à devoção a São Sebastião, acendendo velas e pedindo sua intercessão para a cura. Nesse contexto, o neto fez uma promessa de perpetuar a devoção ao santo nos moldes tradicionais, conforme Dona Maria narrava em conversas com amigos e familiares. A promessa também incluía o compromisso do neto de assumir o papel de Rei, dedicando reinados e juizados a São Sebastião, além de distribuir alimentos e doces a todos os devotos.

Esse episódio destaca o papel de São Sebastião como intermediário espiritual e reforça a devoção como um elemento fundamental na transmissão de fé e valores, conectando gerações e fortalecendo os laços familiares e comunitários. São Sebastião, nesse cenário, torna-se uma figura central, um símbolo de fé e esperança, cujo culto integra memória, religiosidade e pertencimento comunitário, uma espécie de:

“centro” relacional, em torno do qual o sistema se movimenta, o santo, quando levamos a sério o ponto de vista e a sensibilidade dos devotos, é um agente que faz coisas, produz transformações - distribui bênçãos, concede graças, opera milagres, agradece ofertas, protege casas e famílias. O santo é tocado, beijado, diante de quem se reza, se pede e se canta (Chaves, 2009, p. 8).

No contexto da devoção na Capelinha do Mato Grande, São Sebastião é amplamente amado e venerado, inclusive pela família de Nego Barroso. Essa devoção, mantida especialmente em honra à memória do falecido, reflete-se nas ações de sua viúva, que se dedica com empenho à organização da festa, assegurando que ela ocorra anualmente. Essa continuidade ressalta a importância do santo como símbolo de fé e memória reafirmando o sentido da festa, o que também se evidenciou na Folia de Silvânia com a família de Zé Carreiro.

Figura 27: Dona Maria do Nego Barroso



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora – Capelinha do Mato Grande - Leopoldo de Bulhões – 2022.

Figura 28: Dona Maria do Nego Barroso



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora – Capelinha do Mato Grande - Leopoldo de Bulhões – 2024.

Na análise das imagens 27 e 28, observa-se o apreço de Dona Maria por seu marido falecido, cuja fotografia encontrava-se sobre o altar. Mesmo com idade avançada e saúde debilitada, Dona Maria manteve-se firme em prestar homenagens a São Sebastião, enquanto também honrava a memória de Nego Barroso, seu marido, com quem viveu até sua partida. Evidentemente, para Dona Maria, a presença de seu esposo permanece viva, e todo o ambiente ritualístico contribuiu para que ele estivesse ali na memória coletiva dos presentes, incluindo netos, primos, amigos e demais familiares.

Foi interessante constatar que as duas imagens retratam a mesma celebração em anos diferentes. Observou-se que, tanto em 2022 quanto em 2024, Dona Maria esteve presente, sentada na poltrona, assegurando que todos os aspectos do evento fossem conduzidos de acordo com suas narrativas tradicionais. Ademais, sua perseverança se destaca: mesmo enfrentando o desgaste natural da idade, a devota manteve-se fiel ao cumprimento de sua missão.

As imagens também evidenciam a relevância da bandeira na festa, assim como ocorre na Folia de Silvânia. Conforme discutido nos capítulos anteriores, a bandeira é um símbolo marcante e essencial no reinado da Capelinha, integrando-se à celebração e acompanhando todo o ritual. Além de sua função litúrgica, através da bandeira e sua presença ritualística na festa, as pessoas evocam memórias de pessoas já falecidas, reforçando o elo entre o santo, os vivos e seus antepassados, assim como ocorre também na Folia de Silvânia.

Na figura analisada, a bandeira está posicionada sobre o altar, e, também nas mãos de Dona Maria. Durante a novena, porém, ela é levada de casa em casa, abençoando as famílias que a recebem. Assim,

beijada por cada morador, a bandeira é conduzida, quase sempre pela dona da casa, pelos cômodos e cozinha. O santo, que abençoou cada pessoa individualmente, agora passa a interagir com a casa, atravessando seus espaços e divisões internas. O contato da bandeira, com os espaços da casa, abençoa e protege aquele lugar e seus habitantes, a casa e a família. É como se o santo estendesse sua capa protetora até cobrir toda a casa, em cada um de seus cantos e recantos. Somente a bandeira tem acesso aos lugares mais íntimos da casa. Abençoando cozinha, quartos e outros lugares da casa, o santo continua um movimento na direção da intimidade daquela família (Chaves, 2014, p. 8).

Neste cenário, a bandeira transcende sua materialidade, transformando-se em um ícone sagrado. Por meio deste simbolismo, ela remete à lembrança daqueles que, em tempos passados, realizaram o mesmo ritual sagrado de beijá-la e segurá-la com devoção. Evidenciou-se em campo que para os devotos da Capelinha, a bandeira deixa de ser um simples pedaço de tecido

estampado com a imagem de São Sebastião e passa a representar, metaforicamente, o próprio santo, que desce dos céus e nela se manifesta.

Conforme se observou, os preceitos religiosos em Mato Grande são transmitidos de geração em geração, e o sentido de pertencimento é renovado a cada celebração realizada. Desta forma,

essas práticas culturais veladas que acontecem no seio das famílias ou das comunidades reportam sempre a uma herança passada de geração a geração, por meio da qual, ao longo do tempo, foi agregando-se aos festejos, vizinhos, primos e amigos simpatizantes constituindo-se uma rede festiva, cujo emaranhado configura o que se entende por cultura do lugar (Lôbo *et al*, 2016, p. 19).

Assim, as práticas votivas na festa de São Sebastião na Capelinha de Mato Grande se perpetuam até os dias de hoje porque foram recebidas de antepassados e porque há um desejo de continuidade daqueles aos quais o “bastão” foi entregue. Neste sentido, evidenciou-se que a memória dos falecidos contribui para que a devoção se estenda de geração em geração. Por conseguinte, corrobora Nascimento:

questionados os devotos sobre o sentido da devoção, e mais ainda da participação na festa, obtive como resposta pouquíssimas referências aos atributos de São Sebastião (protetor contra a fome, a peste e a guerra) e muitas alusões a figura referenciais de devoção: a mãe, o pai, o avô. Todas as pessoas já falecidas. Desta maneira, o culto ao orago adquire uma tônica memorial, topográfica ou biográfica, em que a veneração tributa o testemunho de um devoto falecido, pois, no meio rural goiano, a memória dos “mais velhos” - patriarcas, matriarcas e antepassados falecidos – continua suscitando grande respeito e admiração (2021, p. 100).

Diante do exposto, é possível afirmar que os objetos simbólicos, os ritos, a festa, a bandeira e demais elementos presentes nas celebrações desempenham um papel fundamental no resgate de memórias, na evocação de lugares e tempos passados, bem como na promoção de uma conexão com as lembranças ancestrais. Esses elementos garantem a perpetuação da festa, preservando-a o mais fielmente possível às tradições de outrora. Tanto em Silvânia quanto na Capelinha, a devoção a São Sebastião assume grande relevância, sendo mantida viva pela memória de Zé Carreiro e Nego Barroso.

Nesse contexto, os ritos e a bandeira, já destacados anteriormente, contribuem significativamente para a continuidade e preservação das tradições, com ênfase especial para a música e os instrumentos de percussão, que reforçam o vínculo com as práticas ancestrais.

3.3 “Ao ouvir o meu cantar/já veio no seu sentido/alembrou do seu esposo/e do seu filho querido”: uma poética da revivescência

Nesta seção, foram analisadas a musicalidade e a paisagem sonora presentes na Folia de Silvânia e no reinado de Mato Grande. O objetivo principal foi refletir sobre o papel central da música, do corpo que também canta e dos instrumentos na evocação de memórias e na revivescência dos falecidos durante essas celebrações.

Partiu-se do pressuposto de que a música funciona como uma metáfora poderosa para a preservação e o resgate das memórias, dado que, além de suas letras, a melodia possui a capacidade de fixar-se na memória coletiva. Nesse sentido, durante as festividades, a música desempenha um papel essencial ao evocar lembranças de tempos passados. Nesse contexto, os músicos participantes utilizam sua criatividade para compor versos que operam como metáforas, contribuindo para o processo de reminiscência. Assim,

a imaginação criativa, a inventividade ou a inspiração genuína vão além da imaginação espacial ou de qualquer habilidade para formar metáforas. Não necessariamente associam imagens visuais com determinados conceitos e proporções. A imaginação criativa é muito mais rica do que as imagens; ela não consiste na habilidade de evocar impressões sensoriais e não se restringe a preencher as lacunas do mapa oferecido pela percepção (Turner, 2008. p. 45).

Dessa forma, os falecidos são metaforicamente revividos por meio dos versos entoados — sejam eles improvisados ou previamente feitos — e dos toques dos instrumentos, reforçando a ligação entre o presente e o passado, bem como a continuidade das tradições e a preservação da memória ancestral das comunidades envolvidas.

O corpo, o canto e a batida dos instrumentos em uma Folia estão intrinsecamente entrelaçados, formando uma harmonia em que cada elemento se movimenta de maneira singular, mas em plena sintonia com os demais. Essa interação pode ser comparada a uma sinfonia, na qual cada componente contribui de forma única para a composição de um todo coeso e esteticamente significativo. Daí decorre que:

os foliões, quando cantam, movimentam o possível seus corpos, o suficiente para tocarem seus instrumentos, mantendo uma postura de solenidade, seriedade e concentração. Olhos e olhares que se perdem ao longe. Olhos fechados, que são puro ouvir. Olhares que se cruzam, que se misturam, olham o alto. O canto é o momento de maior sacralidade durante uma visita. Os corpos, os sons, a presença do santo dão o tom, a tonalidade desse evento. Tudo comunica, expressando a atitude de quem comunica. O remetente (“nós”), em questão, envolve, além de quem canta, os que tocam - os tocadores, suas expressões e interpretações. Os foliões, esse coletivo de cantadores e tocadores, são identificados enquanto os remetentes, emissores do canto.

Tanto uns quanto os outros comunicam, através de seus corpos, de seus instrumentos, de suas vozes, de suas posturas, a atitude de solenidade, seriedade, concentração, entrega e sacralidade que exige o canto (Chaves, 2014, p. 264).

Na Folia, especialmente a de Silvânia, nenhum ritual — seja a bênção da bandeira, a saída da Folia, a chegada à casa do pouso, o agradecimento aos anfitriões ou a bênção dos alimentos — inicia-se sem o canto. Os cantores desempenham um papel central, sendo responsáveis por introduzir e conduzir todos os momentos do ritual. Entre eles, destaca-se o mestre que é quem embaixa e que tem a função especial de liderar o canto, comandando os versos, sejam eles decorados ou improvisados, na maioria das vezes. Desta forma,

ele é o homem que cria ou repete aos outros a palavra que faz o fio do rito e, assim, torna-se uma memória inteligível. As pessoas sabem o que ouvem e creem no que escutam, mesmo que não consigam como o mestre, conhecer todas as palavras que ele canta ou compreender o que ele diz. Promesseiros, moradores e foliões escutam, repetem e fazem o que o mestre diz quando ele canta. As palavras dos versos anunciam uma história sagrada, pedem esmolas e agradecem bens recebidos, tornam “cumpres” votos religiosos feitos, distribuem bênçãos (Brandão, 2010, p. 65).

Por conseguinte, percebeu-se em campo, nas festas pesquisadas, que a música transmite emoções diversas, como alegria e tristeza, além de expressar orações, mensagens e valores culturais. Como exemplo, pode-se registrar cenas vistas em campo, como a ocorrência da neta de Zé Carreiro ao ouvir uma cantoria durante a entrega das bandeiras. Naquele momento, notou-se uma combinação de lágrimas e sorrisos, acompanhada por um semblante que expressava contentamento pelo dever cumprido. Assim, constatou-se que o canto desempenha um papel central ao fortalecer a conexão entre os participantes e ao criar uma atmosfera que resgata e perpetua as tradições, fortalecendo os vínculos entre o presente e o passado, bem como entre os ancestrais e os devotos contemporâneos. Assim, segundo Lôbo, “a música, por infinitas maneiras, tem uma participação na vida cotidiana, esta tem o propósito de despertar a consciência e tem o poder evocador de acordar lembranças de tempos longínquos (2021, p. 107). Tempos estes que podem ser de épocas vividas com antigos foliões já falecidos e que, por meio da musicalidade, são lembrados nas festas.

A paisagem sonora que caracteriza a Folia de Silvânia é rica e abrangente, evidenciando-se pelas cantorias que permeiam diversos momentos ao longo dos giros da Folia. Como mencionado anteriormente, a música integra os ritos preparatórios para a saída dos foliões, configurando-se como elemento indispensável do ritual. Daí decorre que,

o canto, desse ponto de vista, passa a ser compreendido em um sentido performativo, como produtor daquilo que fala no ato mesmo de cantar. Dizer, ou melhor, cantar,

nesse caso, é fazer. O som, que pode ser organizado em melodia, ritmo, métrica, apresenta-se, aqui, como uma força, energia, vibração, produtor de significados, experiências e contextualizações. Capaz de presentificar o santo pelo som das palavras cantadas, no canto temos a metáfora de um mundo que é percebido pelos ouvidos. Um real a ser escutado. No canto, o caráter sensível do som dos instrumentos é fundido ao som das palavras cantadas, residindo, nessa fusão, uma possível explicação para a sua eficácia em criar presenças e interações... (Chaves, 2014, p. 243).

Em campo, percebeu-se que durante os percursos os foliões cantam e tocam instrumentos, criando uma atmosfera de devoção e celebração. Na chegada à casa de pouso, diante do arco, destaca-se a cantoria em versos, frequentemente compostos de forma instantânea, em consonância com os elementos presentes no arco. Neste momento, foi notável a compenetração dos músicos e dos devotos partícipes. E como sugere Chaves (2014, p. 243), a partir das palavras cantadas, o mundo é percebido e memórias são revividas.

A saudação ao anfitrião da casa é outra etapa indispensável, assim como os cantos que acompanham a bênção dos alimentos e o agradecimento pelas esmolos. Em determinadas ocasiões, também são entoados cantos dedicados aos mortos, atendendo ao pedido de algum devoto participante, reforçando a dimensão simbólica e memorial da celebração. A performance dos foliões exerce influência significativa na evocação da memória dos falecidos durante as festividades pesquisadas. Essa influência não se limita ao canto, que possui forte apelo emocional, mas também abrange a gestualidade expressa nesses momentos, contribuindo para a construção simbólica e afetiva do ritual.

Como se constatou em campo, em diversos momentos da Folia, os devotos de Silvânia relembram seus ancestrais através da musicalidade. De acordo com Nascimento,

“alvorada”, na manhã seguinte na casa do pouso, invocada a divindade e proclamada a bênção a partir dos cantos, passou a presentificar naquela flâmula vermelha e na simples estampa de pano, o próprio São Sebastião. Digno de reverência e veneração, o santo, em símbolo e conteúdo, reportava memórias afetivas nos presentes, lembranças e agradecimentos: a lembrança de pessoas falecidas; os tempos de outrora; os dias de fartura e irmandade vivenciados durante o curto período de giro; a beleza e a riqueza da fé, notada em cada pouso, em cada gesto, etc. Por certo, foram estas lembranças, reativadas e resgatadas pela composição do cenário musical e religioso em torno de São Sebastião, o santo da devoção familiar e da memória afetiva, muito mais que patrono contra a fome, a peste e a guerra, que conduziram cada um a uma vivência diferente daquele momento (2019, p. 90).

Nesse contexto, o cântico assume uma função poética e, como argumenta Chaves (2014), "cantar é falar". Ao entoar as cantorias na Folia de São Sebastião, estabeleceu-se uma comunicação que alcançou o coração dos devotos. Essa expressão musical, aparentemente espontânea, tem o poder de resgatar memórias de pessoas queridas que já partiram, mas que

deixaram seu legado, como é o caso de Zé Carreiro. Esse legado é rememorado nos versos cantados, no som melódico da viola, pelo fole da sanfona, no toque forte e marcante da caixa e no timbre metálico característico do pandeiro, compondo uma paisagem sonora rica em significados e afetos.

QR CODE 10 - Folia de São Sebastião.



YouTube – Prof. Magna Moreira. 2022.

Por meio do QR code acima, é possível acessar o registro audiovisual da chegada da Folia de São Sebastião à Estância do Marinho, anfitrião e folião que, há vários anos consecutivos, oferece o almoço que precede o momento da entrega da Folia na igreja. Durante a cerimônia, a cantoria foi entoada em frente ao altar, diante da bandeira de São Sebastião. Em campo, percebeu-se que os versos destacaram a santidade e o poder do santo, ao mesmo tempo em que expressaram gratidão ao anfitrião pela recepção e acolhida.

Entre os foliões presentes, estavam os familiares de Zé Carreiro, incluindo Aline, atual alferes, que assumiu as funções tradicionalmente desempenhadas por seu avô. Naquele momento, observou-se, em campo, o papel da música como um elemento poderoso na reativação das memórias dos devotos. A melodia e os versos permitiram o resgate simbólico de tempos passados, nos quais os ancestrais participavam ativamente da Folia. Esse poder evocativo ficou evidente no depoimento de Maria, filha de Zé Carreiro, que, emocionada, lamentou a ausência de seu pai.

Figura 29: Foliões e cantores da Folia de Silvânia



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora – Folia de Silvânia - 2022

Adicionalmente, foi realizada a análise da figura 29, na qual se observam os músicos na Estância do Marinho. A imagem retrata a presença de violeiros, caixeiros, sanfoneiros e pandeiristas, a maioria portando lenços com a estampa de Zé Carreiro ao pescoço. Este gesto simboliza uma homenagem àquele que transmitiu o ofício e, embora ausente fisicamente, permanece presente na Folia por meio da memória daqueles amigos que continuam a repetir os versos e ritos por ele ensinados.

Neste contexto, a bandeira assume um papel de grande devoção e relevância, pois, como já mencionado anteriormente, é o símbolo central da Folia, sem o qual não há celebração. As cantorias associadas à presença da bandeira carregam um significado intrínseco e simbólico. Isso ocorre porque a musicalidade da Folia está intimamente vinculada ao seu contexto ritualístico e comunitário; fora desse ambiente, ela perderia grande parte de seu sentido e propósito. Daí decorre que, segundo Chaves (2015, p. 366), “através do som do canto e da visualidade da bandeira, a presença do santo não é apenas concebida e, sim, percebida pelos sentidos”. Portanto, foi possível perceber uma conexão entre o canto, o santo, a bandeira, o devoto vivo e a memória dos mortos nesta festa, especialmente a de Zé Carreiro, devoto sobre o qual todos recordavam, conforme percebeu-se em campo.

Outro momento significativo marcado pela musicalidade, analisado no QR CODE 11 e 12, que exerce um poder de resgatar memórias ancestrais, foi o encontro das bandeiras na igreja, no último dia da Folia. As cantorias, que se iniciaram com o desfile dos cavaleiros, passaram pelo arco na porta da igreja e culminaram na chegada das bandeiras ao altar, foram emocionantes. Elas provocaram lágrimas nos olhos dos devotos presentes, pois, sem dúvida, os versos entoados evocaram entes queridos que, em tempos passados, participaram das celebrações. Um exemplo disso é o depoimento da neta de Zé Carreiro, conforme já

mencionado na seção anterior. No altar, a moça segurava a bandeira e recebia o abraço afetivo dos foliões, ao som da cantoria.

QR CODE 11 - Folia de São Sebastião.



YouTube – Magna de Souza Moreira.2024

QR CODE 12 - Folia de São Sebastião.



YouTube – Magna de Souza Moreira.2024

Como já descrito anteriormente por Chaves (2014), quase não se compreende o que os foliões cantam, porém, os ritmos e toques dos instrumentos tem poder de comoção. Em campo, tentou-se resgatar para o registro a letra de uma música cantada na entrada das bandeiras:

Deus vos salve esse terreiro onde a bandeira passou/Deus vos salve esse terreiro onde a bandeira passou/Deus vos salve aquela porta onde a bandeira entrou/Deus vos salve aquela porta onde a bandeira entrou/Deus vos salve o belo altar onde a missa é celebrada/Deus vos salve o belo altar onde a missa é celebrada (Registro nosso por ocasião da visita de campo na Folia de Silvânia, em julho de 2024)

Na comunidade de Silvânia, como já mencionado, foi possível evidenciar e registrar a perseverança de diversos foliões, especialmente daqueles que desempenham o papel de músicos na Folia, como resultado do legado deixado por seus ancestrais. Seu Valdecy é um exemplo representativo neste contexto. Segundo Nascimento,

seu Valdecy se considera um folião nato, alegando participar da festa desde que se entende por gente. Em tempo de giro abandona todas as atividades da agricultura para seguir a Folia. Segundo suas narrativas, São Sebastião foi-lhe apresentado pelo pai que recebeu a devoção de seu avô. Há mais de 50 anos desempenha a função de tocador em honra à memória de seus ancestrais (2021, p. 101).

Ainda de acordo com Nascimento (2021, p. 101), seu Valdecy é tocador de reco-reco e um rezador das almas e, durante a quaresma, o folião sai pela região de Silvânia a noite cantando pelas almas benditas, juntamente com alguns companheiros de Folia que compartilham da mesma devoção, nomeando seu papel muito importante, pois, afirma que muitas famílias só se lembram dos familiares enquanto estão vivos.

A atitude de seu Valdecy confirma de maneira significativa que as devoções e os santos têm o poder de reviver os mortos por meio das lembranças guardadas na memória. Como se evidenciou em Silvânia, os ancestrais são relembrados por meio da devoção, das orações, das cantorias e pela continuidade de suas tradições por seus descendentes.

Além das cantorias características da Folia de Silvânia, foram observadas, durante o trabalho de campo, outras manifestações que compõem as paisagens sonoras. Entre elas, destacam-se a catira, o forró, e, em alguns momentos, a presença da música sertaneja moderna, especialmente nas barraquinhas instaladas após a entrega da Folia. Esta última, algumas vezes, pode gerar conflitos, especialmente quando essa forma de musicalidade é percebida como uma invasão ao espaço ritualístico. Alguns participantes expressam discordância com a mistura entre o que consideram sagrado e profano, evidenciando tensões sobre os limites da celebração. Porém, mesmo em uma antiga e solene festa devocional, aquilo que desde os primeiros tempos até hoje melhor a caracteriza é justamente uma evidência (e crescente) justaposição entre o sagrado e o profano.

De maneira semelhante ao que ocorre em Silvânia, a capelinha do Mato Grande também manifesta uma rica diversidade de ritmos, compondo paisagens sonoras que se configuram como um mosaico de sons e ruídos. Esse cenário não apenas enriquece o ambiente ritualístico das celebrações de São Sebastião, mas também desempenha um papel fundamental na evocação simbólica e na revivescência dos ancestrais, reforçando os laços entre as gerações passadas e presentes. Essa multiplicidade sonora, composta pelos sons dos instrumentos musicais, pelas vozes dos cantores, pelos estrondos dos foguetes, pelo choro dos devotos, pelos risos das mulheres na cozinha e pelos gritos das crianças correndo de um lado para outro, contribui significativamente para a construção de uma memória coletiva compartilhada. Essa memória integra elementos musicais, religiosos e culturais que desempenham um papel central no fortalecimento e na continuidade da devoção em Mato Grande.

A festa de São Sebastião realizada na capelinha, conforme definido nos capítulos anteriores, apresenta uma configuração singular, estruturada nos moldes de celebrações tradicionais de reinado e juizado, com semelhanças às cerimônias das irmandades dos Homens

Pretos. Essas práticas evidenciam a continuidade de elementos culturais e simbólicos característicos dessas manifestações históricas. Segundo Nascimento (2021, p. 66), os cantores, por meio de suas vozes, criaram uma paisagem sonora que tornava presente o orago, promovendo sua circulação personificada pela bandeira entre casas e ranchos transitados por reis pobres, alheios às leis. Assim como se observou em Silvânia, a bandeira, os santos de devoção familiar, a imagem de São Sebastião, o devoto e a música se entrelaçam criando um ambiente sagrado e completamente ritualístico. Evidentemente que a bandeira ocupa lugar de destaque nesta devoção, pois sem ela não há festa e nem reinado.

Como se evidenciou em campo, inspirados por essas tradições, os devotos do Mato Grande adaptaram as celebrações a esse estilo, incorporando músicas e elementos de Folia característicos da cultura goiana, ou que conferiram à festa um perfil próprio. Nesse contexto, os foliões desempenham um papel muito importante, sendo responsáveis pelas cantorias que acompanham cada momento da celebração. A convite do coordenador da Capela, vindo da cidade de Bonfinópolis, esses músicos apresentam diretamente para a realização dos rituais que compõem a dinâmica da festa nos dias de hoje. Assim,

as sensações geradas e as emoções despertadas a partir de uma experiência individual, interior e subjetiva com a performance destes mestres e a aura poética que envolvia o momento dramático, focalizavam, ampliavam e explicitavam aquilo que já era usual dentro do grupo, e aquilo que estava adormecido (Nascimento, 2021, p. 66).

Evidenciou-se que no contexto do reinado da Capelinha, destacam-se momentos emblemáticos que possuem o poder de reviver a memória ancestral. Isso ocorre, em grande medida, por meio das cantorias em versos improvisados, as quais, assim como na Folia de Silvânia, expressam a sacralidade do ambiente religioso e transmitem a história da comunidade e o passado de quem agora vive na morada celeste. Esses cânticos transformam-se em reminiscências de devotos queridos, cuja dedicação, em tempos de outrora, foi fundamental para a manutenção da devoção a São Sebastião naquele pequeno povoado. Desta maneira, “o canto, por meio do corpo-instrumento, e não dos instrumentos musicais tão somente, sacralizava o espaço, os alimentos e motivava o fervilhar das preces, o revólver de sentimentos, o regresso ao passado e a vivência daquele presente, extemporal e sagrado” (Nascimento, 2021, p. 67).

Nos anos de 2022, 2023 e 2024, foi possível observar a realização da Festa do Mato Grande, caracterizada por um forte compromisso com a devoção a São Sebastião e pela preservação da memória dos antigos devotos. Durante o período de trabalho de campo realizado

para a pesquisa, constatou-se a dedicação incansável dos devotos para assegurar a continuidade dos rituais da celebração naquele local, especialmente para garantir o compromisso com a memória dos ancestrais fundadores desta devoção.

Ao longo do tempo de observação, verificou-se a ausência de mudanças significativas na organização e execução da festividade, o que reflete o esforço contínuo dos líderes em preservar as tradições. Esse compromisso também se manifesta nos versos entoados pelos foliões convidados, cujas performances enriquecem a cerimônia e reforçam a solenidade do evento. De maneira geral, os rituais permaneceram quase que inalterados, evidenciando a continuidade e a preservação do culto ao longo do tempo.

Isso porque,

como tudo tem sua ordem e seu lugar e como todo ritual não é mais do que uma sequência cerimonial de gestos que são e tornam explícitas regras sociais, tudo o que acontece ensina. Cantos, falas e rezas repetem todos os anos uma sequência histórica já muito conhecida, mas que, repetida com força e rito, se torna, do que apenas legítima, uma ideia amada (Brandão, 2010, p. 57)

Em concordância com o autor, verificou - se em campo que a repetição dos rituais propõe a fidelidade em diversos aspectos, destacando-se a seriedade, o compromisso e a dedicação dos músicos para com a festa. Assim,

os cantores – mestres e professores, porque professavam e decodificavam e decodificavam os sentimentos do grupo – comandavam os principais gestos rituais e performático da festa, fazendo ecoar no espaço a tradição transmitida de geração em geração em favor do soldado romano. A música, ao toque da boa viola, era indispensável e marcava presença em quase todas as cenas dramáticas que envolvia o orago (Nascimento, 2021, p. 67).

Nesse contexto, a música e os gestos ritualísticos dos devotos na capela estão intrinsecamente ligados à devoção a São Sebastião e à memória de Nego Barroso, patriarca da família, cuja importância já foi destacada no capítulo anterior. Até os dias atuais, Nego Barroso desempenha um papel central na preservação e continuidade dessa devoção, uma vez que a celebração se perpetua por meio das memórias compartilhadas por sua família e amigos.

Diante do altar decorado em vermelho, onde também estava posicionada a bandeira, conforme análise da figura 30, viu -se o neto de Nego Barroso que prestou sua homenagem ao avô. Segurando a bandeira com a haste no chão (gesto realizado pelo anfitrião da casa para solicitar que se cante em homenagem a um falecido), ajoelhou-se, chorou ao ouvir as palavras entoadas em forma de canção: “aqui mora o seu sentido/ Pediu para cantar para o seu ente

querido/ A foto do avô está no altar/ O avô não está aqui agora porque foi morar no reino da gloria com Deus e Nossa senhora/ O nobre companheiro, amigo do coração” (registro da autora por ocasião da visita de campo em 2022).

Figura 30: Neto de Nego Barroso.



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora – Reinado de São Sebastião na Capelinha do Mato Grande – 2023.

O devoto, ajoelhado, depositou a esmola no chão, momento em que o grupo de foliões iniciou a cantoria, pedindo que ele retirasse a esmola, realizasse o sinal da cruz e se levantasse. Em lágrimas, o neto permaneceu ajoelhado, sendo consolado pelo próprio embaixador. Nesse contexto, o embaixador só pôde interromper ou alterar o tom da cantoria quando o devoto finalmente se levantou e cessou o choro.

Conforme destaca Nascimento (2021, p. 109), o santo representado na bandeira simboliza a consolação divina, marcando a presença de Deus junto à família enlutada ou àquela que devotamente preserva a memória de seus falecidos. Essa simbologia conecta vivos e mortos por meio dos gestos e rituais da Folia. Após o desfecho desse momento, os versos improvisados passaram a abordar outros objetos presentes na cerimônia, especificamente durante a recepção da Folia na casa do Rei. A cantoria, estruturada de forma espontânea, concentrou-se também

nas imagens dispostas no altar, que incluíam representações de São José, São Miguel Arcanjo, o Divino Pai Eterno e São Sebastião.

A música em homenagem a Nego Barroso emocionou os presentes, funcionando como um poderoso elemento de resgate das memórias coletivas. Para aqueles que o conheceram, a canção evocava lembranças pessoais, enquanto os que não tiveram contato direto com ele experimentavam uma conexão simbólica, mediada pelos objetos dispostos no ambiente, pelas narrativas compartilhadas e pela própria melodia. Assim, a homenagem transcendia o indivíduo, abrindo espaço para uma reflexão mais ampla sobre a memória dos falecidos na comunidade, incluindo o filho de Dona Maria, falecido em 2015.

Durante a performance, os foliões exaltaram a devoção e a piedade de Nego Barroso, destacando que ele "foi morar com Deus" como reconhecimento de sua vida virtuosa. Nesse contexto, a música não apenas celebrava o sagrado, mas também preservava a memória e o legado do homenageado. Seus versos e ritmos configuravam uma poética da revivescência, mantendo viva a lembrança dos falecidos na comunidade.

Ouviu-se no mesmo contexto uma saudação à dona Casa, viúva de Nego Barroso que se encontrava sentada, segurando a bandeira de São Sebastião:

pra saldar o belo altar/ pra saldar o belo altar/ Agora salda essa senhora com bandeira na mão/ Agora salda essa senhora com bandeira na mão /Boa tarde, senhora, como é que tem passado? Com certeza passou bem porque tem Deus seu lado/ Boa tarde, senhora, como é que tem passado? Com certeza passou bem porque tem Deus seu lado /Com os olhos na bandeira, veja bem o que ela quer/Com os olhos na bandeira, veja bem o que ela quer /Ela pede a sua esmola, você dá o que puder/ Ela pede a sua esmola, você dá o que puder/Deus vos pague a sua esmola dada com alegria/ Deus vos pague a sua esmola dada com alegria (Registro da autora durante a visita de campo em 2023).

Em outra situação, conforme descreve Nascimento (2021, p. 62), na casa de dona Maria, os foliões cantaram em homenagem a Nego Barroso e a seu filho José, sem que a matriarca colocasse a bandeira no chão, aludindo a homenagem. A composição dos versos foi um agrado do grupo que demonstra consideração pelos falecidos e apreço pela família.

Figura 31 – Saudação à memória dos falecidos na Capelinha do Mato Grande

Versos	Observações
Recebeu São Sebastião Recebeu São Sebastião E alegrou, alegrou "o seu sentido" E alegrou, alegrou "o seu sentido"	Assim que a viúva recebeu a bandeira de São Sebastião, o folião percebeu a mudança de seu semblante. Ela mostrou-se mais alegre. Interpretando o sinal, compôs o verso, afirmando que ela havia se "alemrado de uma pessoa". Por certo, se ela não estava se lembrando, na ocasião resgatou as lembranças e se preparou para os versos seguintes. Em seguida, definiu a pessoa "o companheiro" e ressaltou-se o que o vinculava àquela bandeira e àquela folia, o fato de ser um grande "devoto desse santo padroeiro". Neste verso os familiares de Nego Barroso começaram a chorar. Por fim, enaltece a procedência da viúva, relembrando-a de sua família, seus pais e antepassados que também eram devotos do santo, já que ela "é de nobre geração"; reconhecendo sua postura de devoção e firmeza na religião, e acrescenta um outro ente falecido, o filho.
Alembrou, alembrou de uma pessoa Alembrou, alembrou de uma Que há tempo foi falecido, ai Que há tempo foi falecido, ai!	
Essa pessoa que falo Esta pessoa que falo Era o, era o seu companheiro Era o, era o seu companheiro, ai!	
Era um grande devoto Era um grande devoto Desse santo, desse santo padroeiro.	
Oh, minha nobre senhora Oh, minha nossa senhora É nobre, é de nobre geração É de nobre, é de nobre geração	
É uma grande devota É uma grande devota E é firme, é firme na religião E é firme, firme na religião ai	
Ao ouvir o meu cantar Em ouvir meu cantar E já veio no seu sentido E já veio no seu sentido.	
Alembrou do seu esposo Alembrou do seu esposo E também do, e também do seu filho querido E também do, e também do filho querido ai	

Fonte: Nascimento, 2021, p. 111.

Segundo os devotos, quando um folião falece, a bandeira, mediante solicitação da família, é levada em visita ao falecido, ocasião em que os músicos improvisam versos em sua homenagem. Esse gesto, conhecido como "despedida", é entendido como uma manifestação do sagrado que consola a família enlutada e acolhe a alma do devoto.

Nesse contexto, o santo desempenha um papel central nesse rito de passagem, possuindo grande significado para a família enlutada. Trata-se de uma forma simbólica de reconhecimento e gratidão pelo legado deixado pelo folião falecido, que contribuiu ativamente para a preservação da devoção.

Em síntese, o capítulo 3 evidenciou que, nas duas festas analisadas, há uma conexão entre a bandeira, os rituais, as metáforas, a música e a memória dos mortos. Por meio da performance dos foliões e da dedicação daqueles que se empenham em preservar a devoção, esses elementos se articulam, reforçando a memória coletiva resgatando lembranças e costumes responsáveis pela manutenção das festas.

CONSIDERAÇÕES

O tema desta dissertação - “*ESTE NOBRE COMPANHEIRO ERA AMIGO DE VERDADE, JÁ GANHOU O REINO DO CÉU, JÁ GANHOU A ETERNIDADE*”: as poéticas da revivescência e os mortos na devoção a São Sebastião em Silvânia e Leopoldo de Bulhões, Goiás - foi inspirado em uma das cantorias que homenageava, em memória, um antigo folião de São Sebastião na comunidade do Mato Grande, localizada na zona rural de Leopoldo de Bulhões. Este tema permitiu a abertura de novas perspectivas para abordar os objetivos propostos, uma vez que a cantoria dialoga diretamente com o processo de revivescência dos mortos nas comunidades analisadas.

A partir dessa temática, delimitou-se a questão-problema da pesquisa, que buscou compreender o papel desempenhado pelos devotos nos rituais coletivos e devocionais a São Sebastião nos municípios de Leopoldo de Bulhões e Silvânia, em Goiás. O estudo investigou, em especial, como esses gestos rituais reavivam as memórias afetivas dos devotos e, ao presentificar os mortos, oferecem uma forma de lidar com a morte, estabelecendo uma conexão simbólica entre o mundo dos vivos e o dos falecidos.

Dessa forma, o objetivo principal da pesquisa foi analisar como as poéticas, o som dos instrumentos, as vozes, os objetos, a bandeira e os gestos rituais reconstróem a memória e atualizam a presença dos mortos na devoção a São Sebastião nas localidades de Silvânia e na Capelinha do Mato Grande.

A partir dos objetivos estabelecidos, iniciou-se a investigação da hipótese de que, por meio das manifestações dos devotos, as memórias dos falecidos — incluindo antigos praticantes e seus familiares atuais — são resgatadas durante as festas de São Sebastião. Esse processo pode contribuir para a perpetuação da devoção até os dias de hoje. Adicionalmente, se estabeleceu neste trabalho uma hipótese complementar na qual se acredita que os devotos de São Sebastião também preservam uma forma de “culto” aos antepassados, o que pode contribuir para a continuidade da devoção.

Diante do exposto, a pesquisa baseou-se em uma revisão bibliográfica e na realização de trabalho de campo, visando alcançar os objetivos estabelecidos e verificar a hipótese proposta. Para isso, foram utilizados os referenciais teóricos de diversos pesquisadores renomados, que serviram para validar os conceitos analisados durante o trabalho de campo, além de contribuir diretamente para o desenvolvimento e fundamentação da temática abordada.

Ao longo de mais de dois anos de desenvolvimento, esta pesquisa foi se consolidando e amadurecendo, permitindo responder gradualmente aos objetivos propostos. Constatou-se que São Sebastião é, de fato, considerado um grande intercessor nas duas comunidades analisadas, desempenhando um papel fundamental como elo entre o passado e o presente. Por meio da bandeira, o santo assume funções simbólicas de proteção e consolo para os devotos que perderam seus entes queridos, reforçando sua importância nas práticas devocionais locais. A devoção é tão intensa nas regiões que, praticamente, as pessoas durante o período reservado aos festejos, se afastam de suas vidas cotidianas para se dedicarem à organização das celebrações.

Além das bandeiras, os santos de devoção familiar, os instrumentos, a voz e a performance dos devotos funcionam como metáforas que resgatam a memória dos ancestrais evidenciando assim que existe de fato uma poética de revivescência de antigos devotos nestas comunidades. Além disso, a socialização percebida nos grupos estabelece um elo e fortalecimento da devoção. Isso se percebeu principalmente nos momentos de comensalidade no qual existe ajuda mútua e demonstrações de solidariedade.

A partir das pesquisas de campo, foi possível incorporar ao texto evidências que corroboram a confirmação da hipótese. Em Silvânia, a continuidade anual da festa está diretamente relacionada à dedicação da família e dos amigos de Zé Carreiro. A memória do falecido é preservada nas falas dos devotos atuais, que reiteram as narrativas sobre o desejo de Zé em manter a devoção viva. Assim, observou-se que há uma fidelidade à sua memória, a qual sustenta o compromisso dos devotos em assegurar a perpetuação da Folia.

De maneira semelhante, na Capelinha do Mato Grande, observou-se um esforço significativo para manter a devoção ativa, em homenagem à memória de Nego Barroso. Durante as celebrações, sua fotografia, exposta no altar, simboliza o compromisso dos devotos em preservar e dar continuidade à tradição, reforçando a importância da memória coletiva na manutenção da devoção.

Durante os trabalhos de campo, foi possível observar o papel fundamental desempenhado pelos netos dos antigos líderes devocionais em ambas as comunidades. Esses jovens têm lutado para manter viva a devoção a São Sebastião, honrando o legado de seus avós falecidos. Em Silvânia, Aline, com apenas 18 anos, assumiu o papel de seu avô, Zé Carreiro, demonstrando firmeza e dedicação ao lado dos devotos mais experientes. No Mato Grande, Lucas Pedro destaca-se por sua devoção exemplar, tornando-se uma figura central na comunidade e assegurando a continuidade do desejo de seu avô, Nego Barroso. Assim, a

bandeira e o santo tornam-se símbolos do compromisso dessas gerações jovens que mantêm viva a tradição e a memória dos falecidos.

Embora o estudo tenha alcançado os objetivos propostos, algumas limitações foram identificadas, como a ausência de um período mais extenso para acompanhar de forma mais abrangente os giros da Folia e as novenas realizadas na comunidade de Mato Grande. Contudo, os dados coletados demonstraram-se suficientes para confirmar a hipótese da pesquisa. Evidenciou-se que a revivescência dos mortos, manifesta por meio da poética, dos gestos e dos rituais desempenhados pelos foliões, desempenha um papel crucial na preservação e continuidade da devoção em ambas as comunidades analisadas, uma vez que as festas giram em torno de Zé Carreiro e Nego Barroso. Ademais, a memória de outras pessoas falecidas também é resgatada nas festas. Isso foi evidenciado nas cantorias, rezas, rodas de conversa e manifestações ritualísticas, nas quais a presentificação do orago, por meio da bandeira, se constitui como um elemento central para o resgate dessas memórias. Esse processo, por sua vez, possibilita o compartilhamento dessas lembranças, transformando-as em uma experiência coletiva.

As reflexões apresentadas nesta dissertação podem contribuir para a elaboração de material de estudos voltados a crianças, jovens e adolescentes, especialmente aos estudantes das escolas da região, uma vez que oferecem registros significativos sobre as manifestações religiosas e culturais das áreas pesquisadas. Além disso, os resultados deste trabalho podem complementar os estudos de outros pesquisadores que já contribuíram para a temática, enriquecendo o conhecimento sobre as práticas devocionais e culturais locais.

Estudos futuros poderiam aprofundar a análise sobre o papel das mulheres nas práticas devocionais a São Sebastião, especialmente considerando a sua contribuição na decoração da festa, no canto, na reza e nas receitas dos alimentos servidos na festa. Nesse contexto, seria interessante explorar a participação delas nas diferentes funções da festa.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva de inspiração para novos estudos e contribua de maneira significativa para o avanço das discussões sobre as devoções a São Sebastião nas regiões de Silvânia e Leopoldo de Bulhões. Aproveito também para expressar meus sinceros agradecimentos pela oportunidade de realizar este trabalho, bem como pela possibilidade de resgatar lembranças da infância, período em que participei das Falias ao lado de minha família, tendo também a oportunidade de poder resgatar memórias de meus entes queridos já falecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.
- ARIES, Philippe. **O homem perante a morte**. Edição n.º 106047/7453. Tradução de Francisco Lyon de Castro. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000.
- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BORGES, Humberto Crispim. **História de Silvânia**. Goiânia, Cerne, 1981.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. (1994). **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus: 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida/São Paulo: Ideias & Letras, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam**. In: Maria de Fátima Oliveira; Robson Mendonça Pereira; Maria Idelma Vieira D’Abadia; João Guilherme da Trindade Curado. **Festas, Religiosidades e Saberes do Cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memórias do Sagrado: estudos de religião e ritual**.: São Paulo: Paulinas, 1985
- CARDOSO, Vinícius Miranda. **O padroeiro principal da terra: poderes locais e o culto político religioso de São Sebastião no Rio de Janeiro, c.1680-c1760**. Tese(doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social. 282.f. Rio de Janeiro, 2017.
- CASTRO, Sebastião Luís Petronilho de. **O cruzeiro e suas histórias cruzadas: devoções e experiências entre a Umbanda e o Catolicismo em Juiz de Fora**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- CHAVES, Wagner Neves Diniz. **A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José**. Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2009.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. Tradução: Paulo Neves. São Paulo; Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LOBO, Aline Santana; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; LOBO, Tereza Caroline. Folias e Terços cantados: caminhos metodológicos de uma pesquisa de campo em festas populares. In: João Guilherme da Trindade Curado; Maria Idelma Vieira D'Abadia; Eliézer Cardoso de Oliveira; Ademir Luiz da Silva. (Org.). **No Rastro da Bandeira:** terços, festas e Folias. 1ed. V. 1, p.15-24. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2017.

LOBO, Aline Santana. **Sons e movimentos: sentidos do sagrado na musicalidade da Folia de Santos Reis em Pirenópolis, Goiás.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – TECCER/ UEG, Anápolis, 2017.

LOBO, Tereza Caroline; CURADO, João Guilherme da Trindade. **As Folias do Divino em Pirenópolis, Goiás: Patrimônio Cultural.** In: Maria de Fátima Oliveira; Robson Mendonça Pereira; Maria Idelma Vieira D'Abadia; João Guilherme da Trindade Curado. **Festas, Religiosidades e Saberes do Cerrado.** Anápolis: Editora UEG, 2015.

LOBO, Aline Santana; LOBO, Tereza Caroline; CURADO, João Guilherme da Trindade. *Pirenópolis, paisagens sonoras.* Goiânia: Kelps, 2021.

MESQUITA, Fábio de Azevedo. **A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro:** uma aproximação histórico-teológica. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun. p. 155-174. São Paulo: PUC-SP, 2015.

MILLI, Cátia Regina. **A Antropologia e o Estudo dos Símbolos em Rituais e Religião:** um percurso teórico. Anais do Seminário de Ciências Sociais, v. 2, 2017.

MUNHOZ, Adauto Felisário. **Vida de São Sebastião: orações, ladainha e novena.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2018.

NASCIMENTO, Lucas Pedro do. **Ele desceu lá do céu, na bandeira assentou:** catolicismo popular e devoção a São Sebastião em Leopoldo de Bulhões e Silvânia – Goiás. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – TECCER/ UEG, Anápolis, 2019.

NASCIMENTO, Lucas Pedro do. **Ele desceu lá do céu, na bandeira assentou:** catolicismo popular e devoção a São Sebastião em Leopoldo de Bulhões e Silvânia, Goiás. CRV: Anápolis, 2021.

NOAL, Fernando Oliveira. **As trocas simbólicas e o tempo do desaparecimento.** Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

OLIVEIRA, Maria de Fátima; PEREIRA, Robson Mendonça; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CURADO, João Guilherme Trindade. **Festas, religiosidades e saberes do cerrado**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam*. Anápolis: UEG, 2015.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PERES, Sonia Maria Zanezi. **Maurice Halbwachs e a memória coletiva e individual**. Revista Missioneira, v. 23, n. 2, p. 71-78, 2021.

PERGO, Vera Lúcia. **Os rituais na Folia de reis: uma das festas populares brasileiras**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>. Acesso em 2020.

RAFFESTIN, Claude. **“Repères pour une théorie de la territorialité humaine”**. In: DUPUY, Gabriel et alli. *Reseaux territoriaux*. Caen: Paradigme, 1988.

SACK, Robert. *Human territoriality: Its theory and history*. New York: Cambridge, 1986.

SACK, Robert. **Human territoriality: Its theory and history**. New York: Cambridge, 1986.

SCHIFFLER, Michele Freire. **Literatura oral e performance: a identidade e a ancestralidade no ticumbi de Conceição da Barra, ES**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Letras. 280f. Espírito Santo, 2014.

SILVA, A. C. L. F. da (org.); SILVA, L. R. da (org.). **Mártires, confessores e virgens: culto aos santos no Ocidente medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVANIENSE, Silvânia. **Folia de São Sebastião**. YouTube, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o66k__ruDhw. Acesso em: 15 nov. 2024.

TREMURA, Welson Alves. **A Música Caipira e o Verso Sagrado na Folia de Reis**. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>. Acesso: 2020.

TUNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade**. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói; Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VARAZZE, Jacopo, Arcebispo de Gênova, ca., 1229-1298. **Legenda áurea: vidas de santos** / Jacopo de Varazze ; tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. — São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. s/c: Cosacnaify, 1986.